

**Revista do Instituto Histórico  
e Geográfico de Goiás**



**Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**

# **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**

**Nº 24**

**Goiânia, 2013  
Editora Kelps**

Copyright © 2013 by Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

**Editora Kelps**

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616

Fax: (62) 3211-1075

E-mail: [kelps@kelps.com.br](mailto:kelps@kelps.com.br)

homepage: [www.kelps.com.br](http://www.kelps.com.br)

**Comissão Técnica**

*Carlos Augusto Tavares*  
*Diagramação e arte da capa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

**BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS**

REV Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás /  
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. – n. 24 (2013) –  
Goiânia : Kelps, 2014.

206 p.: il.

ISSN: 2175-1269

1. Goiás - História. I. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.  
I. Título

CDU: 94(817.3) (05)

**DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2013

**DIRETORIA DO IHGG**  
**Gestão: 2013-2017**

Presidente: **Geraldo Coelho Vaz**

1º Vice-Presidente: **Hélio Moreira**

2º Vice-Presidente: **Nancy Ribeiro de Araújo e Silva**

3º Vice-Presidente: **Luiz Augusto Paranhos Sampaio**

Secretária Geral: **Elizabeth Abreu Caldeira Brito**

1º Secretário: **Orlando Ferreira de Castro**

2ª Secretária: **Jacira Rosa Pires**

Tesoureiro: **Waldomiro Bariani Ortencio**

2º Tesoureiro: **Nelson Lopes Figueiredo**

1º Orador Oficial: **Licínio Leal Barbosa**

2º Orador Oficial: **Rogério Arédio Ferreira**

1º Bibliotecário: **Francisco Itami Campos**

2º Bibliotecário: **Iuri Rincon Godinho**

Diretoria de Museu: **Maria Terezinha Campos Santana**

Diretoria de Arquivo: **Antônio César Caldas Pinheiro**

Diretoria da Revista: **Lena Castello Branco F. de Freitas**

Assessoria de História: **Juarez Costa Barbosa**

Assessoria de Geografia: **Horieste Gomes**



# Sumário

Apresentação .....	9
--------------------	---

## DISCURSOS

Discurso de posse

<i>Geraldo Coelho Vaz</i> .....	13
---------------------------------	----

Discurso do presidente de honra do IHGG

<i>Governador Marconi Perillo</i> .....	19
---	----

Discurso do Chefe da Casa Civil

<i>Deputado federal Vilmar Rocha</i> .....	23
--	----

Discurso das comemorações dos 75 anos de fundação do jornal *O Popular* e 50 anos da *TV Anhanguera*

<i>Ursulino Tavares Leão</i> .....	25
------------------------------------	----

Discurso de recepção de novos associados

<i>Aidenor Aires</i> .....	29
----------------------------	----

Discurso de posse

<i>Jales Guedes Coelho Mendonça</i> .....	35
---	----

Discurso de posse

<i>Itaney Francisco Campos</i> .....	41
--------------------------------------	----

Sessão da saudade ao sócio-titular Mauro Borges Teixeira

<i>Luiz Augusto Paranhos Sampaio</i> .....	45
--	----

## ARTIGOS

Valparaíso de Goiás-GO e sua relação com o Distrito Federal: Mobilidade espacial e identidade

<i>Eliete Barbosa de Brito Silva e Leandro Mendes Rocha</i> .....	51
---	----

Sonho de João Leite <i>Jeremias Lunardelli Neto</i> .....	73
Memórias Folhetinescas de Pablo Neruda em <i>O Cruzeiro Internacional</i> <i>Delson Biondo e Cecília Zokner</i> .....	77
Mais um Dia do Índio <i>Antônio Teixeira Neto</i> .....	103
Patologia médica na literatura regional goiana <i>Joffre Marcondes de Rezende</i> .....	111
Enganos do carbono: <i>a visão poética e criatividade de um grande escritor</i> <i>Moema de Castro e Silva Olival</i> .....	133
Literatura Regionalista em Goiás: destaque para Hugo de Carvalho Ramos <i>Hélio Moreira</i> .....	153
Goiânia: mitos e realidade <i>Lena Castello Branco Ferreira de Freitas</i> .....	161
Festa Cívico – Cultural em Porangatu <i>Ana Braga e Hélio Moreira</i> .....	173
ATIVIDADES DO IHGG .....	187
SÓCIOS DO IHGG .....	197
GALERIA DE FOTOS .....	203

## Apresentação

Ao assumir a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, sabia do seu testemunho de dar continuidade às publicações da Revista, pela sua importância, como também, divulgar os trabalhos de seus associados e dos estudiosos da historiografia.

A nossa Instituição – mais antiga do Estado – fundada na antiga Capital, Vila Boa de Goiás, no ano de 1932, de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos ou interesse econômico, tem por objetivo perpetuar a memória Histórica e Geográfica de Goiás e do Brasil.

Vamos manter a orientação e direção que vêm sendo adotadas já há alguns anos, pela pessoa da qual orgulhamos pela sua cultura e saber, a insigne historiadora brasileira, professora competente e de caráter ilibado, Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, que muito tem contribuído para o engrandecimento cultural do Estado de Goiás. Aplaudimos seus esforços e sua reconhecida dedicação.

Para a revista número 24 da Instituição, publicamos alguns discursos que registram a memória como a do presidente empossado do IHGG e do presidente de Honra da referida Instituição, governador Marconi Perillo, por ocasião das festividades comemorativas do 80º aniversário do Instituto, bem como o do sócio honorário e chefe da Casa Civil, deputado Vilmar Rocha. Ainda no corrente ano, fez acontecer solenemente no *Auditório Augusto da Paixão Fleury Curado* o registro pelas comemorações dos 75 anos da fundação do jornal *O Popular* e 50 anos da *TV Anhanguera*, oratória brilhante do sócio emérito e ex-vice governador Ursulino Leão.

No mesmo ano, nessa oportunidade, prestamos a mais viva e sincera homenagem aos dois historiadores que tomaram posse nas

Cadeiras números 5 e 8, na categoria de sócios titulares: Jales Guedes Coelho de Mendonça e desembargador Itaney Francisco Campos, respectivamente, sendo recepcionado pelo ex-presidente do IHGG, escritor Aidenor Aires.

O IHGG lamenta o desaparecimento do sócio titular e ex-governador do Estado de Goiás, coronel do glorioso Exército Brasileiro, Mauro Borges Teixeira, em cuja Sessão da Saudade, o pronunciamento ficou a cargo do advogado e mestre Luiz Augusto Paranhos Sampaio, que no panegírico elogiou e engrandeceu a administração progressista frente aos destinos do Estado.

Diversos artigos foram inseridos na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, sob a responsabilidade de nomes representativos dos historiadores Eliete Barbosa de Brito e Leandro Mendes Rocha; Delson Biondo e Cecília Zokner e mais, Jeremias Lumardelli Neto, Antônio Teixeira Neto, Joffre Marcondes de Rezende, Moema de Castro e Silva Olival, Hélio Moreira, Lena Castello Branco Ferreira de Freitas e Ana Braga.

Assim, pois, a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, mais uma vez, da continuidade à sua tradição, trazendo à luz da sabedoria importantes produções históricas e científicas relevantes do digno trabalho dos associados.

Goiânia, dezembro de 2013  
Geraldo Coelho Vaz

# DISCURSOS



## Discurso de posse

Geraldo Coelho Vaz

Quando adentrava neste auditório, que leva o nome de um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, professor e historiador Augusto da Paixão Fleury Curado, deparei-me com tantos amigos e estudiosos da historiografia goiana, que não resisti a tantas emoções e, ao mesmo tempo, a alegria acompanhada de uma grande responsabilidade em dirigir esta instituição cultural, a mais antiga de nosso Estado.

Aqui cheguei há quase três décadas pelas mãos do ativista cultural, defensor de nosso patrimônio, pesquisador invejável, amigo de longes datas, professor José Mendonça Teles, que ocupava, na época, uma das cadeiras desta Casa.

Aqui estou chegando, após uma longa caminhada, trabalhando com papéis e jornais envelhecidos com o tempo, fazendo da pesquisa o seu defensor, dos fatos e verdades históricas de Goiás e do Brasil, com o fim específico de cumprir com fidelidade os ideais de um estudioso da história.

Esta vocação pela pesquisa surgiu no final da década de 1950, quando conheci e apreciei com júbilo, por empréstimo de um amigo, a **Antologia Goiana**, de Veiga Neto, obra premiada pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, no ano de 1944, que no dizer do próprio autor “tendo em vista tornar mais conhecido das gerações atual e futura os vultos que honraram a literatura do Estado mediterrâneo”.

Era o ano de 1959, primeiro Centenário de Emancipação Política de Catalão; inspirado na obra de Veiga Neto, pesquisei, obedeci com

---

\* Discurso de posse na presidência do IHGG do Sócio Emérito Geraldo Coelho Vaz.

todo rigor e disciplina e me lancei a este trabalho por vários meses, para que as festividades não passassem em brancas nuvens, como disse o poeta, e marcar com letras imorredouras e perpétuas, nomes a serem lembrados de intelectuais que existiram e existem nesta cidade para a glória e grandeza catalana, muito bem denominada “Atenas de Goiás”.

Tive, de fato, meses de pesquisas e, graças ao apoio financeiro do industrial e mecenas, Nilo Margon Vaz, e incentivo de meu pai, vi realizado, com orgulho e alegria, meu primeiro livro à luz do conhecimento humano, com o sugestivo título **Vultos Catalanos**, hoje em sua terceira edição.

Início dos meus sonhos, os quais venho sonhando até os dias atuais. O sonho não envelheceu, está vivo e vivencia em meu corpo e em minha alma cada instante. A lâmpada clara dos meus pensamentos e dos meus trabalhos à cata de documentos amarelecidos e perdidos na escuridão do tempo está cada vez mais viva.

Hoje, estou com a incumbência de presidir uma das mais importantes instituições culturais do Estado de Goiás. Faço com a humildade de saber suprir a emoção, mas que é impossível calar, precisamente no dia em que assumo a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

A primeira tentativa da fundação de nossa entidade foi com base na lei nº 629, de 2 de agosto de 1918, iniciativa do filho de Bonfim, hoje Silvânia, historiador e político Americano do Brasil que, também, prefixava para o dia 26 de julho do ano seguinte, sua instalação, o que não ocorreu, por força de uma politiquice estadual, ocorrida no governo de João Alves de Castro.

A segunda, pouco mais de dez anos da primeira, graças ao idealismo do professor Colemar Natal e Silva, chegando a presidir uma reunião para essa finalidade. Com a Revolução de 30, houve um esvaziamento da área cultural e redobrados esforços na área política do Estado de Goiás.

Ainda na velha capital, Cidade de Goiás, conforme documentos escritos e arquivados, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás foi, formalmente, fundado, aos 7 dias do mês de outubro de 1932, graças

à iniciativa do advogado e professor José Honorato da Silva e Souza, secretário do interventor Pedro Ludovico Teixeira, que, na época, ocupava o cargo de Diretor Geral do Interior e convidou alguns intelectuais para a primeira reunião no salão nobre do Palácio da Instrução.

Contou com a presença de diversos intelectuais, como o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, Vasco de Souza, Agnelo Arlington Fleury Curado, Colemar Natal e Silva, Dario Délio Cardoso, Alfredo de Faria Castro, Luiz Ramos de Oliveira Couto e Augusto da Paixão Fleury Curado.

Declarada aberta a sessão, o professor José Honorato, que presidia a reunião, expôs a finalidade daquele encontro e depois de fazer importantes apreciações sobre a necessidade de se criar o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, salientou o abandono que, até o momento, se achava voltado ao estudo de nossa história e de nossa geografia, fazendo ainda, sentir os incalculáveis prejuízos de ordem intelectual e moral, decorrentes da inexistência de uma instituição que tomasse a seu cargo a iniciativa de velar sobre tão altos interesses. Ao mesmo tempo foi eleita a diretoria provisória que se encarregasse de assentar as bases para a fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, sendo presidente o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo; 1º secretário, Dario Délio Cardoso; 2º secretário, Alfredo de Faria Castro; Tesoureiro, Agnelo Arlington Fleury Curado; Orador, Luiz Ramos de Oliveira Couto.

Depois de consolidada a entidade cultural, aprovado o estatuto, foi eleita a primeira diretoria efetiva, ficando na presidência o professor Colemar Natal e Silva, que permaneceu por aproximadamente 23 anos, período no qual conseguiu, com o então Interventor Federal de Goiás, dois lotes privilegiados na esquina das ruas 82 com 85, que mais tarde, com seus esforços e o idealismo de grande vencedor, tornou-se realidade o prédio edificado para a sede própria do Instituto, casa em estilo **art déco** que não é tombada pelo patrimônio histórico de Goiás.

Além desses dois presidentes, a Instituição teve, ainda, os historiadores Alfredo de Faria Castro, Zoroastro Artiaga, Gilberto Mendonça Teles, Basileu Toledo França, José Mendonça Teles e Aidenor

Aires, cada qual, com filosofia própria para trabalhar e dignificar o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, que é uma associação civil, pessoa jurídica de direito privado e de caráter cultural e científico, sem fins lucrativos ou interesses econômicos, reconhecido de utilidade pública estadual e municipal; tem por finalidade precípua constituir-se em guardião da Memória Histórica e Geográfica de Goiás, parte integrante e relevante da Memória Cultural Brasileira.

Venho, com a humildade franciscana, em companhia dos eleitos para o período de 4 anos, conforme preceitua o novo estatuto da Casa, ouvi-los nos novos projetos e dar continuidade aos trabalhos do dinâmico presidente, Aidenor Aires, que dignificou como mestre em sua importante e invejável gestão, colocando nos píncaros da glória como um grande vencedor e dinamismo de um administrador que sempre abraçou as causas culturais.

Evidente que todos da nova diretoria nos envaidecem e agradecemos a indicação e votação de nossos nomes para dirigir este importante organismo, que é o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, um sodalício respeitável, que congrega alguns dos mais eminentes intelectuais de nosso Estado, Casa do patriarca Colemar Natal e Silva, cuja memória homenageamos com todo respeito e o coração cheio de saudades. Não podemos esquecer do dinamismo e liderança do querido professor José Mendonça Teles, que presidiu esta casa com eficiência, conquistando diversos projetos que fizeram crescer às alturas o nome de nossa Instituição.

Esta Casa, com 81 anos de vida, é uma escola de estudos e pesquisas que enriquece a memória histórica e cultural de nosso Estado. Sua biblioteca e seu arquivo, conservamos com amor e carinho.

Muito bem disse o nosso brilhante sócio-titular, ex-governador e historiador, Mauro Borges Teixeira, que nos deixou recentemente, “o país que não resgata e não reverencia a sua história, cai no esquecimento”.

Esta honra tem um valor muito grande e especial para mim. Daqui para adiante vamos lutar e pedir a colaboração de todos, não só dos associados, como também dos amantes da historiografia goiana, porque, lembrando a poetisa Cora Coralina, quando disse da responsabilidade

de cada um, “é preciso rever, escrever e assinar os autos do passado antes que o tempo passe tudo a raso”.

Agradecemos a presença das autoridades, dos empossados, familiares, funcionários, amigos e todos os presentes.

Que Deus nos ilumine e nos dê sabedoria, hoje, agora e sempre....

Obrigado!

Goiânia, 15 de abril de 2013.



## Discurso do presidente de honra

Governador Marconi Perillo<sup>1</sup>

Senhoras e Senhores,

Aqui celebramos um destes eventos que marcam para sempre as nossas vidas, oportunidade em que reverenciamos a trajetória de uma instituição que sintetiza a nossa marcha cultural, que traz a marca do altruísmo e da abnegação ao preservar as raízes de um povo.

Os 80 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás são um marco, um acontecimento de dimensão, um fato que aviva o nosso orgulho e amplia a nossa consciência a respeito da necessidade suprema de preservação da memória de uma sociedade para que permaneça viva, evolutiva, transformadora.

Com muita honra, em nome das personalidades que neste conclave foram alvo de homenagens pelos excepcionais serviços prestados, quero manifestar a nossa eterna gratidão ao colegiado que dirige o Instituto e, mais uma vez, reafirmar os nossos compromissos no sentido de sempre colaborar para que esta missão permaneça revigorada e plena.

Especialmente para mim, é uma imensa honraria compor a galeria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás na condição de Presidente de Honra, um posto de grande distinção que muito me dignifica e me enobrece.

A despeito das dificuldades e das características de cada período histórico, o Instituto soube, ao longo das décadas, vencer barreiras e superar obstáculos para dar continuidade – desde a fundação em 1932,

---

<sup>1</sup> Discurso proferido por ocasião das comemorações dos 80 anos do IHGG.

na antiga Capital do Estado -- a esta tarefa hercúlea de “constituir-se em guardião da memória histórica e geográfica de Goiás, parte integrante e relevante da memória cultural brasileira”, como estabelece o artigo primeiro do estatuto de 1975 e reformulado em 2008.

Naquele momento distante em que o estudo da história e da geografia no Estado enfrentava uma quadra de ostracismo e de abandono, devemos neste ato cultuar a atitude dos abnegados que atenderam a convocação de José Honorato da Silva e Souza, que participava do governo de Pedro Ludovico Teixeira, para tornar o Instituto realidade.

A todos os fundadores, presto a minha homenagem na saudosa lembrança do Presidente eterno desta casa, este homem singular, inquieto, brilhante e grande realizador que foi Colemar Natal e Silva.

Além do Instituto, o professor Colemar fundou a Academia Goiana de Letras e a Universidade Federal de Goiás, sendo o seu primeiro reitor. Jornalista, jurista, historiador e pesquisador, sua folha de serviços prestados ao Estado é extraordinária e intensa, sendo alvo de inúmeras condecorações e distinções.

Senhoras e Senhores,

Colemar Natal e Silva permanece como viva inspiração para as mulheres e os homens que hoje se dedicam ao prosseguimento de tão relevantes tarefas empreendidas pelo Instituto, ao colocar em prática os objetivos assim definidos: “Recolher, classificar, conservar e preservar papéis, manuscritos de valor histórico, correspondências, diários e outros registros de fatos, atos e eventos, fotografias, apontamentos, originais de livros, edições, jornais, periódicos e outras manifestações do pensamento, que interessem à memória histórica e geográfica brasileiras, e de Goiás”.

Não há como descrever a importância deste trabalho realizado pelos que, efetivamente, amam Goiás e o seu povo, que perseveram para preservar a nossa genuína identidade cultural!

Desta forma, tudo o que fiz em prol do Instituto, desde as providências para que fosse concluída a obra do novo prédio até as iniciativas para o seu equipamento, bem como o apoio pessoal e institucional para que prossiga com êxito as atividades, se torna pequeno

ante a grandiosidade dos que assumem no dia-a-dia a gigantesca responsabilidade de ser tornarem guardiões de nossa história e de nossa memória.

Dentre tantos que se postaram à frente do Instituto e no cotidiano do trabalho voluntário, quero reverenciar a todos nas pessoas ilustres de Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, primeiro presidente; José Mendonça Teles, presidente vitalício, e o nosso atual presidente, grande poeta brasileiro Aidenor Aires, detentor de diversos prêmios locais e nacionais, um dos fundadores da Academia Goianiense de Letras, membro da Academia Goiana de Letras, com ampla militância na advocacia e no ministério público, e a quem a Assembleia Legislativa em 2009, com muita justiça, laureou com o título de “Cidadão Goiano”.

Por fim, não poderia ser mais feliz a escolha dos personagens que dão nome às medalhas com que fomos agraciados nesta noite:

O grande historiador Luis Palacín Gomez, de saudosa lembrança, um presente da Espanha para nosso povo, um homem que cultivou um profundo amor a esta terra, e que fez da sua vida um sacerdócio voltado para o estudo da história de Goiás e do Tocantins. Padre Palacín é ainda apontado como um investigador pioneiro ao fazer uso do método histórico para a reconstrução das trajetórias dos dois Estados.

O cartógrafo Francesco Tosi Colombina, o engenheiro militar genovês a serviço da Coroa Portuguesa autor de diversos mapas que registraram a ocupação do hoje Planalto Central.

A historiadora Gilka Vasconcelos, goiana de Rio Verde, escritora, pesquisadora, ensaísta, memorialista, cronista e contista, integrante de várias entidades culturais, sociais e de classe, pioneira e de destacada atuação em programas de pós-graduação da UFG.

Às ilustres autoridades que receberam as medalhas, quero saudar e apresentar os meus sinceros cumprimentos.

Senhoras e Senhores,

Esta é uma oportunidade para reafirmar o que tem sido uma forte opção de meus governos: o incentivo permanente e contundente a todas as ações e iniciativas que forjam o novo cenário das artes, da literatura, da cultura em nosso Estado.

Vamos continuar com eventos e empreendimentos de ponta a que não medimos esforços para que, cada vez, mais fortaleçam os seus perfis e atividades.

A conclusão das obras do Centro Cultural Oscar Niemeyer, a revitalização do Teatro Goiânia, as reformas da Biblioteca Pio Vargas, da Biblioteca Braille e do Museu da Imagem e do Som são algumas destas iniciativas.

Produções como os festivais Fica, na Cidade de Goiás, Canto da Primavera, em Pirenópolis, e TeNpo, Mostra de Teatro Nacional em Porangatu, são ícones de uma era que se abriu para Goiás com o esplendor da criatividade e do fazer cultural.

Fortalecer e apoiar integralmente o trabalho do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás são nosso propósito permanente e um compromisso perene no sentido de preservar a nossa memória coletiva.

Como sociedade produtora de conhecimento, tudo devemos fazer para valorizar as raízes de onde provêm a identidade do nosso povo, permitindo-se a plena transmissão de experiências do passado para o presente.

Afinal, é justamente a memória o instrumento que nos possibilita rever o passado no presente e prospectar o futuro, o que requer conservar as informações e os artefatos da coletividade.

É assim que identificamos as singularidades e melhor percebemos a riqueza cultural de nossa gente, os grandes fatos e feitos notáveis!

Em nome dos homenageados, uma vez mais agradeço ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás pela deferência nesta noite única quando aqui, de maneira afetuosa, brindamos os 80 anos do IHGG.

Esta Instituição, cotidianamente, nos lembra que a existência humana não tem sentido se não vivermos as próprias raízes.

Através do passado, balizamos o crescimento no presente, sempre na direção de futuro que haverá de prosseguir grandioso, solidário, realizador!

Boa noite a todos e muito obrigado!

## Discurso do chefe da Casa Civil

Deputado federal Vilmar Rocha<sup>1</sup>

Senhoras e Senhores,

Houve um trecho da história política de Goiás que registrou nobres momentos, assim como a atuação de personagens igualmente nobres.

Os grupos que se opunham uns aos outros, especialmente os que se aliavam ao eixo do antigo PSD e o da coligação UDN- PSP, cruzavam-se em intensas batalhas, mas sem nunca baixar o nível, observando sempre as regras mais civilizadas.

Personagem digno desse tempo nobre foi o médico e político José Peixoto da Silveira, um grande líder cuja carreira política iniciou-se em Jaraguá, município no qual o PSD e a coligação UDN—PSP confrontava-se com ardor, mas sem a perda da elegância, da lealdade.

Nascido no interior de Minas, na cidade de Cristais, e diplomado em medicina em Belo Horizonte, José Peixoto da Silveira ligou-se pela profissão à cidade goiana de Jaraguá.

O sacerdotal exercício da medicina e a atenção social à população o levaram para o cenário político. Começou como prefeito de Jaraguá.

Participou, Peixoto da Silveira de um histórico e importante momento político, integrando a Assembleia Estadual Constituinte de 1947, da qual fizeram parte dois outros médicos ligados a Jaraguá — Paulo Alves Costa e José Fleury.

Continuaria se elegendo deputado estadual e, posteriormente, deputado federal, além de ter sido Secretário da Saúde, da Fazenda e da Educação.

---

<sup>1</sup> Discurso do chefe da Casa Civil e Sócio Honorário do IHGG, deputado federal Vilmar Rocha, em homenagem pelo centenário de José Peixoto da Silveira.

Quando o Governo de Juca Ludovico assumiu a responsabilidade de desapropriar rapidamente as terras que iriam construir a área do Distrito Federal no Planalto Goiano, a fim de que se iniciasse a construção de Brasília, coube-lhe a missão de negociar empréstimos bancários que se somariam a recursos do Erário para a indenização das terras desapropriadas.

Isto permitiu que o cronograma da construção fosse plenamente viabilizado.

Assim como proporcionou esta colaboração, Peixoto da Silveira esteve, o tempo todo da administração de Juscelino Kubitschek, na linha de frente de apoio à notável gestão que permitiu o Brasil avançar cinquenta anos em cinco e Goiás em escala ainda maior.

Foi candidato a governador do Estado num momento que exigiu coragem e, derrotado por uma escassa diferença por Otávio Lage, rendeu-se com espírito democrático ao resultado.

José Peixoto da Silveira e sua esposa, Galiana Rios, escritora, tiveram o prazer de ver o filho Flávio ser ministro do Governo José Sarney, mas escolhido por Tancredo Neves. E ele, que foi escritor e integrante da Academia Goiana de Letras, assistiu ao início da bela carreira literária de sua filha Maria José.

Sua primeira filha, Lúcia, tornou-se conceituada arquiteta e também se dedica à literatura. O filho caçula José Peixoto da Silveira Júnior, o PX Silveira, destaca-se também muito na vida cultural. Seu filho Otávio é economista e destacado empresário, sendo pai ainda de Maria das Graças, Jacinta Bernadete e Fernando.

Senhoras e Senhores

O Presidente norte-americano John Kennedy afirmou que a política é um ofício que não pode ser exercido sem companhia da honra.

Peixoto da Silveira teve sempre a companhia desse belo sentimento.

Muito obrigado!  
Goiânia, 04 de maio de 2013

## Discurso das comemorações dos 75 anos de fundação do jornal *O Popular* e 50 anos da *TV Anhanguera*

Ursulino Tavares Leão<sup>1</sup>

Quando eu acordo, constato imediatamente que a Providência Divina me concedeu a riqueza de um novo dia. E quando abro a janela do meu quarto, sinto que a luz da manhã é um sopro de Deus em minha alma. Então, traçando uma cruz na testa, outra sobre os lábios e a última no peito, me declaro disposto a aceitar os ditames de Sua excelsa vontade, que ocorrerão em meu novo dia.

O primeiro sinal exprime um pedido ao Espírito Santo para que meus pensamentos e minhas ideias jamais se transmudem em atos de desamor; o seguinte implora, ao Verbo que se fez carne, a graça necessária para que minhas palavras, escritas ou faladas, sejam sempre instrumento de fraternidade e nunca espada de ofensas imperdoáveis; o terceiro, endereçado ao Pai, roga sua ajuda para que meu coração se transforme numa colmeia, cujos favos sejam compreensão, tolerância e partilha, e não um covil de sentimentos egoístas.

Talvez tenha sido por causa desse hábito que, quando me assentei à mesa, apanhei uma bic de tinta preta, me debrucei sobre uma folha de papel sem linhas para principiar a cumprir a honrosa incumbência, que o caro presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, poeta e historiador Geraldo Coelho Vaz, me havia conferido, me veio à lembrança a simbologia do número três. É, pois como portador da justa e oportuna homenagem que nossa veneranda instituição presta ao jornal *O Popular*, pela passagem do seu aniversário, e à *Televisão Anhanguera*, que acaba de registrar, na agenda de seus ofícios meio

---

<sup>1</sup> Sócio-Emérito do IHGG.

século de existência, que ora saúdo, com respeito e admiração, os ilustres representantes de ambos aniversariantes, nesta memorável sessão solene, e alhures: senhores Jaime Câmara, Marcos Tadeu Câmara, Luiz Fernando Rocha Lima, Guliver Augusto Leão, Ronaldo Borges Ferrante e Breno Machado.

Senhoras e senhores:

Já vos confessei como começo minha viagem diária pelas horas. Falta-me vos declarar que admito plenamente o valor simbólico do número três.

De fato, o terceiro algarismo fundamenta a estrutura de religiões e sistemas filosóficos: no Cristianismo, um só Deus em três pessoas; no Hindismo, Brahma, Vishnu e Shiva; nas divindades egípcias, Isis, Osíris e Hórus; as vigas mestras do humanismo cristão são o amor, a esperança e a fé.

O amor é a presença de Deus nos pensamentos, nas palavras e ações do homem; a fé é a crença de que o inverossímil é factível, é a convicção de que há uma realidade além da bruma que nos cega. E quando Epimeteu abriu a caixa de Pandora, que Minerva, a deusa da sabedoria, lhe havia dado, todos os males encerrados nela se espalharam pelo mundo; somente a esperança permaneceu na bolsa...

Outros exemplos, que retratam a significação emblemática do número três, são também bastante conhecidos: a Filosofia nos apresenta um percurso ternário: tese, antítese e síntese; no tempo, o passado, o presente e o futuro, no corpo humano, três partes: cabeça, tronco e membros; e no Mundo, três subcontinentes: América do Sul, América Central e América do Norte...

Todavia, neste momento devo passar-me à tarefa que me apraz realizar, isto é, revestir, com a pátina de nossa imperecível afeição, os três pilares que, nos espaços ilimitados da comunicação, sustentam esse vigoroso complexo empresarial que, com o nome de Organização Jaime Câmara, notabilizou Goiás; e que hoje, sob a moderna denominação de Grupo Jaime Câmara, ultrapassou as fronteiras de nosso País. São eles: Vicente Rebouças Câmara, Joaquim Câmara Filho e Jaime Câmara.

Rebouças, o mais velho desse exponencial trio, era o pé-de-boi das iniciativas de seus irmãos; Joaquim Câmara Filho, tal qual definiu o escritor José Asmar, foi o Revoltoso que promoveu Goiás; o Interventor Pedro Ludovico Teixeira, num inspirado discurso, sugeriu que, como prova de gratidão, Goiânia lhe erigisse uma estátua; Jaime Câmara, com sua inteligência singular e extraordinária capacidade de trabalho, converteu os inícios difíceis em esplêndida construção.

O engenheiro agrônomo Câmara Filho, na direção do recém-criado Departamento de Imprensa, Propaganda e Expansão do Estado, com uma atuação enérgica e ininterrupta, a partir de 1935, levou Goiânia ao conhecimento de todo o povo brasileiro e à consideração socioeconômica de nações poderosas, além-mar.

Meus confrades e amigos:

Fundado no princípio da época de Goiás que se chamou Goiânia, precisamente no dia 3 de abril de 1938, o *Jornal O Popular* se tornou, sem demora, arauto da Nova Capital e porta-bandeira dos sonhos de progresso do Estado.

A *Televisão Anhanguera*, pelo contrário, enviou as imagens primordiais de sua incipiente programação aos céus e lares goianos, num período em que havia muita turbulência nos ares do Brasil, 1963.

Sucedeu, porém que sua rápida evolução foi inesperadamente interrompida, em 1967, exatamente num domingo, dia 10 de setembro, por um incêndio catastrófico. Jaime, no comendo da Organização, revidou corajosamente a agressão do destino. Com bonita frase, alusiva ao fabuloso poder da ave Fênix, afirmou: *Vamos ressurgir das cinzas, não vamos apenas chorar.*

Dito e feito: antes que a sinistra ocorrência completasse duas semanas a *TV Anhanguera* voltou ao ar.

Senhores:

O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, reconhecendo e proclamando a importância histórica dos 75 anos de *O Popular* e o cinquentenário da *Televisão Anhanguera*, deliberou homenagear também

os responsáveis pela sua existência, na pessoa de os descendentes deles: Jaime Câmara Junior, filho de Jaime Câmara e Célia Câmara; Cristiano Câmara, filho de Junior e de Maria Alice Roriz Câmara, neto do Jaime; Tasso José Câmara e Marcos Tadeu Câmara, filhos de Joaquim Câmara e Hilda Câmara.

E o faz com sinceridade e carinho porque essa ilustre família, admiravelmente unida, continua elaborando, de forma magistral, a saga desses três grandes vultos da Imprensa, nos históricos altiplanos do Brasil: Jaime, Joaquim e Rebouças Câmara.

Muito obrigado!

Goiânia, 11 de setembro de 2013.

# Discursos de recepção de novos associados<sup>1</sup>

Aidenor Aires<sup>2</sup>

Inicialmente, devo externar minha satisfação pela honrosa tarefa de saudar os novos associados do IHGG, deferência e homenagem que me concede seu presidente, ilustre historiador Geraldo Coelho Vaz.

Nas fronteiras da necessária síntese que conforma estas palavras de acolhimento, proclamo como data a ser assinalada na história do Instituto e de cada um de nossos associados, inesquecível marco e padrão que assinalam as margens e os horizontes de convergentes caminhadas culturais.

Ao receber nos umbrais deste Instituto os historiadores, juristas e intelectuais, Dr. Itaney Francisco Campos e Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça e, como membros efetivos, conforme unânime manifestação de nossa assembleia, registro meu sentimento de grata honraria por estar presente e poder dar as boas vindas a estes confrades, no momento em que a Casa de Colemar Natal e Silva se faz médium para a tangência de nossas elipses existenciais.

A satisfação que enuncio em páldas palavras representa os sentimentos de todos os associados do IHGG, que veem fortes e renovados os octogenários esforços da instituição para reunir os melhores espíritos do estudo, pesquisa histórica e da inteligência goianas, no sentido de continuar sendo a casa de memória, o desenho das identidades e o concerto cultural da aventura dos goianos na pátria dos cerrados.

---

<sup>1</sup>Discurso de recepção de novos associados, Itaney Francisco Campos e Jales Guedes Coelho Mendonça, nas cadeiras 5 e 8 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

<sup>2</sup>Sócio titular, cadeira 20 e ex-presidente do IHGG.

Os objetivos delineados em 1932, por ocasião da fundação do IHGG na Cidade de Goiás, contemplavam a escassez dos estudos históricos em nosso estado. Relatos de governadores, de viajantes, clérigos e escritos forenses procuravam retratar a quase desconhecida epopeia que vinha dos socavões auríferos, passando por pousios, fazendas e corrutelas, desenhando o retrato da terra e da gente de Goiás no percurso de sua história.

Em seguida a esses registros, chegaram os aportes de estudiosos que, vindos da política, da magistratura, da medicina, do magistério ou do funcionalismo público dedicaram-se à pesquisa histórica nos moldes teóricos possíveis à época, muitas vezes impressionistas em face das fontes e das informações que davam fé aos seus escritos. Deve-se também considerar o aporte dos viajantes europeus, a exemplo de Pohl e Saint Hilaire, que devem ser lidos na abertura dos deslizamentos semânticos peculiares à sua visão eurocêntrica, em face de um mundo novo e de difícil leitura para seus instrumentais ideológicos.

Estão presentes no Instituto, como patronos ou como associados, os principais pensadores e agentes de nossa historiografia. Foram as bases, as raízes, sobre cujo estofado se tornou possível a edificação dos novos saberes historiográficos, à luz de novos aportes teóricos, novas metodologias e práticas contemporâneas da ciência histórica.

Em sua diacronia o Instituto pôde recepcionar essas diversidades, abrindo de forma democrática a pluralidade dos entendimentos, refletindo bem a composição eclética do povo goiano e a natureza plurívoca do próprio conhecimento, de nossa história e de nossa cultura.

É dentro desse projeto em curso que o Instituto hoje se engalana para, orgulhosamente, receber no finito horizonte de suas cadeiras os novos associados. Ambos chegam credenciados e dignos de pertencer ao colegiado. Ambos trazem em seus luminosos currículos as chaves que abrem as portas da instituição e os braços receptivos de seus confrades.

Dr. Itaney Francisco Campos, jurista, poeta e memorialista, é o exemplo do laborioso construtor de sua própria aventura. É filho da nortense Uruaçu, fundada por seus antepassados. Estudou em sua cidade natal, em Goiânia e Brasília. Com formação em Direito, com passagem

pelo curso de Letras , exerceu o magistério e a advocacia na região de Uruaçu. Chegou à magistratura em 1982 e, após exitosa carreira por várias comarcas, chega ao colegiado máximo do poder judiciário, o de Desembargador do Tribunal de Justiça de Goiás.

Tudo isto se encontra lavrado em seu currículo, apresentado com sua postulação ao Instituto. Ressaltando-se que, em toda sua peregrinação por comarcas e jurisdições, jamais desprezou as musas, Calíope ou Clio, a poesia e a inquietação de pesquisador.

Eleveu-se nos estudos acadêmicos, galgando os graus de especialista em Direito Processual Civil e Mestre em Direito Agrário pela Universidade Federal de Goiás. Exerceu o magistério em várias instituições e milita nas principais agremiações culturais de Goiás como UBE-GO, Academia Goiana de Direito, área cultural da Asmeço e do Tribunal de Justiça, entre outras.

Seu espírito associativo e sua atividade cultural nos diversos campos das letras, principalmente nos estudos históricos, o conduziram naturalmente a este Instituto.

As publicações: **Inventário do Abstrato, Notícias Históricas de Campinas, Antônio Teodoro da Silva Neiva — um escorço biográfico**, além da participação em coletâneas e antologias, e a publicação periódica de artigos sobre temas literários, históricos e jurídicos, dão bem notícia de sua atividade de pesquisador e criador no campo das letras. No primeiro livro, revela-se sua sensibilidade poética expressa em texto limpo, cioso da correção da linguagem e regente na utilização estética da palavra. Em **Notícias Históricas de Campinas**, Itaney comparece como historiador, reconstruindo, no reexame de documentos, pessoas e outros sinais do passado a saga do município que abrigou a nova capital. **Antônio Teodoro da Silva Neiva – um escorço biográfico**, reitera sua afeição e à história à memorialística, procurando fazer justiça a um professor, antropólogo e jurista, que aguarda o reconhecimento de seu trabalho de doação e exemplo de honra e humildade.

Os trabalhos apresentados pelo escritor, historiador e jurista Itaney Francisco Campos, assim como sua jornada existencial, marcam uma rica contribuição à nossa cultura historiografia e a própria memória do Poder Judiciário.

Nossa instituição desfruta do privilégio de tê-lo entre nós, por seus méritos colhidos e pelo muito que sua participação poderá acrescentar à nossa octogenária instituição. Seja bem-vindo, confrade. Itaney Francisco Campos, toma assento na cadeira número oito, que tem como patrono Luis Antônio da Silva e Souza, e que teve como último ocupante a figura ilustre do ex-governador Mauro Borges. Com certeza, como nós, eles estarão orgulhosos de seu sucessor.

De igual estatura e de luminosa trajetória, nos chega a figura ilustrada do jurista e historiador, Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça. Nascido em Goiânia, descendente de ilustres troncos goianos; por parte de pai Eduardo Mendonça, de Pirenópolis; e de sua mãe Fátima Coelho Mendonça da Cidade de Goiás, Dr. Jales emerge como projeção de raízes familiares, históricas e culturais de Goiás.

Fez os estudos fundamentais no colégio Agostiniano e universitários de graduação na Uni-Anhanguera, em Direito; em Ciências Sociais, na Universidade Federal de Goiás. Especializou-se em Direito Administrativo pela UNI-Anhanguera, Mestrado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Doutorado em História pela Universidade Federal de Goiás.

Sua carreira acadêmica, por conseguinte, o conduz para os estudos nas áreas da História e das Ciências Sociais. Assim demonstram sua obra historiográfica, os ensaios e artigos publicados, afetos às temáticas tão caras ao Ministério Público, onde atua como Promotor de Justiça - a questão ambiental, o direito eleitoral, os interesses coletivos e outros temas de nítida vinculação às pleitoras sociais.

Como resultado de seus estudos acadêmicos sugeriram os livros: **A Assembleia Constituinte Goiana de 1935 e o Mudancismo Condicionado**, publicado em 2008, **A Invenção de Goiânia – O outro lado da mudança**, em 2013. O primeiro traz as conclusões resultantes do curso de Mestrado e sua dissertação para aquisição do grau.

Mais do que um simples trabalho acadêmico para preencher exigências curriculares ou cumprir formalidades da pós-graduação, Jales Guedes Coelho Mendonça, em seu texto, mergulha no importante momento histórico da mudança da capital, acrescentando

aos estudos sobre o tema uma visão original, com o propósito de contribuir para uma interpretação crítica do fenômeno histórico, ultrapassando as análises replicantes e consuetudinárias. Jales revisita temas já cristalizados, exercitando um novo entendimento, à luz do reexame das fontes e de novos instrumentos de pesquisa. Matéria que, se enriquece a historiografia goiana, faz desabrochar frutuosas discussões e animadas polêmicas.

**A Invenção de Goiânia, o outro lado da mudança**, é sua tese de doutorado na Universidade Federal de Goiás. Sobre ele, anota o historiador Dr. Nasr Fayad Chaul, membro efetivo deste Instituto, que *“Jales retoma velhos temas com novas abordagens, joga luzes por sobre uma clara tendência de obscuridade que permeou toda a análise da escolha do local selecionado para se construir Goiânia.”* Indaga das razões para a preterição de Bomfim (Silvânia) em favor de Campinas, já que a primeira tinha conclusão favorável da comissão. Segundo o historiador Chaul, Jales puxa o cordão dos motivos da escolha, ressaltando o papel de Pedro Ludovico. Na mesma linha de releitura o historiador Jales Mendonça aborda a formação política de Pedro Ludovico, sua adesão à criação do Partido Democrata que reunia em seus quadros representantes das oligarquias Bulhões e Caiado. Chaul vê no trabalho de Jales, em revisitação a vários temas da história goiana, as linhas de um projeto polêmico a desafiar o estudo e análise dos que buscam compreender o processo político goiano, principalmente o transe, não sem traumas, da mudança da capital para Goiânia.

Recordando entendimentos tidos, na história oficial, como verdades absolutas, Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, doutora em História e membro emérito do IHGG, destaca que muitos outros temas são esmiuçados e perquiridos em *“A invenção de Goiânia - O outro lado da mudança (...)”* É de justiça reconhecer que o livro vem contribuir, de maneira decisiva, para o esclarecimento de zonas de sombra ainda presentes na história de Goiás, que pouco a pouco começam a dissipar-se sob a luz de pesquisas sérias, corajosas e bem orientadas, como a presente.”

Vislumbrando a densidade polêmica do trabalho de Jales, o professor Dr. Noé Freire Sandes, sócio efetivo do IHGG e seu orientador

no doutorado, afirma: “A tese de Jales Guedes Coelho Mendonça tem o claro objetivo de palmilhar o tempo da mudança, atento ao que nele se apresenta como traço de continuidade, o outro lado.” Para o insigne professor, Jales “lança outro olhar sobre a construção da capital, quer vislumbrar perspectiva diversa acerca do passado.”

Ao questionar fatos e vultos do passado, Jales incita os estudiosos a reexaminar o fenômeno histórico, ousando descobrir as faces veladas e superar o imobilismo das interpretações conclusas, definitivas e irremediáveis.

A trajetória brilhante e a obra de Jales Coelho Mendonça, com certeza, o credenciam a compor os quadros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Estamos certos de que na construção de sua vida de historiador e jurista emprestará sempre ao Instituto a luz de seu conhecimento, contribuindo para a continuidade do espírito de pesquisa que move a instituição.

Diante deste esboço, traduzo agora o sentimento de júbilo que se incorpora em cada associado do Instituto. Sua chegada, Dr. Jales, junta mais um elo à história de nossa instituição que guarda as pegadas do passado em sintonia com os apelos do presente e as cobranças ainda dormentes no futuro.

Seja, pois, bem-vindo à casa da memória goiana. Toma assento na cadeira número cinco que tem como patrono Albatênio Caiado de Godoy e como última ocupante nossa saudosa confreira, filha do ilustre goiano, Marilda Godoy de Carvalho. Tenho certeza de que como todos nós do IHGG, a doce Marilda, amorosa dos arquivos e da preservação da memória, se rejubila com a posse de tão insigne pesquisador.

Mais uma vez, proclamo nosso júbilo. Sejam bem-vindos nossos novos confrades, Dr. Itaney Francisco Campos e Dr. Jales Coelho Mendonça.

Goiânia, 27 de novembro de 2013

**Aidenor Aires**

## Discurso de posse

Jales Guedes Coelho Mendonça<sup>1</sup>

Os ensinamentos da Biologia indicam que todo organismo se firma preservando alguma estrutura anterior. Em outras palavras, o novo não brota do nada; as mudanças não nascem de repente. Partindo de tal premissa, apesar de transpô-la para um outro patamar, acredito que a personalidade do ser humano é forjada pelo acúmulo de experiências vividas por ele.

Nesses 39 anos de idade, recebi boas lições da rigorosa educação católica ministrada pelo Colégio Agostiniano Nossa Senhora de Fátima. Já na Universidade, aprendi muito com os jovens, sempre imbatíveis em suas predisposições generosas de se oferecerem, sem temor, a qualquer causa impessoal que lhes parecesse justa. Nessa época, tive a oportunidade de ser líder estudantil, tanto no curso de Ciências Sociais da UFG, quanto no de Direito da Uni-Anhanguera, chegando a ocupar a cadeira de vice-Presidente da mais importante agremiação discente de Goiás, a UEE (União Estadual dos Estudantes).

Formado em Direito, consegui realizar um de meus sonhos: o de ingressar, por concurso, na carreira do Ministério Público do Estado de Goiás. Para tanto, dediquei mais de dois anos ao estudo exclusivamente das Ciências Jurídicas, chegando a morar em São Paulo. Exercendo a função de Promotor de Justiça há 15 anos, trabalhei nos diversos campos de atuação ministerial, principalmente na área do Meio Ambiente. Oficiei nas comarcas de Itaberaí, Goianésia, Montes Claros,

---

<sup>1</sup> Novo ocupante da Cadeira nº 5, cujo patrono é Albatênio Caiado de Godoy e a última ocupante foi a professora Marilda Godoi de Carvalho.

Posse, Itumbiara, Aparecida de Goiânia e, nos últimos três anos, na assessoria dos honrados Procuradores-Gerais de Justiça, Drs. Benedito Torres Neto e Lauro Machado Nogueira. No seio da instituição, sempre busquei conjugar invariavelmente as regras de cavalheirismo e firmeza.

Reconheço que, desde os bancos escolares, o estudo da História me atraía. A partir de 2005, contudo, o interesse pela compreensão da História de Goiás despertou em mim verdadeiro fascínio. Meu tempo livre começou a ser consumido, em grande parte, pela busca do saber histórico da região. Cheguei a adquirir parte do acervo do pesquisador, jornalista e antigo membro desta casa de memória, José Asmar, cuja lembrança neste instante reverencio. Os arquivos – espaços até então completamente estranhos para mim –, de uma hora para outra, invadiram meu cotidiano. Retornando, prazerosamente, à Universidade, concluí na PUC/Goiás o mestrado em História, sob a orientação da Profa. Dra. Maurides Macedo, e, na UFG, o doutorado, também em História, com o auxílio valioso do Prof. Dr. Noé Freire Sandes. Ambos os trabalhos foram convertidos em livros, cuja pesquisa abordou um dos capítulos mais importantes e enigmáticos da experiência goiana: a transferência de sua capital.

Mobilizando de novo as lições da Biologia, já referidas no início, não parti do zero. Na realidade, recorri aos rastros deixados pelos festejados estudiosos do tema como Luiz Palacin, Paulo Bertran, Lena Castello Branco, Nasr Chaul, Itami Campos, Noé Freire Sandes, bem como dos memorialistas Jaime Câmara, Francisco de Britto, Joaquim Rosa, Luiz do Couto, dentre outros. Ademais, desenvolvi intensa pesquisa nos jornais de Goiás e do Brasil afora – fator este de fundamental relevância. Essa biomassa foi o combustível que me possibilitou lançar, com segurança, uma interpretação para além da consagrada História Oficial, construída sob o pálio da cruel ditadura do Estado Novo com o cimento de meias-verdades.

Senhoras e Senhores,

Segundo Gilberto Freire, não se pode ser universal sem antes ser regional. A trajetória mudancista aquém-Paranaíba, principalmente

após a Cidade de Goiás obter o título de patrimônio cultural da humanidade, passou a interessar não só aos goianos, mas ao mundo. Agora, portanto, é a humanidade que busca compreender o motivo pelo qual uma rede de ensino completa (do Jardim de Infância à Faculdade de Direito, passando pelo Liceu e Escola Normal) foi arrastada a fórceps de um espaço urbano bicentenário, contrariando, assim, o projeto vencedor na Constituinte de 1935, sintetizado na fórmula “construir sem destruir”, e que ordenava, ao mesmo tempo, a proteção da antiga capital e a construção de sua sucessora.

O mestre Paulo Bertran, ao refletir a respeito da construção de Goiânia, com a profundidade que lhe era peculiar, assinalou que a mudança, na forma afinal adotada, aniquilou por inteiro a continuidade na história goiana. E não só arrasou a continuidade: provocou também – continua Bertran – “a ruptura do tecido cultural antigo, urdido na velhice de dois séculos. E a ruptura daquilo que hoje se chama de goianidade, um desejo de identidade que Goiânia, banalizada como qualquer outra capital brasileira, deseja assumir tardiamente, para transformar em mito, para fins diversos, econômicos e sociais”.

É oportuno ressaltar que logo após a consolidação de Goiânia, surgiram vozes defendendo a tese de que a retirada da sede administrativa de Vila Boa teria sido um favor à conservação da antiga urbe. Embora esta afirmação esteja longe de ser verossímil, consoante atesta a grande maioria dos depoimentos existentes que relatam um cenário de verdadeira terra arrasada, a luta maior dos vilaboenses situava-se na conservação da evolução cultural e educacional alcançada, a duras penas, por aquela comuna.

O plano vilaboense era o de que a tradicional cidade continuasse a ter a primazia intelectual em relação às suas congêneres do estado, evitando-se, desse modo, um abalo na múltipla e sólida estrutura de saberes, acumulada com o sacrifício de várias gerações. E é justamente esta aludida estrutura a causa preponderante para a formação na povoação fundada pelo Anhanguera de cérebros da estirpe de um Professor Ferreira, autor do notável Dicionário Analógico da Língua Portuguesa, aclamado pela Academia Brasileira de Letras; de um

Guimarães Natal, referência nas letras jurídicas e único goiano a subir, até hoje, as escadas do Supremo Tribunal Federal; de um Leopoldo de Bulhões, reconhecida sumidade na área de finanças públicas e, por isso, duas vezes Ministro da Fazenda; de um Domingos Vellasco, intérprete de escol dos problemas políticos e sociais do Brasil, a ponto de ser citado várias vezes por Victor Nunes Leal, em seu clássico livro *Coronelismo, Enxada e Voto*; de uma Cora Coralina, primorosa poetisa, reconhecida nacionalmente; enfim, de tantos outros baluartes do mundo da cultura, das letras e das artes. Em resumo, o objetivo vilaboense era o de que essa verdadeira fábrica de mentes portentosas não fechasse suas portas. Que se repetisse mais vezes o espanto que assomou o espírito do embaixador da Polônia, quando, ao chegar na Cidade de Goiás, em 1936, se deparou com um padrão civilizatório tão alto que ele mesmo confessou nunca esperaria encontrar naquele então recuado oeste brasileiro.

A propósito, não posso deixar de consignar minha plena concordância com o atual vice-Prefeito de Goiânia, Agenor Mariano, que, há poucos dias, no bojo do artigo intitulado “Goiânia: 80 anos sem lei”, sugeriu uma justa reparação histórica à primeira povoação de Goiás. Nada mais apropriado, nesta conjuntura de plena atividade das saudáveis comissões da verdade. Aliás, mais dia, menos dia, o resgate integral a Vila Boa chegará.

Senhoras e senhores,

Apesar da simplicidade dos dois livros por mim escritos, não tenho dúvida que foram eles o principal motivo que me elevou a esta honrosa posição de sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Muito me orgulha ocupar a vaga que outrora pertenceu ao procurador da República Albatênio Caiado de Godoy e, posteriormente, à sua filha Marilda de Godoy Carvalho. Marilda foi destaque não somente pela sua esmerada educação, mas, sobretudo, pelo intenso trabalho desenvolvido à frente do Arquivo Histórico Estadual. Poetisa de talento, Marilda pertenceu ainda aos quadros da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (Aflag).

Meus confrades do Instituto Histórico e Geográfico,

Confesso, de coração na boca, que me comove demais esta solenidade. As senhoras e os senhores aceitaram meus defeitos e atribuíram-me qualidades. Agradeço-lhes, penhoradamente, e de forma especial ao ilustre Presidente Dr. Geraldo Coelho Vaz, a quem rendo publicamente minha gratidão e lealdade.

No momento em que assumo uma segunda função com o caráter de vitaliciedade, humildemente, prometo despender todo o esforço para engrandecer esta respeitável casa do Procurador-Geral Colemar Natal e Silva. Desde já, coloco-me à inteira disposição para desenvolvermos um projeto alusivo às comemorações dos três séculos da invenção do estado de Goiás.

Por fim, agradeço tudo a Deus. Agradeço à minha dedicada esposa Iara Mendonça, tanto pela compreensão ante as constantes ausências quanto pela existência de nossos filhinhos Tales e Melissa – o nosso maior patrimônio. Da mesma forma, agradeço aos meus familiares, nas pessoas de meus amados pais Eduardo e Fátima, descendentes, respectivamente, de antigas famílias pirenopolina (Mendonça) e vilaboense (Coelho).

Felicito o Desembargador Itaney Francisco Campos, sem favor algum, um dos maiores nomes do Tribunal de Justiça, que ora também se empossa. Saúdo, igualmente, o colega de Ministério Público e agora de IHGG, Dr. Aidenor Aires, pelo inspirado discurso. Felicito ainda os meus queridos amigos e amigas que aqui se encontram. Saibam que vocês representam o maior tesouro que uma pessoa pode ter.

Encerro, reiterando a exortação enunciada pela emérita historiadora Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, inserta no clássico *Poder e Paixão*: a saga dos Caiado, que sempre me serviu de norte, *verbis*: “Aos jovens estudantes e pesquisadores – historiadores do futuro –, com votos de que não se esquivem de visitar as zonas de sombra da História e possam ir além do repetido e consagrado, honrando, assim, o compromisso com a verdade da disciplina que escolheram.”

Abraço a todos. Obrigado.



## Discurso de posse

Desembargador Itaney Franciso Campos<sup>1</sup>

Permita-me, Senhor Presidente, iniciar este pronunciamento com uma homenagem reverencial aos fundadores desta respeitável Instituição, fazendo ressoar por este auditório os nomes dos intelectuais José Honorato da Silva e Souza, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, Colemar Natal e Silva, Agnelo Arlington Fleury Curado, Alfredo de Faria Castro, Luiz Ramos de Oliveira Couto, Dário Délio Cardoso, Albertino de Godói, Aleide Celso Ramos Jubé, Vaco de Sousa, Gustavo Gonzaga e Augusto da Paixão Fleury Curado, que tantos exemplos nos legaram de amor à nossa terra e à cultura deste Estado, sem descuidar de suas atividades de homens públicos, de fundamental importância para a consolidação da novel Capital. Na instalação deste Instituto, em 17 de setembro de 1933, no Lyceu de Goiânia, conferiu-se a Pedro Ludovico Teixeira, interventor federal, o diploma de Presidente Emérito da entidade, e de Sócio Grande Benemérito aos escritores Americano do Brasil e Henrique Silva.

É para mim motivo de profunda satisfação adentrar, na condição de associado, os umbrais desta notável Instituição, e o faço consciente da responsabilidade histórica e social que nos incumbe, aos membros desta entidade, de dar continuidade aos trabalhos de pesquisa e registros históricos realizados pelos que nos antecederam.

É com acendrado orgulho que, inobstante desprovido do cabedal cultural que os orna, venho conviver, nesta Casa, com as figuras ilustres de Vossa Excelência que brilhantemente a preside, e intelectuais da envergadura de um Gilberto Mendonça Teles, José Mendonça Teles, Aidenor Aires, Horieste Gomes, Lena Castello Branco e Maria Augusta Sant'Anna de Moraes, para citar apenas alguns nomes entre as dezenas

---

<sup>1</sup> Novo ocupante da na cadeira nº 8, cujo patrono é o Pe. Luiz Antônio da Silva, e o último ocupante foi o ex-governador Mauro Borges Teixeira

de estudiosos e pesquisadores que honram os quadros deste Instituto e fomentam cultura do Estado de Goiás. Entre eles, o quase conterrâneo Antônio Teixeira Neto, geógrafo e professor, com raízes em Uruaçu, minha terra natal. Amigos como Aidenor Aires, que presidiu a entidade, poeta de alto coturno; Nasr Chaul, notável historiador, professor, e agente cultural; Rogério Arédio Ferreira e Ney Teles de Paula, colegas do Tribunal de Justiça de Goiás. Tenho também os olhos voltados para a respeitável tradição desta Casa, onde pontificaram nomes como Colemar Natal e Silva, jurista e historiador, fundador de várias instituições culturais goianas, inclusive deste Instituto, de que é, oficialmente, o Presidente Perpétuo. Gostaria de citar o nome do inolvidável Paulo Bertran, dublê de geógrafo, historiador e poeta, precocemente colhido pela “indesejada das gentes”. Pesquisador incansável, escreveu, com invulgar propriedade, sobre a história de Niquelândia, outrora S. José do Tocantins, terra dos meus antepassados.

Assumir uma Cadeira neste Instituto, Senhor Presidente, no mesmo ato em que o faz o historiador e promotor de Justiça, Jales Guedes Coelho, não deixa de ser uma ousadia, considerando tratar-se ele do autor de “A invenção de Goiânia: O outro lado da mudança”, que tudo tem para se tornar um dos clássicos da historiografia no sentido de reconstituir e interpretar os fatos que culminaram na transferência da capital para estas paragens, acontecimento histórico que revolucionou as perspectivas sociais, políticas e econômicas deste Estado. Ele, com seu acervo de conhecimento especializado, constitui figura de relevante valor, que contribuirá de forma decisiva para o fortalecimento desta entidade.

E para o meu maior gáudio, senhor Presidente, é-me conferido alto privilégio de ocupar a Cadeira nº 8, que tem como patrono o Padre Luiz Antônio da Silva e Sousa, pai da historiografia goiana, autor da sempre citada “Memória sobre o Descobrimento, Governo, População e Coisas mais Notáveis da capitania de Goiás e Memória Estatística, datada de 1812. Político, poeta, historiador, professor de Latim, retórica e Filosofia, natural de Serro Frio, Estado de Minas, Silva e Souza veio para Goiás em 1970, aos 26 anos, e aqui viveu a maior parte de sua vida, vindo a falecer em 30 de setembro de 1840; na antiga capital. Além de Vigário-Geral de Goiás, foi deputado provincial e uma das figuras mais proeminentes e cultas do seu tempo. Estudioso de sua obra, sobre ele registrou o professor José Mendonça Teles: “Sua existência é uma página eloquente de amor, dedicação, patriotismo e cultura, em benefício de Goiás”.

A cadeira que ora ocupo foi de Mauro Borges Teixeira, político e militar, filho de Pedro Ludovico Teixeira, fundador de Goiânia, Presidente Emérito deste Instituto e a mais importante figura da nossa história política. Mauro exerceu a Governadoria do Estado, eleito pelo voto popular, e foi deposto pelo Golpe Militar de 1964. Seu governo instituiu o Plano MB, de modernização do Estado de Goiás; instituindo as mais importantes autarquias do Estado. Anistiado, voltou a exercer a liderança política, eleito para o Senado Federal e à Câmara Federal. Foram, portanto, figuras de alta envergadura intelectual e política que integraram esta Casa, Senhor Presidente, contribuindo decisivamente para a sua importância institucional. Em face disso, inobstante a minha pequenez cultural, espero não deslustrar esta entidade, comprometendo-me a envidar os maiores esforços no sentido de engrandecê-la, buscando contribuir para o desenvolvimento da historiografia neste Estado.

As diferentes e inovadoras interpretações da realidade, promovidas pelo pensamento histórico contemporâneo, tornaram mais complexa a atividade do historiador, contribuindo para maior cientificidade da historiografia. Os horizontes temáticos dos historiadores foram alargados, abandonando-se a esfera restrita da política tradicional e do relato dos varões insignes, como observou o historiador Marcos Antônio Lopes, em “A constituição da história como ciência”.

A minha formação de jurista nunca me impediu de estar em permanente contato com os estudos de história, sobretudo os ensaios de história relativos a esta região central do Brasil, atento às complexas e dinâmicas relações entre diferentes segmentos da vida social, cuja interpretação exige rigorosos e denodados esforços e reflexão. Nesse mister, tenho me inclinado sobre a bibliografia tradicional, em que se destacam os trabalhos de Silva e Souza, Auguste de Saint-Hilaire, Sebastião Fleury Curado, Colemar Natal e Silva, Moisés Santana, Americano do Brasil, Zoroastro Artiaga, Abel Soares de Castro, Gilka Vasconcelos, Belkiss Spencieri, Luiz Palacin e Regina Lacerda, para mencionar apenas alguns dos que já não estão entre nós.

Certamente que a minha admissão nesta Casa constituirá permanente incentivo no sentido de observar a realidade social e política, desvendar as suas intrincadas relações e o seu contexto histórico, num quadro de debate e pesquisa, visando à socialização do conhecimento e aprofundamento da reflexão sobre a historiografia do Brasil e, especialmente, de Goiás. De igual forma, incumbe a esta Instituição

estimular o estudo e a pesquisa da geografia, em suas várias dimensões, contribuindo para catalogar as nossas riquezas, conhecer o patrimônio geofísico do Estado de Goiás e defender a integridade do nosso bioma. Os conceitos de Lucien Lefebvre devem estar permanentemente sob os nossos olhos de analistas, na tarefa de tentar compreender os complexos caminhos traçados pela sociedade ao longo de sua história, cujos reflexos presentes condicionam e explicam os fenômenos sociais contemporâneos. Hão, os profissionais da história, de se debruçar sobre a variação teórica, o amplo painel do pensamento de Thompson, Foucault, Ginsburg, Hobsbawn, Paul Veyne Le Goff e Max Weber, sem esquecer Faoro, Emilia Vietti, Sérgio Buarque e Lilia Schwarcz, entre os nossos, na busca permanente de compreensão e interpretação da sociedade. Como disse Carlos Zacarias Sena Jr:

“Nesta medida, a dialética como método, ontologia e movimento, deverá se fazer presente, operando as sínteses necessárias e articulando as totalidades do concreto no curso do processo histórico, dando também a sua contribuição ao novo conhecimento”.

Tenha em mim, Senhor Presidente, um permanente estudioso da história de Goiás e do Brasil, e colaborador incansável na tarefa de ampliar e preservar o patrimônio histórico, artístico e cultural do Estado de Goiás, razão final da existência desta valorosa Instituição que Vossa Excelência, com a competência e dedicação que lhe são peculiares, vem tão bem presidindo. E permita-me registrar, por fim, a minha constante admiração pelo poeta, contista e memorialista Aidenor Aires, presidente por dois mandatos deste Instituto, e que agora, para o nosso orgulho, nos recebe com palavras generosas, eruditas e carinhosas neste templo cultural, incentivando-nos a continuar pelas sendas ásperas e gratificantes do conhecimento e da pesquisa, em benefício do nosso Estado e do nosso povo.

Encerro, senhor Presidente, com um pensamento de Foucault: “A história será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduzir o descontínuo em nosso próprio ser. Ela dividirá nossos sentimentos; dramatizará nossos instintos, multiplicará nosso corpo e o oporá a si mesmo. (...) É que o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (Foucault, 1979, p. 2).

Grato a todos pela atenção e pelas presenças, que nos honraram sumamente.

Goiânia, 27 de novembro de 2013

# Sessão da saudade ao sócio-titular Mauro Borges Teixeira<sup>1</sup>

Luiz Augusto Paranhos Sampaio\*

## SENHORAS E SENHORES

Eis-me aqui, nesta manhã memorável, pois foi com muita honra que aceitei o convite feito pelo nosso Presidente, Geraldo Coelho Vaz, para proferir o réquiem e, ao mesmo tempo, prestar as devidas homenagens deste Instituto Histórico e Geográfico de Goiás ao saudoso sócio, o inesquecível goiano Mauro Borges Teixeira. Digo réquiem, muito usado na liturgia católica, para desejar àqueles que nos deixaram o repouso nos céus. E, Mauro Borges, como todos sabem, foi, em vida, um cidadão probo, honesto, exemplo de homem público – hoje em extinção – ótimo pai de família e estadista de nomeada, digno de figurar na galeria imortal dos governadores que comandaram o nosso Estado. Mauro Borges, senhoras e senhores, acha-se hoje na mansão dos justos, porque foi um cidadão de inextinguíveis virtudes cívicas. A afeição e o acentuado respeito que tinha para com sua pessoa não se escondia, não se dissimulava e não se disfarçava. E essas manifestações respeitadas vinham do fundo do coração desde os anos em que fui vereador à Câmara Municipal de Goiânia, porque via em sua pessoa o titular de um governo iniciado em 1961, planejado, voltado todo ele para o povo goiano. E como eu o ajudei naquela época proferindo discursos elogiosos

---

1 Panegírico proferido pelo sócio titular, Luiz Augusto Paranhos Sampaio, ocupando a cadeira nº 15 do IHGG.

todas as vezes que implantava entidades integrantes do Plano MB. Basta dizer às Senhoras e Senhores que fui um dos oradores, juntamente com o meu confrade e dileto amigo Eurico Barbosa, na Praça do Bandeirante, na época em que o povo se solidarizava com a criação da METAGO.

Mas, não irei rever, neste momento tão solene e saudoso, todas as realizações exitosas de seu governo, tão pouco falarei, aqui, daquele período tenebroso de exceção, pelo qual passou a pátria brasileira, daquele Golpe Militar de 1964 que o vitimou, o erradicando do governo, devido a sanha de vingança dos generais da chamada linha dura, aliados aos que, em nossas fronteiras, dotados de inveja e tomados por uma política rasteira, insólita e suja, os ajudaram a depô-lo. Muitos já o fizeram. Muitos são sabedores, entretanto, daquela trama odiosa que o afastou do Palácio das Esmeraldas.

Sinto e tenho certeza absoluta, que a despeito das divergências partidárias, o povo goiano o admirava, o respeitava, sobretudo pela grandeza da administração que realizou, cujas criações e implantações visavam à consecução de determinados objetivos, à exceção, é lógico das que foram liquidadas pela incúria de alguns governos subsequentes ao dele. Então, não é necessário que eu teça loas à sua programática de governo e linha de ação administrativa. Basta que eu faça apenas uma citação histórica. O grande brasileiro, que passou à eternidade de modo trágico em 1976, o Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira fez uma análise brilhante com referência ao seu governo. Abrem-se aspas: “O Governo Mauro Borges ficará na história de Goiás como o turning point dos destinos do Estado. Na realidade, vem ele realizando uma obra de renovação administrativa a que nenhum brasileiro consciente poderá permanecer alheio. O que caracteriza fundamentalmente o estilo administrativo irreversivelmente implantado em Goiás é a recusa da improvisação e a utilização das modernas técnicas de planejamento que só elas podem conferir à ação estatal e mesmo privada um alto grau de racionalidade. O atual governo goiano nasceu sob o signo do planejamento”.

Ao me incorporar ao entusiasmo e à honra às homenagens que a ele são prestadas, desejo narrar, às rápidas, dois episódios marcantes havidos em relação a mim e a esse inesquecível pranteado.

Corria o ano de 1963. Havia sido eleito Presidente do Diretório Regional do Partido Democrata Cristão. A agremiação, naqueles tempos, abrigava 04 (quatro) deputados estaduais, todos provindos das hostes da antiga, atrasada e arcaica União Democrática Nacional (UDN). Portanto, esses deputados eram adversários de Mauro Borges na Assembléia Legislativa do Estado. Certa manhã de sobredito ano, não me recordo do dia e do mês, fui convidado pelo deputado Wison da Paixão, meu primo, e pelo professor Ary Demóstenes, Secretário de Governo, para uma audiência com Mauro Borges, no Palácio das Esmeraldas. Fui, e depois de uma longa conversa, ele me convidou para ocupar a Secretaria de Estado do Trabalho e Ação Social (SETAS), uma vez que o ilustre anapolino Érides Guimarães, líder do Partido Trabalhista Brasileiro havia deixado aquela Pasta. Saí de lá, imediatamente, convoquei uma reunião do Diretório Regional do PDC para examinar o referido convite. Ocorreu, após acirradas discussões, que eu não deveria compor o secretariado de Mauro, porquanto, os quatro deputados, cujos nomes não citarei por questão de ética, continuariam na oposição ao Governador. Levei ao conhecimento de Mauro Borges essa decisão. Ficou muito contrariado e sentido com o desfecho da questão.

Um segundo episódio, digno de nota alusivo ao meu relacionamento com Mauro Borges, deu-se em 2004. Instado pelo meu fraterno amigo e conterrâneo Geraldo Coelho Vaz para concorrer a uma cadeira na Academia Goiana de Letras, aceitei a empreitada. Pus-me a trabalhar nesse sentido. E foi um trabalho árduo, porque não é fácil ingressar naquele Sodalício. Pelos cálculos levados a efeito pelos meus apoiadores eu teria 27 (vinte e sete) votos, capazes, portanto, de me eleger.

Aconteceu, no entanto, que o grande escritor, cronista e memorialista José Mendonça Teles, o já mencionado Coelho Vaz, o ex- Presidente deste Instituto e também amigo Aidenor Aires, e os escritores Antônio José de Moura e Brasigóis Felício, todos eles ligados à minha pessoa por laços indestrutíveis, se reuniram comigo em um determinado restaurante da capital e me comunicaram o desejo de conduzir Mauro Borges àquela vetusta Academia. Aceitei a proposta

imediatamente e não postulei minha inscrição à Cadeira nº 15. Mauro Borges no seu discurso de posse, o iniciou me elogiando pela postura de haver dedicado a ele aquela vez de se tornar imortal. No ano seguinte, aos 17 de novembro, tomei posse da Cadeira de nº 16, vaga com o inesperado e sentido falecimento da saudosa Ligia Rassi.

Desse modo, Senhoras e Senhores, é com o coração aberto que reverencio neste momento a memória de Mauro Borges Teixeira em nome deste Instituto, do qual também, foi sócio titular com muita honra.

Aproveito-me do ensejo para prestar as minhas sinceras homenagens à memória de dona Lourdes Estivallet Teixeira, companheira de Mauro no seu sublime ideário nacionalista, defensora dos mais humildes, mulher de fibra que soube criar e educar com seu carinho nas trilhas da honradez, o Maurinho, o Ubiratan, a Yara, o Rodrigo e seu amado Pedrinho, que partiu antes desta vida, deixando todos nós a saudade de um jovem político e promissor que, se ainda vivo, certamente daria continuidade à carreira política de seu pai.

A toda a sua família minha reverência e o pesar de todos os associados do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás pelo falecimento do grande goiano, que foi Mauro Borges Teixeira.

Goiânia, 27 de junho de 2013

# ARTIGOS



# Valparaíso de Goiás-GO e sua relação com o Distrito Federal: mobilidade espacial e identidade

Eliete Barbosa de Brito Silva<sup>1</sup>

Leandro Mendes Rocha<sup>2</sup>

## 1. Introdução

A importância que se dá ao papel do conhecimento histórico dentro do processo de formação das sociedades vem se transformando nos últimos anos. Rüsen (2001; 2007), ao falar sobre o conhecimento histórico produzido afirma ser este subjetivado pelo indivíduo quando é apreendido pelo mesmo e associado à sua própria vivência, e mais, aponta para sua característica de mutabilidade uma vez que estará sempre sujeito a constantes aperfeiçoamentos, renovações e refutações. Isso decorre das mudanças e permanências resultantes da dinâmica social. Há que se considerar, portanto, o contexto no qual nos encontramos inseridos e o papel reservado por essa sociedade ao supramencionado conhecimento.

O processo histórico se consolida na realidade social. Ele é resultante da ação de análise realizada pelos estudiosos das práticas humanas, práticas essas manifestadas em ações políticas, econômicas, sociais e culturais intimamente interligadas (Barros, 2004). O enredo histórico é conseqüência das ações conscientes ou inconscientes,

---

1 Mestranda no Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.  
elietebarbosa1@hotmail.com

2 Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Goiás.  
leandromrocha@uol.com.br

gradativas e imperceptíveis de todo o conjunto de agentes sociais, de forma individual ou coletiva. Somente a partir da percepção da complexidade que envolve as relações sociais presentes no cotidiano, é que estaremos aptos a desvendar o papel desempenhado pelo indivíduo no processo histórico e a forma pela qual se dá a construção das identidades pessoais e sociais.

Cabe à cultura, aqui entendida como o conjunto de significações que se enunciam no comportamento da sociedade como um todo, sem priorizar este ou aquele grupo social, o papel de definir a identidade dos variados grupos sociais; entretanto, não se pode falar em uma cultura estável ou sem misturas. A cultura é dinâmica, ao mesmo tempo em que impõe padrões recebe influência, abrigando em seu bojo processos de apropriação de significados e práticas que possuem elementos de permanências, resistências e transformações (Hall, 1999). As práticas culturais geram padrões de comportamento que compõem o campo identitário de um indivíduo. Podem ainda inculcar, no mesmo, padrões comportamentais que o ligam a um determinado grupo, gerando, dessa forma representações sociais acerca da formação de sua identidade coletiva.

Para Pesavento (2003), “a identidade é produto de uma intenção em que os objetos ou sujeitos (nós e os outros) se constituem enquanto se comunicam”. Assim sendo, a forma como o indivíduo se percebe a si mesmo e ao outro, enquanto membro de um grupo social determinado, partilhando experiências, vai gerar neste, aquilo que a referida autora classifica de “noção de pertencimento social” e que pode ser apontado como um dos fatores constitutivos de sua identidade individual e coletiva.

Hall (1999), afirma que o conceito de identidade, atualmente bastante discutido pelas teorias sociais, relacionado com o conceito de globalização, aponta para o declínio e superação das velhas identidades (responsáveis pela estabilidade do mundo social) e para o surgimento de novas identidades que se caracterizam pela fragmentação, dentre outros fatores, do indivíduo moderno, o que, segundo o autor, contribuirá para promover grande mudança estrutural nas sociedades.

Partindo da premissa de formação de novas identidades arcabouçadas na fragmentação do indivíduo moderno, que apontam para a formação de uma nova estrutura social à qual o indivíduo deve

adaptar-se, promovendo a re-significação de sua posição enquanto membro dessa estrutura, que se altera e, também, cônica da pertinência de deslindar o processo de formação de identidades para o entendimento dessa nova sociedade emergente, é que nos propusemos o estudo das relações de mobilidade entre Valparaíso de Goiás e o Distrito Federal, e as implicações destas na constituição das identidades dos sujeitos envolvidos.

### **1.1 A gênese das redes de relacionamento entre Valparaíso de Goiás e Brasília**

Para que possamos entender um dado território, precisamos conhecer sua dimensão geográfica, bem como, o contexto da formação espaço-temporal no qual estão inseridas as manifestações políticas, econômicas e historicossociais. Em outras palavras, há que se contextualizar o objeto de estudo; que em nosso caso é Valparaíso de Goiás.

O município em questão localiza-se no Entorno Sul do Distrito Federal, possui um território de 60,111 km<sup>2</sup> e uma população de 132.947 habitantes (IBGE, 2010), evidenciando uma das maiores densidades demográficas do estado de Goiás. Está localizado na Microrregião do Entorno de Brasília, dista do Plano Piloto aproximadamente 30 km e de Goiânia 210 km. Sua base econômica estrutura-se em torno do setor terciário, com tendência ao setor moveleiro. A ausência de uma economia embasada no setor primário se justifica em função da inexistência de área rural neste município.

Embora o início do povoamento de Valparaíso de Goiás remonte a tempos anteriores à inauguração de Brasília é, principalmente, em função da construção e, posteriormente, da inauguração desta, que se pode verificar um adensamento populacional na região. A vinda de pessoas para a região do Distrito Federal deve ser vista dentro do contexto, no qual significativas transformações ocorrem desde o início da década de 1960, no Brasil, relacionadas ao desenvolvimento do capitalismo. É durante esse processo de urbanização, vivenciado pelo país, que se efetiva a construção de Brasília. Esta, por sua vez, vai se constituir em pólo atrativo para as massas de migrantes que, expulsos

do campo, partem para as cidades em busca de novas oportunidades. Segundo Duarte da Silva (1997):

A aventura da construção, exatamente pelo seu caráter extraordinário, pode ser entendida como exemplo de experiência autêntica. Por um pequeno espaço de tempo, em um lugar específico, alguns homens acreditaram estar em construção uma cidade de tipo novo, onde uma vida diferente se constituiria.

Pela assertiva acima se percebe que estes homens acreditavam que ali, doravante, seria o seu lugar. Mal sabiam eles, no entanto, que aquela cidade não estava sendo construída com o intuito de abrigar o cidadão comum. Embora no imaginário popular Brasília simbolizasse a “Capital da Esperança”, os migrantes que para cá vieram e continuaram a vir encontraram um espaço de profundas contradições sociais, econômicas e de trabalho. Foram principalmente, essas contradições econômicas, aliadas a outros fatores, que inviabilizaram a permanência desses migrantes na área da capital federal ou de suas cidades satélites. Estes foram então “empurrados” (Paviani, 1987) para além do Distrito Federal; provocando um esparramamento para a região fronteira a este Distrito. Nasce assim, a posteriormente denominada região do Entorno do Distrito Federal.

A necessidade de promover políticas que contemplem propostas para a solução dos problemas que envolvem a área em questão, fez surgir a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno (RIDE), que objetiva, ainda, viabilizar o desenvolvimento sustentável e a melhoria da região, bem como, a integração dos governos de Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e municípios integrantes desta (PRORIDE, 2002).

O esparramamento anteriormente mencionado, contribuiu para o processo de periferização e segregação das populações próximas à fronteira do Distrito Federal/DF com o estado de Goiás. De acordo com dados levantados pela UnB, em outubro de 2005 acerca do fluxo migratório para a região entre os anos de 1970 e 2000, é possível verificar o deslocamento desse contingente populacional em direção às cidades mais próximas do Distrito Federal, chamadas Entorno Imediato e composto pelas respectivas cidades: Águas Lindas, Cidade Ocidental, Luziânia, Novo Gama, Planaltina de Goiás, Santo Antonio

do Descoberto e Valparaíso de Goiás. Esta última localizada no Entorno Sul. Devido a sua proximidade com o DF é aquela que atrai o maior contingente populacional.

### Valparaíso de Goiás na Microrregião do Entorno de Brasília



Fonte: SILVA, Gilmar Elias Rodrigues da. 2011.

O acelerado processo de crescimento populacional e a ocupação desordenada do solo, nesta região do Entorno Sul do Distrito Federal, estampam o transbordamento das fronteiras entre os próprios municípios goianos e destes com as cidades satélites – Santa Maria e Gama. Tal pode ser constatado a partir de uma observação panorâmica do cenário em questão, quando se perde a idéia de limites. Evidencia-se assim, um processo de conurbação e sintomas de desfragmentação, tornando o espaço urbano “uno”. A expansão urbana desenfreada e a falta de investimentos do poder público em equipamentos coletivos, ameaçam a qualidade de vida, a sustentabilidade e o desenvolvimento da

região, visto que o Distrito Federal e o Entorno<sup>3</sup> incharam. As duas áreas devem ser vistas como uma grande região metropolitana, fato que torna imprescindível que políticas públicas sejam adotadas considerando ambas as regiões como únicas, no sentido de amenizar os problemas sociais advindos desse processo (Nogales, 2008).

Esse transbordamento de pessoas na região do Entorno do DF, e em específico no município de Valparaíso de Goiás, cria situações críticas no que tange à identidade local e regional, na medida em que desorganiza relações historicamente estabelecidas e desagrega valores que auxiliam na identificação e na distinção do “eu”, do “outro” e do “nós” no tempo e no espaço. Silva (2008) em artigo intitulado “Memórias, Identidades e Processos Migratórios”, afirma que “(...) os processos migratórios não são somente mudanças geográficas de espaços físicos. São experiências culturais”. As relações humanas, no mundo da grande cidade, configuram-se diferentes daquelas existentes no local de origem dos migrantes. Neste sentido, das experiências culturais vivenciadas, suas palavras coadunam-se com Ribeiro (2001) quando este afirma que “as famílias de migrantes se inserem numa etapa de desenvolvimento (...) que teima em remar contra eles (...) não é de causar estranheza [pois] a crítica que fazem quando confrontam a vida atual com a antiga”. Tudo

---

3 Por Entorno entende-se o espaço de influência do Distrito Federal em articulação com os 22 municípios (19 goianos e três mineiros) adjacentes a este: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Águas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina de Goiás, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás e Vila Boa no estado de Goiás; Buritis, Cabeceira Grande e Unai em Minas Gerais; e o próprio Distrito Federal. Conforme o grau de dependência dos municípios do Entorno nos setores de emprego, educação, equipamentos públicos, relações comerciais e espaço de atração migratória classificam-se em: Entorno Imediato, com alta polarização (Águas Lindas de Goiás, Cidade Ocidental, Luziânia, Novo Gama, Santo Antonio do Descoberto e Valparaíso de Goiás); Entorno Intermediário, com média polarização (Abadiânia, Alexânia, Cocalzinho de Goiás, Cristalina, Formosa e Planaltina de Goiás); Entorno Distante, com baixa polarização (Água Fria de Goiás, Buritis, Cabeceira Grande, Cabeceiras, Mimoso de Goiás, Padre Bernardo, Pirenópolis, Unai e Vila Boa). Cf. Zoneamento Ecológico-Econômico do DF, Subproduto 3.2- Relatório do Diagnóstico: Articulações com a RIDE. Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente do DF, 2010. Cf. tabela em apêndice: Apêndice A 02.

é novo, tudo se transforma rapidamente a partir da migração. O local de moradia deve ser visto como elemento compositor das referidas relações culturais, de identidades individuais e coletivas. Urge então entender os processos de construção, transformação e/ou a permanência de valores culturais no que concerne à formação da identidade da população de Valparaíso de Goiás, bem como à construção da história local em sua relação com o Distrito Federal.

## **1.2 A urdidura de uma identidade metropolitana**

O município de Valparaíso de Goiás possui algumas singularidades: o processo de construção/acomodação/permanência de identidades individuais e coletivas dos migrantes que se fixam na cidade. O sonho recorrente dos migrantes que aí chegam, com o momento em que cruzarão a fronteira física e imaginária que os separa de seu objetivo maior, estabelecer residência no DF; o fato de os moradores buscarem o aparelhamento de equipamentos urbanos coletivos no DF; a aparente inexpressividade da militância popular, no que tange a fiscalizar e cobrar o/do poder público local políticas que visem à melhoria das condições de vida da população. Tais elementos se constituem em estímulo para um estudo da região.

As pessoas que vieram para o município de Valparaíso de Goiás foram, em sua maioria, “expulsas” do Distrito Federal e das demais Unidades Federativas pelas dinâmicas socioeconômicas locais<sup>4</sup>. Ao chegarem ao município se depararam com o seguinte quadro: estavam em uma área de fácil acesso em relação ao Distrito Federal, mas que, todavia não oferecia condições mínimas de infraestrutura. Ficava evidente a falta de investimentos públicos, bem como, um rápido inchaço populacional. Estas pessoas que foram “empurradas” (Paviani, 1987) continuaram com vínculos em Brasília, onde buscam, ainda hoje, acesso a equipamentos coletivos urbanos, educação, saúde e emprego. Acerca do acima exposto são comprobatórios os dados expressos abaixo.

---

<sup>4</sup> Cf. PAVIANI, A. Urbanização e Metropolização. Brasília: Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.



**Fonte:** SILVA, Gilmar Elias Rodrigues da. 2011.

**Organização:** SILVA, Eliete Barbosa de Brito. 2011.

Esse processo de mobilidade, ou seja, o ir e vir, no qual as pessoas deixam a cidade ao romper do dia e somente retornam ao cair da noite (Paviani, 2003) vai gerar nos cidadãos a certeza do abandono e sentimentos de desânimo e frustração. Eles são impelidos a buscar, no Distrito Federal, equipamentos para satisfazer suas necessidades de educação, saúde, trabalho, dentre outros serviços básicos. Nas palavras do senhor Zacarias, morador do município desde 1984, em entrevista concedida em 17/10/2007 “*Nós somos a região do nem. Nem Brasília quer, nós somos vistos lá como um estorvo, algo que está atrapalhando. E para Goiânia a gente tá muito distante para eles olharem pela gente*” (in: Silva e Silva, 2008). Evidencia-se, na fala do entrevistado, o sentimento de exclusão que permeia o imaginário dos moradores de Valparaíso de Goiás. Esse sentimento repercute de maneira negativa na constituição de uma identidade individual e coletiva dos moradores do município.

Visando à compreensão do processo de formação identitária dos moradores de Valparaíso de Goiás, consideramos a pertinência do estudo das identidades. O referido estudo enquanto mecanismo que viabiliza o entendimento de determinados contextos ou circunstâncias é tema bastante atual e recorrente no meio acadêmico. Tal se deve mediante a concepção de que “o fortalecimento das identidades locais, regionais e nacionais se liga diretamente à consciência histórica da

sociedade” (Boschi, 2007), embora não seja fator de preponderância para o estabelecimento desta. Nesse processo de estudo da formação de identidades, as Ciências Sociais têm papel de relevância, uma vez que se configuram na base de sustentação do conhecimento que se alicerça no presente.

Para Edward Said (1990; in: Hall, 1999) “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos”, possuem as chamadas “geografias imaginárias”, suas “paisagens, características, seu senso de lugar, de casa/lar, suas localizações no tempo, que ligam passado e presente”. Analisando as palavras do autor, conclui-se que tais elementos se constituem em fatores determinantes para a construção de identidades. As assertivas de Said nos remetem ao seguinte questionamento: estariam os habitantes de Valparaíso, em função do contexto no qual se inserem, (des)construindo uma “noção de pertencimento social” na elaboração de suas “identidades compartilhadas” e individuais?

Bourdieu (1989) ao tratar das identidades regionais ou étnicas afirma que estas são “uma forma particular da luta das classificações”, são “ideologias, os grupos produzem diferenças culturais, mas ao mesmo tempo são produtos dessas diferenças”. Os moradores de Valparaíso de Goiás classificam-se e são classificados, organizam e reorganizam suas identidades em uma relação permanente de alteridade com os moradores do DF. Por essa ótica é lícito afirmar que a identidade é produto e produtora da dinâmica da história, posto que se estrutura nos embates pelo poder.

A constatação de que a formação de uma identidade local perpassa pela construção de uma história local, que ao migrar o indivíduo torna-se anônimo, destituído de importância e pertencimento (Smith, 1995), e mais, que os embates travados no campo das expectativas criadas e da realidade vivida na cidade são opostos e antagônicos; que essa realidade evidencia a segregação socioespacial a que se encontram relegados os moradores do Entorno do DF e em específico de Valparaíso de Goiás nos leva às elucubrações: que elementos compõem a gênese de Valparaíso de Goiás, as relações identitárias e simbólicas deste com a capital federal? Qual o papel desempenhado por tais relações na composição social do município? Quais as tramas e especificidades histórico-culturais constituem o quadro histórico do município em questão?

A relação de simbiose que permeia as fronteiras entre Valparaíso de Goiás e Brasília<sup>5</sup> devem ser vistas para além da territorialidade<sup>6</sup>, porém a mesma será elemento diferenciador na relação estabelecida. O município desde sua gênese se vê impelido a compartilhar a história de Brasília. Segundo Valadão e Nascimento (2004), no ano de 1959

pelo Decreto nº 255 de 17 de dezembro de 1959, surge o loteamento São Bernardo, também conhecido, naquela época, como Parque da Divisa – por estar exatamente na área limítrofe com o Distrito Federal. Vale ressaltar que a área pertencia ao município de Luziânia

De acordo com as autoras esse momento é marcado por um afluxo populacional para a referida área. Tal movimento é consequência dos altos preços imobiliários praticados no Distrito Federal/DF. As pessoas que não podiam fixar moradia no DF buscaram o loteamento como uma alternativa para seus problemas. Na localidade o custo do aluguel ou mesmo as condições para a aquisição de um imóvel eram mais favoráveis. As palavras de um entrevistado reforçam a informação dada pelas autoras sobre o início do loteamento Parque São Bernardo e sua destinação: *“Valparaíso começou em 59, com o loteamento Parque São Bernardo, que serviu justamente para abrigar pessoas que trabalhavam na construção da Capital Federal”*.

O Parque São Bernardo além dos migrantes que vieram trabalhar na construção da capital federal e que não puderam fixar moradia no DF recebeu ainda as chamadas “moças de vida fácil”. Elas residiam, à época da construção da capital federal em localidade denominada Cidade Livre, hoje, Núcleo Bandeirante. Essas “moças de vida fácil” pelas palavras do Sr. José Ferreira in: Mello, 1999, a partir de uma política de “saneamento” desenvolvida no DF foram “mudadas” para o Parque da

---

5 Aqui entendida como o Distrito Federal.

6 O papel da territorialidade se traduz aqui na formação de processos identitários locais, considerando sua dinamicidade, pois os elementos que a constituem (o homem, o espaço) são suscetíveis de constantes variações no tempo. Esta característica, segundo Raffestin (1993, p.160), confere à territorialidade a possibilidade de vivências por intermédio de um conjunto de relações emergentes de um sistema tridimensional – sociedade, espaço, tempo. Segundo o autor: “a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações reais recolocadas em seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal”. Cf. RAFFESTIN, 1993, p. 162.

Divisa, que, dada à proximidade territorial com o DF tornara-se o local propício para acolher as “meninas”. Não deveria existir, na novíssima capital federal, nenhuma prática ou presença que viesse depor contra a honra das famílias que doravante residiriam ali. Era, pois necessário expurgar as prostitutas para além dos limites do DF, em território goiano.

A principal Avenida do Parque São Bernardo recebeu o nome de “Av. W3”. Uma alusão à sua homônima, na capital da República. De acordo com Pimentel (2006) teria sido nessa localidade que se instalaram nas chamadas “casas de tolerância”, “muitas mulheres charmosas”. Ainda segundo o autor, nos finais de semana o movimento era intenso. Acorriam ao local homens oriundos de Taguatinga, Plano Piloto, Núcleo Bandeirante dentre outras localidades do DF. Os fatos apontados nos levam a considerar a gênese do relacionamento entre Brasília e Valparaíso de Goiás, como produto da reorganização urbana e reestruturação social daquela.

O município vai estabelecendo ao longo dos anos com as cidades do DF ou mesmo com a cidade polo, Brasília, uma relação simbiótica. Seus moradores têm a capital como o ideal de cidade para residir, mas é em Valparaíso de Goiás que materializam o sonho da moradia. É em terras distritais que concretizam a busca por trabalho, estudo e lazer. Mas é no município goiano que descansam do dia de labor. Assim sendo, infere-se que as dimensões identitárias de Valparaíso de Goiás, por sua situação fronteiriça e pela relação com o DF são recortadas por uma multiplicidade de elementos. O quadro identitário do município coaduna-se com o da capital federal na urdidura de uma identidade metropolitana.

Valparaíso de Goiás guarda pouco ou nada do quadro identitário de sua cidade cessionária, Luziânia. Esta cidade centenária do interior de Goiás reafirma através das práticas culturais sua goianidade. A identidade goiana segundo Borges (1990), Campos (2003), Freitas (2009), Chaul (2010) dentre outros se encontra alicerçada no meio rural. Valparaíso de Goiás, porém, em função de sua gênese foge ou mesmo rejeita essa origem. Um dos elementos que podem ser vistos enquanto responsável por tal postura é o fato de o município não possuir zona rural<sup>7</sup>. Deve ser considerada também a intrínseca relação com o Distrito Federal.

---

7 Cf. IBGE/Censo 2010.

Pelas entrevistas realizadas, com os moradores, percebe-se que em Valparaíso de Goiás o elemento que irá conferir o senso de pertencimento não se dá pelas relações culturais com a cidade de origem, mas sim, com as trocas estabelecidas com a capital federal. A construção do pertencimento se dá a partir de uma ambiguidade, o município é territorialmente vinculado ao estado de Goiás, mas liga-se social e simbolicamente à Brasília.

O movimento pendular<sup>8</sup>, realizado pelos moradores de Valparaíso de Goiás em seu ir e vir cotidiano, mais do que carregador de corpos, é em si mesmo um condutor de fragmentos de cultura e identidade que nutrem a composição identitária dos moradores do município. Entrecruzam-se aí os lugares, o dia-a-dia, os anseios e conquistas de uns e outros. Não há como saírem incólumes dessa relação diária; trazem, mas deixam muito de si nos espaços de trabalho, estudo e lazer.

Configura-se assim uma íntima relação entre Valparaíso de Goiás e Brasília. As fronteiras entre ambas são simbólicas. Brasília se refaz em Valparaíso de Goiás, no imaginário de seus moradores e este por sua vez se materializa em Brasília, na forma dos trabalhadores que para aí se dirigem rotineiramente em busca de sobrevivência. O desejo de “estar” em Brasília permeia os sonhos de grande parte dos moradores de Valparaíso de Goiás e se configura em impeditivo para o enraizamento de sua população.

Tal como afirma Ferreira (2004) reportando-se a Venturi (1994) para explicar no projeto de revitalização das frentes de água<sup>9</sup> a ausência de

(...) uma matriz de ligação às tradições locais e aos processos identitários e culturais desses espaços urbanos (...) uma cidade deve primeiro ser vendida aos cidadãos, eles têm que se identificar com a sua cidade num momento em que a mobilidade e a fragmentação urbana levam à crise do sentido de ‘pertença’ a uma comunidade, demasiado vasta e difusa.

---

8 A mobilidade pendular é uma das dimensões dos processos de deslocamento da população no território, num contexto determinado e socialmente constituída, no tempo e no espaço; ganha especificidade e novas formas provenientes das mudanças na organização da economia e da sociedade. Envolve distintas dimensões e diversas práticas cotidianas da população no território referentes à mudança de lugar. Neste sentido, refere-se aos percursos entre o domicílio e o lugar de trabalho (...). Cf. JARDIM, A. de P. Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil. IBGE/Rio de Janeiro, 2011.

9 Cf. FERREIRA, V. M. Fascínio da Cidade: memória e projecto da urbanidade. Lisboa: Ler Devagar, 2004.

O que se percebe em Valparaíso de Goiás é que os moradores não “compraram” a cidade onde moram. Permanecem vinculados ao sonho de morar no DF. A fala que segue de um morador do município é ilustrativa do quadro em questão:

Não querendo polemizar, mas estamos discutindo uma região que está dentro do estado de Goiás, mas que não tem identificação com Goiás, sabemos que a formação do entorno em sua quase totalidade é de migrantes nordestinos que não conseguiram se firmar dentro de Brasília, e foram morar em cidades com o custo de vida bem mais barato (in: Silva e Silva, 2008).

É perceptível na fala do entrevistado a ausência de ligação deste e também dos demais moradores com o estado de Goiás. Fica evidente que o sentido da existência das cidades do Entorno de Brasília é a capital federal e os benefícios que se buscam auferir nesta. Infere-se daí que o único atrativo das cidades do Entorno é o custo de vida mais barato e que, se fosse possível a escolha, era na capital federal que fixariam residência. Em suma, as cidades do Entorno do DF não foram adequadamente “vendidas” aos migrantes.

No ano de 2009, foi veiculada pela imprensa nacional a notícia de que cidades goianas seriam incorporadas ao DF<sup>10</sup>. Segundo a reportagem

---

10 O Distrito Federal vai ganhar uma parcela da população de Goiás. São moradores com endereços nos municípios vizinhos, mas que na verdade, sem saber, construíram suas casas dentro da poligonal que abriga a capital do país. O número de domicílios goianos em território candango é tema de levantamento cartográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O órgão responsável pelo censo habitacional do país detectou uma falha na divisa entre Goiás e o DF e colocou pessoal em campo para identificar com exatidão os limites das cidades do Entorno, traçados há décadas. No Censo de 2000 e nos anteriores, o IBGE ainda não tinha à disposição um instrumento que fizesse uma medição precisa e muitos domicílios situados no Distrito Federal, no limite Sul, foram computados para os municípios goianos. Entre as cidades mais afetadas estão Valparaíso e Novo Gama, que são grudadas em Santa Maria e Gama. Nessas localidades, geralmente uma única rua separa um morador do Distrito Federal de outro do estado vizinho. No próximo ano, quando o IBGE fará o grande censo demográfico, realizado a cada 10 anos, pela primeira vez usará um GPS — instrumento com capacidade para detectar as coordenadas terrestres.

A poligonal do Distrito Federal foi estabelecida na Lei nº 2.874/56. No texto, ficou definido o traçado da linha ao redor dos territórios. A confusão ocorreu com a expansão urbana. Com a criação da cidade de Santa Maria, por exemplo, o limite ao Sul foi definido como o Paralelo 16° 03'S, coordenada de difícil identificação sem um GPS. Técnicos do IBGE

do Correio Braziliense houve um erro quando da delimitação da cidade de Santa Maria, que teria sido delimitada aquém da linha poligonal do DF. A poligonal do Distrito Federal foi estabelecida na Lei nº 2.874/56. No texto, ficou definido o traçado da linha ao redor dos territórios. A confusão, segundo representantes da Companhia de Planejamento do Distrito Federal/CODEPLAN, ocorreu com a expansão urbana. A notícia causou frisson entre os moradores de Valparaíso de Goiás. Viam ali uma oportunidade para finalmente realizarem seu sonho de residirem no DF.

Em um Fórum de debates realizado pelo site Valtv<sup>11</sup>, que se propunha a ouvir os moradores tanto de Valparaíso de Goiás, quanto do Distrito Federal sobre a matéria veiculada na imprensa, foi-nos possível observar o quanto a questão mexe com o imaginário das pessoas. Consultados acerca da possibilidade muitos foram enfáticos ao afirmar que:

Deveria passar tudo o entorno para o DF, essas cidades vive com o dinheiro do DF, os seus habitantes trabalha e estuda no DF, ganha e gasta lá. Ótimo Valparaiso passando para DF, porque vai melhorar em tudo, segurança, saúde, educação, iluminação publica... enfim tudo de bom que tem no DF. E mais uma... a maioria dos moradores de Valparaiso tem titulo de eleitor de Brasília.

Seguem as opiniões:

Quem fica mais feliz com isso é certamente o Goiás, pois já virava as costas pros municípios e agora ainda tem essa ajuda. O governo de Goiás é uma vergonha. O bom disso é que as cidades mais próximas, como Novo Gama e Valparaíso,

---

já comunicaram a imprecisão de endereços à Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente e à Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), órgão responsável pelas políticas do Entorno. Apenas um estudo preciso vai identificar a extensão da incongruência.

Há uma estimativa inicial de que 3 mil a 5 mil domicílios estão abrigados ao longo da fronteira Sul e poderão ser afetados. Isso significa que até 20 mil pessoas deverão ser atingidas. “Vamos usar equipamentos para medir com precisão os limites. Hoje, sabemos apenas que houve avanços nos territórios Sul e Norte do Distrito Federal”, afirma Maria Aparecida Gomes, responsável no IBGE pelo estudo territorial das regiões do Entorno e do DF. Cf. Correio Braziliense de 06/10/2009.

11 [www.valtv.com.br](http://www.valtv.com.br). Site regional que publica notícias do município de Valparaíso de Goiás e Região do Entorno do DF.

vão ganhar *status* de cidade do Distrito Federal, vão ganhar “melhorias”, mas isso só no início!

E mais:

Seria ótimo! Eu como servidor de GO, passaria a servidor do GDF [Governo do Distrito Federal] com salário bem melhor, meu imóvel teria um valor de mercado pelo menos três vezes mais. Primeiro, o entorno só existe por conta do DF, isso é fato. E as pessoas que residem aqui gastam boa parte do seu dinheiro no DF, inclusive eu, moramos aqui e gastamos lá.

Pelo exposto, infere-se que entre os moradores de Valparaíso de Goiás a concepção de positividade na anexação é recorrente. Entretanto, quando atravessamos a fronteira e adentramos o quadrilátero as opiniões expressas, ainda quando favoráveis, são recortadas por uma visão negativa dos moradores das cidades do Entorno do DF.

Incorporar ao DF as cidades do entorno é um erro. Primeiro, com isso se chancela a falta de governo de Goiás, que há tempos considera essas cidades parte do DF. Depois, logo um outro sem número de cidades virarão “do entorno”, e precisarão ser também incorporadas. Vamos incorporar Goiás?

À opinião anteriormente expressa acrescenta-se:

Eu concordo que o entorno seja DF, pois quem mora no entorno já trabalha, estuda e quando precisa cuidar da saúde vem para DF. O Goiás só recebe os impostos e não dá infraestrutura suficiente para a população. Pelos menos as cidades de Valparaíso de Goiás e Novo Gama serão incorporadas ao GDF já que segundo a pesquisa do IBGE, estas duas cidades estão na verdade em território candango, será inevitável.

A concepção de que as cidades goianas do Entorno do DF encontram-se numa espécie de limbo, onde os governos do estado de Goiás e do DF ignoram a população é uma recorrente tanto no Valparaíso de Goiás quanto no DF.

Ótimo para a população! Mas é lamentável que esses cidadãos precisem “ganhar de presente” um endereço no Distrito Federal para se ter a presença do estado, um direito constitucional. Negado a eles pelo governo do Goiás. Isto é Brasil! Será uma grande alegria para nós recebermos os novos moradores do DF, pois a grande maioria dos que moram nas cidades do entorno são trabalhadores que ajudam no desenvolvimento do DF.

Ainda sobre a temática...

Já que o governo de Goiás virou as costas para os municípios (entorno), e o DF sempre cuidou do entorno de GO, nada mais justo que passe a ser DF. Mas fico pensando... Será que vai melhorar mesmo? A 1ª rua que fica em frente a DF-290 no Céu Azul faz parte do DF, vocês já viram a infraestrutura de lá? Essa divisão não acrescentará nada na vida das pessoas envolvidas, na verdade, uma única rua em dois estados é prejuízo para a população, pois qual será o estado responsável pela infraestrutura devida? Pior para o povo, ôô Brasil! Serve aquele ditado popular “Cachorro com dois donos, morre de fome” (rsrs).

E mais:

Oh Amados, o que nos difere de mineiros e goianos, gregos e troianos? Somos todos iguais, ricos, pobres, brancos, pretos, do DF ou do Entorno. Se for para melhorar a vida que já é tão sofrida daqueles que não são vistos nem pelo Governo do DF, nem do GO, que venham e sejam muito bem vindos.

Outro fator que gostaríamos de ressaltar na fala dos entrevistados é a forma pela qual se dá no imaginário dessas pessoas a construção do perfil dos moradores das cidades do entorno. Percebe-se que os moradores do DF consideram os moradores do entorno de Brasília uma espécie de mal necessário. Não querem conviver com ele, porém não conseguem prescindir do mesmo.

Eu amo Brasília, mas se isso acontecer, vou mudar daqui. É inadmissível o governo de Goiás não cuidar do que é seu, mas tem uma questão óbvia, o entorno vive do DF, os impostos vão para os cofres goianos e eles não investem

em absolutamente nada! O DF tem a obrigação de zelar de Brasília que é tombada. Eles [os políticos] só podem estar de olho nos eleitores que ganharão, sei bem como funciona, “eles foram bonzinhos!”, “agora estamos no DF!”, “nossos imóveis valem mais!”. Tenho saudades dos manifestantes dos anos 80, isso jamais aconteceria!

Seguem as opiniões:

Eu amo morar no DF mais acho que a população do entorno tem que ter um pouco de dignidade. Assim como qualquer cidade do DF, pois a maioria já é beneficiado com a saúde, educação e emprego no DF, pois se o Goiás não faz nada o DF que vai fazer? Não acho justo o entorno fazer parte do DF.

Foram inúmeras as opiniões expressas que seguem por essa linha de raciocínio. A nós o que se afigura é que enquanto trabalhadores que movimentam e viabilizam a economia do DF, os moradores das cidades do entorno deste, inclusive de Valparaíso de Goiás, são bem vindos. Porém, quando se trata de anexar essas cidades ao território distrital, as opiniões tornam-se recortadas por elementos do cotidiano associados a essas pessoas. Podemos apontar os mais recorrentes: as condições econômicas, questões de saúde, educação e principalmente a violência. Acerca desse último elemento é lícito afirmar que Brasília e Valparaíso de Goiás dadas a peculiaridades de um território conurbado, compartilham hoje um histórico de violência. Crimes são cometidos no DF e os bandidos fogem para o referido município ou vice-versa. Anexar ou não, não nos cabe enunciar um parecer. Entretanto, os elementos destacados a partir da problemática de anexação levam-nos a crer que estes são constitutivos daquilo que nomeamos no início deste texto de “identidade metropolitana”. E é parte de uma problemática ainda a ser deslindada: Valparaíso de Goiás adentrou Brasília ou foi esta por sua vez que adentrou Valparaíso de Goiás? Por ora não nos é possível elucidar tal questão. Fica a certeza, porém, de que não se deve proceder a um estudo sobre Valparaíso de Goiás dissociado de sua intrínseca relação com Brasília.

### 1.3 Conclusão

Uma pesquisa desenvolvida que busca entender o comportamento de uma sociedade e as construções identitárias desta, não deve desconsiderar o papel da cultura, da política, da economia, enquanto elementos constitutivos dessas identidades. Em nossos estudos sobre as relações identitárias construídas no município de Valparaíso de Goiás, foi-nos possível chegar a algumas considerações que ora evidenciamos. Antes, porém, ressaltamos que tais considerações são parciais, uma vez que resultam de pesquisa ainda em andamento.

Evidenciou-se no decorrer da pesquisa que os moradores de Valparaíso de Goiás apresentam poucos vínculos institucionais ou sociais com seu município cessionário, Luziânia/GO, e sim com Brasília/DF; a população do município é composta em sua maioria por migrantes oriundos principalmente da região Nordeste do país; estes migrantes, em sua maioria, tiveram como destino primeiro o Distrito Federal e na impossibilidade de aí se fixarem migraram para as cidades do Entorno do DF sendo Valparaíso de Goiás, dada a sua proximidade com o DF, aquela que maior contingente populacional recebeu.

Em Valparaíso de Goiás encontraram espaço e condições propícias para estabelecer residência e em Brasília elementos para a efetivação de seu sonho migrante. Assim sendo, encontram-se plenamente satisfeitos com sua condição de vida. Esta se comparada com o local de origem afigura-se mais estruturada que antes. Para eles, a vida cotidiana do município, com seus problemas e mazelas é algo distante de sua realidade.

Os dados da pesquisa apontam, ainda, para a construção no imaginário dos moradores do DF, acerca dos moradores do Entorno de uma concepção negativa em relação a estes. As pessoas têm consciência da importância desses indivíduos enquanto mão-de-obra desqualificada, porém, acreditam que todas as problemáticas relacionadas à violência e criminalidade no DF, devem ser imputadas aos moradores do Entorno e não como produto das desigualdades sociais.

Em suma, considerações explicitadas nos fazem crer que as especificidades do processo de povoamento em Valparaíso de Goiás resultaram em desenraizamento de sua população em relação ao município. Os moradores buscam seu espelho em terras distritais.

## Referências Bibliográficas

- BARROS, J. D'A. **O campo da História: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 222 p.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi.** Editora Zahar. Rio de Janeiro, 2005. 110p.
- BLOCH, Marc. L. B. **Apologia da História ou ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 159 p.
- BORGES, B. G. **O despertar dos dormentes: estudo sobre a Estrada de Ferro de Goiás e seu papel nas transformações das estruturas regionais. 1909-1922.** Goiânia: Cegraf, 1990. 130p.
- BOSCHI, C. C. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007. 72 p.
- CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. 508 p.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1998. 233 p.
- CHAUL, N. F. **Goiás: Identidade, paisagem, tradição.** 1ª Ed. Goiânia: UCG, 2001. 268p.
- CAMPOS, F. I. **Coronelismo em Goiás.** 2ª Ed. Goiânia: Editora Vieira, 2003. 141p.
- DELGADO, L. A. N. **História oral: memória, tempo, identidades.** Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2006. 136p.
- FERREIRA, V. M. **Fascínio da Cidade: memória e projecto da urbanidade.** Lisboa: Ler Devagar, 2004. 405p.
- FORTUNA, C. **As cidades e as identidades: Narrativas, Patrimônio e Memória.** In: SMITH, W. **Barão Geraldo: História e Identidade Local.** Monografia de iniciação científica na disciplina de História. São Paulo: USP, 1995. 25 p.

FREITAS, L. **Poder e Paixão: a saga dos Caiado**. Vol. 01. Goiânia: Cãnone Ed. 2009. 544p.

SILVA, E. B. B.; SILVA, G. E. R. da. **Aspectos Histórico-geográficos do município de Valparaíso de Goiás**. In: História de Nossa Terra: Valparaíso de Goiás. Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás (Org.). Valparaíso de Goiás, 2008. 152p.

FROCHTENGARTEN, F. **A memória oral no mundo contemporâneo**. Estudos Avançados 19 (55), 2005. pp.367-376.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 3ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1999. 102 p.

\_\_\_\_\_, **Da Diáspora: Identidades e Mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

MELLO, M. de. **Luziânia: a fragmentação territorial de um município do Entorno de Brasília**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1999. 124f.

NETO, H. P.; FERREIRA, A. P. (Orgs.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Editora Revan. Rio de Janeiro, 2005. 424p.

NOGALES, A. M. **Correio Braziliense**. Cidades, s.d., 2008.

OJIMA, R.; PEREIRA, R. H. M.; SILVA, R. B. da. **Cidades-dormitório e a mobilidade pendular: espaços da desigualdade na redistribuição dos riscos socioambientais?** Disponível em: <[www.unicamp.br/anuario/2008/IFCH/DD/DD-0012.html](http://www.unicamp.br/anuario/2008/IFCH/DD/DD-0012.html)> Acesso em: jan./2011.

PAVIANI, A. **Urbanização e Metropolização**. Brasília: Universidade de Brasília, Codeplan, 1987. 256 p.

PESAVENTO, S. J. . **O outro no tempo**. História. Debates e Tendências (Passo Fundo), Universidade de Passo Fundo, v. 4, n. 2. 2003.

PIMENTEL, A. **Visão histórica de Valparaíso de Goiás:** pesquisa histórica. Valparaíso de Goiás, 2006. 105p.

PORTELLI, A. **O que faz a história oral diferente.** Projeto História. São Paulo: EDUC, n. 14. Fev/97

PÔRTO, G. **História do Tempo Presente.** Bauru, SP: EDUSC, 2007. 360 p.

REIS, G. “**Imobiliário de Luziânia**”. Luziânia-GO, 1975.

RIBEIRO, H. S. **O Migrante e a cidade:** dilemas e conflitos. Araraquara, 2001.

RIBEIRO, M. B. A. Cap. III: **Memória, família e poder.** História de uma permanência política- os Caiado em Goiás. In: CHAUL, N. F. (Coord.) **Coronelismo em Goiás:** estudo de casos e famílias. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998, pp.207-290.

RÛSEN, J. **Razão histórica.** Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. UNB, 2001, 194 p.

\_\_\_\_\_, **História Viva:** Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Trad. Estevão de Rezende Martins. Brasília: Ed. da UnB, 2007, 159 p.

SILVA, E. B. B. e SILVA, G. E. R. **Aspectos Histórico- geográficos do município de Valparaíso de Goiás.** In: História de Nossa Terra: Valparaíso de Goiás. Secretaria Municipal de Educação de Valparaíso de Goiás (Org.) 1ª edição. Valparaíso de Goiás, 2008. 152 p.

SILVA, L. S. D. da. **A Construção de Brasília:** Modernidade e Periferia. Editora da UFG. Goiânia, 1997. 137p.

SILVA, R. M. **Memórias e Identidades e Processos Migratórios.** In: Em tempo de Histórias – Publicação do Programa de Pós-Graduação em História / UnB, nº 12. Brasília, 2008. 24 p.

SIMMEL, G. **A metrópole e a vida mental.** In: O fenômeno urbano. VELHO, O. G. (Org.). Tradução: Reis. S. M. dos. 4ª ed. Editora Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1979. pp.11-25.

STEINBERGER, M. (Org.). **Território, ambiente e políticas públicas espaciais**. Brasília: Paralelo 15 e LGE Editora, 2006. 408 p.

SUESS, P. **Migração, identidade, interculturação**: Teses e fragmentos para um discernimento teológico-pastoral. Disponível em:

<[http://www.missiologia.org.br/cms/UserFiles/cms\\_artigos\\_pdf\\_76.pdf](http://www.missiologia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_76.pdf)> Acesso em:

01/06/2011. p.01-13.

VALADÃO, L. A. N.; NASCIMENTO, L. C. do. **Lixo e cidadania**: a construção a partir da organização. Monografia de especialização. Universidade Estadual de Goiás. Formosa, 2004. 75f.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2012**: Os Novos Padrões da Violência Homicida no Brasil. 1ª Edição. Instituto Sangari. São Paulo, 2011. 245p.

Zoneamento Ecológico-Econômico do DF-2010. Disponível em: <<http://www.zeedf.com.br/produtos.html>> Acesso em: 15/11/2011.

## Sonho de João Leite

Jeremias Lunardelli Neto

São Sebastião no litoral norte de São Paulo, fundado em 1605 por Francisco Escobar Ortiz, nasceu com um pequeno povoado na Ilha Bela, e estabeleceu os dois primeiros engenhos de açúcar na região. O empreendedor Francisco Ortiz dispunha até de um navio de duas cobertas que navegava dali para Angola. “De São Sebastião, um auto lavrado em 1636 e constante do livro do tombo de sua igreja matriz, revelava que a povoação já existia havia mais de trinta anos”, o que se confirmava por duas cartas de sesmarias no lugar, concedidas em Santos pelo capitão-mor Gaspar Coqueiro. Lugar privilegiado, ilha paradisíaca colocava os primeiros europeus a salvo dos ataques dos índios tupinambás, ao mesmo tempo que proporcionava o desfrute de uma natureza exuberante, em estratégico ponto equidistante entre Rio de Janeiro e Santos. Foi neste local de sonho que nasceu João Leite da Silva Ortiz, em 1670.

Filho de família empreendedora, João viveu a infância em completa liberdade, na vila fundada por seus antepassados. Para educar seus filhos em idade escolar, Estevão Raposo Bocarro e sua mulher, dona Maria de Abreu Leme, se transferem com toda família para Piratininga, inscrevendo João Leite e seu irmão Bartolomeu Paes de Abreu na tradicional escola fundada por Anchieta, na época respeitada como uma das duas melhores escolas do Brasil. São Paulo acolhia seus mais ilustres bandeirantes, que estavam ampliando nosso território, rompendo a linha imaginária do tratado de Tordesilhas. João Leite e seu irmão, Bartolomeu Paes, demonstraram grande talento na construção deste projeto.

No ambiente paulista, João aprimora sua matemática, relaciona-se com a sociedade e casa-se na vila de Parnaíba com Isabel, filha de Bartolomeu Bueno da Silva o Anhangüera II, com quem teve quatro filhos, Bartolomeu, Estevão, Tereza e Quitéria.

Em 1701, aventura-se para o lado de Minas Gerais, aonde se instalou com fazenda no lugar a que deu nome de Cercado, fundando um arraial que denominou Curral de El-Rei, hoje Belo Horizonte, onde cultivava alimentos e criava gado, para trocar por ouro. Torna-se rico, mas inseguro com a guerra dos Emboabas, vende o que conquistou e retorna a Piratininga, reaproximando-se do seu irmão, muito bem relacionado com as autoridades de São Paulo. Sobre tal fato Pedro Taques de Almeida Paes Leme nos diz: “Então se achava João Leite da Silva rico e abastado, com numerosa escravatura, e bem estabelecido de lavras minerais, no sítio chamado o Curral de El-Rei. Às persuasões de seu irmão, capitão de infantaria Paes de Abreu, e das promessas do governado e capitão general, Rodrigo Cesar de Meneses, aceitou o convite (de formar uma bandeira); e fazendo vender por um o que valia dez, recolheu a São Paulo, aonde a custa de seus grandes cabedais se formou o troço de quinhentos homens, com cujo corpo penetrou o inculco sertão de Goiás”.<sup>1</sup>

João sonha, estimulado pelo irmão, em construir um novo modelo de ocupação, livre dos conflitos que pôde viver em suas terras nas Minas Gerais. Seu sogro Anhanguera II, não se esquecia de sua juventude quando, com seu pai, por aqui estivera com 12 anos, sentindo a exuberância de uma região pela primeira vez tocada pelo homem branco. Algo novo que não repetisse a violência dos garimpos era acalentado por João Leite, um sonhador de formação humanista, que aqui chegou cercado de promessas do governo, desejando a expansão de nosso território.

Os alferes José Peixoto Teixeira da Silva Braga, em relato feito ao padre Diogo Soares, cartógrafo da corte, confirma em detalhes as aventuras nos sertões da bandeira montada por João Leite, seu irmão Bartolomeu Paes, e seu sócio e sogro Anhanguera. Dizia ele, “Saí da cidade de São Paulo a 3 de julho de 1722 em companhia do capitão Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera, de alcunha, que era o cabo da tropa...”<sup>2</sup>

---

1 História da terra e do homem no planalto. Paulo Bertran, pg 70.

2 Brasil, a história contada por quem viu. Jorge Caldeira (org), 274.

História de São Paulo colonial. Maria Beatriz Nizza da Silva (org), 110.

Súmula de História de Goiás. Americano do Brasil

Os Anhangueras em Goiás. Ubirajara Galli

O litoral norte do Estado de São Paulo. Armando Corrêa da Silva, 77

As demoradas buscas pelo precioso metal não apagaram a ganância dos poderosos que, em silêncio, esperavam pela confirmação da existência do ouro. Tal fato veio a ser revelado com a chegada de Anhanguera em São Paulo, no dia 21 de outubro de 1725, feliz com a existência de ouro em cinco ribeirões, nas terras goianas. Logo já está ele a preparar outra bandeira, enquanto seus adversários questionam os direitos conquistados por Bartolomeu Paes de Abreu junto à corte, nomeando o Anhanguera Capitão-Regente e Superintendente Geral das Minas de Goiás, e a João Leite, conferindo o título de guarda mor das minas. O governador Rodrigo César, que apoiava a bandeira de João Leite, desagradou então novos aventureiros, desejosos de garimpar ouro goiano, (“Ordeno e mando que os forasteiros que aqui se acharem, venham à minha presença para se saber a parte para onde querem ir”...) é encaminhado para administrar as minas de Cuiabá, sendo rapidamente substituído na administração da província de São Paulo, por ferrenho adversário. O irmão de João Leite, cujo apoio às incursões goianas era fundamental, é então preso incomunicável na ilha de Santos, sob pretexto inventado pelo novo governador Antonio Silva Caldeira Pimentel, de estar fomentando uma nova guerra dos emboabas em Goiás. Rompia-se assim todo o apoio logístico que vinha sendo feito de Piratininga, para sucesso desta empreitada.

João Leite, percebendo a trama, retornou a São Paulo. Não sendo recebido pelo governador Pimentel, inicia viagem com seu filho mais velho, Bartolomeu, de 12 anos, e um sobrinho na direção de Lisboa, desejando levar ao rei de Portugal informações sobre os desmandos do novo governador. Este habilmente contrata o padre Matias Pinto para acompanhar os passos do bandeirante, com expressa recomendação de não permitir que João Leite chegue ao seu destino. Em Recife consumam-se as ordens daquele que governou São Paulo, de 1727 a 1732. Diz-se que durante o seu governo obrigava os populares a se ajoelharem quando passava. Novamente o texto de Pedro Taques registra com muita emoção o drama ocorrido:

Como o veneno se introduziu no sangue, perdeu a vida quem era merecedor de há possuir mais larga; e perdeu um rei muito distinto e benemérito vassalo, porque ele bastava para conseguir, como pretendia, os maiores descobrimentos em todo sertão de Goiás, que até hoje esta falta se lamenta

a morte de João Leite da Silva, que, na madrugada do dia 9 de dezembro de 1730 entregou a alma ao Criador, na vila de Santo Antonio de Recife de Pernambuco.

Americano do Brasil confirma, em sua Sumula de História de Goiás: “receoso da entrevista de Ortiz com D. João V, mandou em caminho envenená-lo pelo padre Matias Pinto, vindo a falecer em Pernambuco. Ortiz é a primeira vítima histórica de amor a Goiás.

Nas condições em que veio a falecer, seu nome foi apagado de nossa memória. Transcorridos quase três séculos da morte de nosso herói, salvo seu nome em rio que abriga uma APA<sup>3</sup>, pouca gente sabe quem foi João Leite. Temos um bom motivo para resgatar sua história, pois a mesma região que traz seu nome poderá vir a se tornar modelo de ocupação sustentável e referência para um mundo cheio de discursos, entretanto carente de ações. A biodiversidade remanescente nesta região é uma das mais ricas da América e deve ser estimulada a ser preservada, convivendo com técnicas de ocupação que não agridam o ambiente.

Para que isto aconteça basta olharmos a vida de uma maneira diferente. Temos de reaprender a enxergar, reaprender a ouvir, reaprender a sentir. A rica natureza desvendada pela ciência haverá de ser nossa mestra, na busca da harmonia necessária para a continuidade da vida.

Unidade Agroecológica Santa Branca  
Porta do Céu, junho de 2012

---

<sup>3</sup> Área de Preservação Ambiental.

# Memórias folhetinescas de Pablo Neruda em *O Cruzeiro Internacional*

Delson BIONDO<sup>1</sup>

Cecília ZOKNER<sup>2</sup>

## RESUMO

O artigo resgata, analisa e traduz a primeira de uma série de dez crônicas autobiográficas, escritas originalmente por Pablo Neruda, em 1962, para a revista brasileira *O Cruzeiro Internacional*. Analisado em suas particularidades, esse capítulo desvenda aspectos de importância biográfica no que diz respeito às relações entre Neruda e o Brasil, bem como uma série de reveladoras envolvências psicossociais do autor. Por ser um texto anterior à obra *Confieso que he vivido* e possuir passagens que nela não figuram, essas ignoradas memórias folhetinescas reclamam uma presença definitiva dentro das obras completas do poeta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pablo Neruda. Memórias. *O Cruzeiro Internacional*. Autobiografia.

Talvez o grande público desconheça que as memórias em prosa do Nobel chileno foram publicadas pela primeira vez no Brasil. “Las vidas del poeta: memorias y recuerdos de Pablo Neruda” apareceram em *O Cruzeiro Internacional* em dez capítulos quinzenais, de janeiro a junho de 1962. Essa Revista, hoje extinta, foi inovadora não só no panorama jornalístico brasileiro, mas também na sua intenção de atingir um contexto cultural mais amplo. Em seus primórdios, teve uma

---

1 Doutor em Letras pela UFPR, e-mail: delson.biondo@ifpr.edu.br - IFPR - Instituto Federal do Paraná, Campus Curitiba, Curitiba, Paraná, Brasil.

2 Doutora em Literatura Comparada pela Faculté des Lettres de Bordeaux. UFPR, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil,

tiragem de aproximadamente trezentos mil exemplares, distribuídos em mais de vinte países de fala hispânica, inclusive nos Estados Unidos.<sup>3</sup>

Em seu aspecto gráfico, o texto se apresenta disposto em três colunas, com exceção dos casos em que a inserção de uma foto, título ou chamada reduzem o número para uma ou duas colunas. Cada capítulo traz, em sua página de abertura, o título do folhetim, em caixa-alta, seguido de uma reprodução gigante da assinatura de Pablo Neruda, recurso que presentifica o autor e proporciona mais apelo emocional à sua narrativa. Acompanhando o título de cada capítulo, a informação de que o texto é matéria *exclusiva* da revista *O Cruzeiro Internacional*.

“Las vidas del poeta” é um título que soa instigante, pois remete a uma existência plural, a uma vida que se desdobra e contém em si muitas outras. Esse viver de forma intensa aproxima o poeta da natureza, das coisas do mundo, das pessoas e dos acontecimentos de sua época, fazendo dele um autor que não se entrincheira, que busca o prazer dos sentidos e a fixação do vivido.

A reconstrução dessa vida, elaborada a partir de lembranças voluntárias, e às vezes involuntárias, de momentos seletos e marcantes, ou simplesmente curiosos, foi disposta em dez capítulos, cujos títulos, nem sempre elucidativos, podem resultar, no entanto, sugestivos ou impactantes: “El joven provinciano”; “Perdido en la ciudad”; “Los caminos del mundo”; “La calle oriental”; “La luz en la selva”; “En Ceilán, la soledad luminosa”; “Tempestad en España”; “Las entrañas de América”; “Lucha y destierro”; “Diccionas y contradicciones finales”.<sup>4</sup>

Dois elementos paratextuais estão sempre presentes em todos os capítulos: fotos do poeta (algumas com comentários e explicações) e diversas chamadas que sintetizam o conteúdo do capítulo. Em tamanho maior, as fotos que antecedem cada capítulo retratam um poeta de olhar distraído, absorto em seus pensamentos ou devaneios, pouco preocupado com a câmera, mas bastante atento à imagem que ela pretende fixar. O perfil é sua posição preferida, eventualmente espalma as mãos nas pernas ou leva sua mão direita ao queixo para apoiar a cabeça.

---

3 Para o presente estudo, utilizamos fac-símiles de *O Cruzeiro Internacional* obtidos junto à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Todo este material, no entanto, foi resgatado e publicado por Alejandro Jiménez Escobar no Chile em 2004. Ver JIMÉNEZ ESCOBAR, 2004.

4 Na Revista, os títulos são todos grafados em caixa-alta.

No capítulo de abertura, a foto escolhida, única que retrata um Neruda sorridente e em cumplicidade com a câmera, é coetânea ao texto; não a outra, inserida nos interstícios da narrativa, que revela um colegial aos dezenove anos, de nariz grande e orelhas de abano, como que posando forçosa e timidamente para uma foto institucional.

Tanto as notas ao pé das fotos (em itálico) quanto as chamadas resumidoras dos textos (em tipos maiores) são, muito provavelmente, de cunho editorial, ou seja, não devem ter sido formuladas pelo poeta, mas reescritas a partir do seu texto, de forma a chamar a atenção do público para os tópicos mais importantes.

Somente o primeiro capítulo vem antecedido por breves palavras de apresentação, nas quais a Revista se empenha em ressaltar: o ineditismo do empreendimento, o esforço levado a cabo para concretizá-lo no período de um ano e meio e a importância da poesia de Pablo Neruda para os povos da América. Digna de nota é a forma como a Revista defende um conceito de expressão poética em que a poesia de um escritor profundamente comprometido é dissociada desse comprometimento; também, o modo como a Revista se esquivava das possíveis críticas e dos dilemas ideológicos que as memórias de um poeta comunista poderiam gerar, enaltecendo o talento de sua poesia e minimizando os efeitos de sua postura político-partidária:

Muchos podrán discutir la posición política de Pablo Neruda, muchos pueden ser sus acérrimos enemigos y combatirlo hasta con violencia, pero en toda América Latina no existe la menor discordancia respecto a su notable talento poético – el poeta ha sido consagrado por los críticos de todas las tendencias y por los lectores de todas las ideologías. Y este último motivo nos ha llevado a publicar las Memorias de Neruda, como homenaje a la auténtica poesía. (NERUDA, 1962, p.15)

Se as chamadas são de autoria dos editores, não assim os títulos, até porque três deles reaparecem literalmente em *Confieso que he vivido* (NERUDA, 1974), suas memórias canônicas: “El joven provinciano”; “Perdido en la ciudad” e “Los caminos del mundo”. No primeiro capítulo, as chamadas se apresentam numa coluna paralela ao texto, seguindo-lhe a mesma ordenação: “El arte de la lluvia”; “La ciudad de Temuco en la

frontera”; “Temuco y Goiânia”; “Los araucanos”; “Los tíos del norte”; “El conductor de tren”; “El Liceo de Temuco”; “Cartas de amor contra membrillos”; “El nido y el sexo”; “Mi primer poema”; “Una señora mal vestida”. (NERUDA, 1962, p. 16)

Dentre essas chamadas, “El nido y el sexo”, por exemplo, não parece ser do poeta, pois contraria a sutileza do episódio, que reconta uma situação de cunho erótico sem empregar, em momento algum, a palavra *sexo*. “Los tíos del norte”, por sua vez, podem sugerir, de forma equivocada, uma referência aos Estados Unidos, quando, de fato, Neruda faz menção aos parentes do centro do Chile, região mais ao norte de Temuco.

A crônica autobiográfica se inicia com uma paródia das primeiras linhas de Don Quijote de la Mancha: “En un lugar de la Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme [...]”. (CERVANTES SAAVEDRA, 1956, p. 21) Ao homenagear essa figura prototípica tão presente no imaginário latino-americano, Neruda saúda, ao mesmo tempo, Cervantes e a língua espanhola, num parágrafo descartado de suas memórias canônicas: “En una revista del Norte, de cuyo nombre no quiero acordarme, hay una sección bobalicona llamada ‘Mi personaje inolvidable.’” (NERUDA, 1962, p. 15)

Essa palavra *Norte*, com maiúscula, sugerindo América do Norte, e a revista de cujo nome não quer se lembrar, remetendo-nos a *Seleções* (ou *Reader’s Digest*), criam um liame com o provável leitor através de provocações irônicas. Um texto espirituoso pode despertar sorrisos e simpatias que nos predispõem, de antemão, a lermos com mais entusiasmo. A seção “Meu personagem inesquecível”, de dita revista, serve de mote para o início de suas memórias. Ironicamente, o escritor imprime, desta forma, o tom com o qual o leitor deve começar a ler o texto: como se fosse uma seção “bobalhona” da revista *Seleções*.

Se a paródia com o texto de Cervantes e a referência a uma seção da revista norte-americana podem ser indicativo de um jocoso desdém do poeta em relação aos textos publicados em revistas, no parágrafo seguinte, Neruda se dispõe a realizar sua tarefa autobiográfica, fazendo decididamente algo nos moldes daquilo que ele acabara de zombar. Portanto, sua “seção bobalhona” também começa com um surpreendente personagem inesquecível: a chuva. É quando ocorre uma rápida transição qualitativa para o lírico, tecido a partir de hipérboles, símiles, eufemismos, metáforas, paralelismos e adjetivações.

A presença da chuva como personagem marca a passagem do prosaico para o poético. Neruda humaniza a chuva, instaura um jogo de oposições entre dois tipos de chuva e dois tipos de céu; realiza um paralelismo entre chuva de verão, impaciente, que cai como um chicote, e a impaciência de um rude camponês que fustiga seus bois; e cria um contraste entre inverno e verão, finalizando assim o quadro: “Pero el verano de mi infancia redimía toda esa inmensa tristeza, pintaba de azul el cielo, de claridad las calles, y de trigo las colinas.” (NERUDA, 1962, p. 16)

Este parágrafo final, que não foi reaproveitado em *Confieso que he vivido*, aponta para um verão outra vez antropomorfizado, que redime, pinta e faz prevalecer uma visão de mundo mais esperançosa sobre a tristeza oriunda da chuva.

Começam a aparecer os *intervalos*, ou seja, espaços interpolados que na diagramação do capítulo delimitam porções de texto que chamaremos de *segmentos*.<sup>5</sup> Neste primeiro capítulo, há oito segmentos e sete intervalos, os quais não sabemos se foram estabelecidos pelo autor ou pelos editores. No entanto, às vezes eles são indicativos de mudança de assunto, de perspectiva narrativa e também de saltos temporais.

O narrador, até então em primeira pessoa, passa momentaneamente para a terceira, no primeiro parágrafo do segundo segmento. Ao fazê-lo, distancia-se do narrado e serve-se de um linguajar de crônica, que é nuançado por adjetivos ironicamente hiperbólicos: “inmenso serrucho”, “olla gigantesca”, “candado ciclópeo”, “cuchara antártica”, “bota colosal” (NERUDA, 1962, p. 16), possível troca aos emblemas que atraíam a atenção dos índios analfabetos para as lojas de ferragem da cidade de Temuco, lugar onde passou a infância.

Intrigante é a forma como Neruda, no próximo parágrafo do mesmo segmento, retomando a primeira pessoa, faz uma notação temporal equivocada ao se referir à sua vinda ao Brasil para participar do I Congresso Internacional de Intelectuais, realizado em Goiânia em fevereiro de 1954. Os oito anos decorridos desde aquele encontro para ele se transformam em “quatro ou cinco”. Esse lapso do autor pode ser lido como um indício de seu aparente menoscabo pelo congresso em questão, como veremos adiante. Uma deformação a respeito do tempo não invalida o *pacto referencial* indispensável em autobiografias, uma vez que, como diria Lejeune (1994, p. 76-77), as informações

---

5 Para facilitar a análise, os segmentos foram por nós numerados.

nelas contidas não precisam passar pelo crivo da verificação. Além disso, esquecimentos e erros involuntários fazem parte do processo autobiográfico de circunscrição da realidade.

Com exceção da assustadora viagem aérea que lhe pareceu “el más largo de los viajes”, nada mais foi recordado. Se para Neruda essa vinda ao Brasil não parece ser significativa, tampouco para os seus biógrafos. A viagem a Goiânia, bem como a passagem do poeta pelo Brasil, ambas relatadas num único parágrafo de *O Cruzeiro Internacional*, foram excluídas de *Confieso que he vivido*:

Hace cuatro o cinco años, para asistir a un Congreso en Goiânia, hice con el escritor y senador Baltasar Castro un viaje aéreo que me pareció el más largo de los viajes. Por encima del vasto Brasil, el avión de carga en que íbamos atados al asiento, como condenados, tambaleaba y crujía por aquellos huracanados cielos. Y, cuando, maltrechos, por fin llegamos al hotel y tuve valor para asomarme a la ventana, vi una ciudad sin pasado, sin telarañas, en que todo se estaba empezando a hacer. Otra vez un mundo de ferreterías. Me volví hacia Baltasar y le dije: “Tanto sufrir en el avión, tanto viajar por el mundo, y todo para volver a Temuco”. (NERUDA, 1962, p. 16)

Este parágrafo especificamente suscitou o nosso interesse em conhecer melhor as reais circunstâncias e detalhes sobre a presença de Neruda em Goiânia. Do material que conseguimos reunir, desprenderam-se relações que nos parecem pertinentes para captar o estado de espírito nerudiano nesta sua visita a terras brasileiras.

Volodia Teitelboim (2000, p. 367-368), que registrou essa vinda, fez parte da delegação chilena, juntamente com o senador Baltazar Castro, o romancista Joaquín Gutiérrez, a cantora folclorista Margot Loyola, Pablo Neruda e sua mulher Delia del Carril. Segundo Volodia, o Congresso contou também com a participação do cineasta Alberto Cavalcanti, do presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Milton Roberto, dos escritores Orígenes Lessa e Afonso Schmidt, do pintor Werneck, do compositor Edino Krieger e do arquiteto Oscar Niemeyer. A essa lista, ainda podemos acrescentar: Herbert Moses, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, as atrizes Vanja Orico e Maria Della Costa, o cineasta Lima Barreto, o músico Lupicinio Rodriguez,

o arquiteto Demétrio Ribeiro, o romancista José Geraldo Vieira, a poetisa Lilla Ripoll e Jorge Amado.<sup>6</sup> Também estiveram presentes os historiadores Bernardo Kordon, da Argentina, e Jesualdo Sosa, do Uruguai, além de René Depestre, uma das vozes literárias mais expressivas do Haiti, a escultora uruguaia Maria Carmen Loca e o poeta paraguaio Elvio Romero, entre muitos outros.

Embora a presença de tantas personalidades e expoentes do mundo cultural, muitos deles de credos políticos antagônicos, pudesse ocasionar eventuais divergências, o encontro primou por unidade e concordância em relação aos seus aspectos fundamentais, a ponto de um dos participantes concluir que o Congresso fora uma belíssima vitória, “alta, luminosa e esplêndida de que podiam orgulhar-se todos os intelectuais brasileiros” (FOLHA de Goiaz, 1954).

Na verdade, a participação de Pablo Neruda nesse I Congresso Internacional de Intelectuais, pelo registro deixado na imprensa local, ocorreu no primeiro dia de atividades, quando ele compôs a mesa de instalação dos trabalhos e declamou poemas. No Lyceu de Goiânia, Neruda discorreu sobre sua infância, tudo com grande sentido poético, segundo a escritora Amália Hermano Teixeira.<sup>7</sup> No livro *Goiânia 75*, Hélio Rocha (2009, p. 207) menciona que o casal Amália e Maximiano da Mata Teixeira, ao lado de Jorge Amado, teriam ciceroneado Neruda pelas ruas da cidade.

Curioso não ter sido referida por Hélio Rocha, nestes passeios, a presença de Delia del Carril, que segundo Volodia não se apartava de Neruda, especialmente pelo assédio feminino em torno do poeta. Nos olhos de Delia, Volodia (2000, p. 368) percebia uma tristeza oculta; talvez ela já intuísse a futura separação, que ocorreria de fato no ano seguinte, quando iria perder irreversivelmente seu marido para Matilde Urrutia.

O romance entre Pablo Neruda e Matilde Urrutia principiou no México em 1949. A relação amorosa de ambos, que só seria assumida em 1955, até então fora clandestina. Mas nesta viagem Matilde não estava presente. Do Rio de Janeiro, antes de ir a Goiânia, Neruda lhe escreve uma breve carta em papel timbrado do Copacabana Palace Hotel. Essa

---

6 Informações retiradas de *Folha de Goiaz*, ano XI, número 2492 e 2495. Goiânia, 16 e 19 de fevereiro de 1954.

7 Ver *DM Revista*. Goiânia, 22 de setembro de 1983.

carta de 12 de fevereiro, publicada no volume *Pablo Neruda: Cartas de Amor* (OSES, 2010, p. 60) que reúne a correspondência do poeta para Matilde, é significativa porque exprime o ânimo de Neruda em relação ao Brasil e ao Congresso do qual irá participar. Nela encontramos uma zombaria de Baltazar Castro sobre a relação extraconjugal que Neruda estava vivendo naquele momento, informações sobre o roteiro e a data do retorno ao Chile, queixas sobre a ausência de Matilde, menção às pequenas cumplicidades entre os dois, alusão a um repentino mal-estar do poeta e a constatação, no penúltimo parágrafo, da onipresença de Matilde na vida de Neruda: “Amor no hay Río, ni selva, ni casas, ni playas, ni montes, ni ciudad, ni congreso, ni cielo, ni tierra sin Ud. amor mío.” (OSES, 2010, p. 60) <sup>8</sup>

Essa veemente lamentação pela ausência de sua amante contrasta com o que escrevera algumas linhas acima na mesma carta, quando presume possíveis discórdias, estando presentes ao mesmo tempo, numa cidade pequena, Delia e Matilde: “Muy bien que no haya venido, *esto será* en una ciudad no más grande que S. Alfonso. Calcule el *cahuín!* Volveremos. Aquí tenían preparado un mes (!) de festejos (aniversario) para mí.” (OSES, 2010, p. 60, grifo nosso)

Causa estranheza o uso da palavra *cahuín* para designar o evento brasileiro, pois essa palavra chilena, de origem araucana, remete a um conjunto de pessoas barulhentas e embriagadas. Termo pejorativo que, juntamente com o pronome demonstrativo neutro *esto*, para designar o Congresso, e com a expressão *ciudad de la selva* <sup>9</sup>, para remeter a Goiânia, além da comparação desta com a minúscula San Alfonso chilena, parecem expressar um desdém pelo evento, pela cidade onde seria realizado e, por extensão, aos próprios brasileiros que estavam acolhendo Neruda com tanta cordialidade. Desinteresse corroborado pela recusa do poeta em aceitar os festejos que, no Rio de Janeiro, tencionavam oferecer-lhe ao retorno do Congresso pelo seu quinquagésimo aniversário, e que ele rejeitou sem pestanejar, jogando-o para um futuro improvável: “He dicho que más tarde.” (OSES, 2010, p. 60) <sup>10</sup>

---

8 As cartas de Pablo Neruda foram reproduzidas tal qual escritas, sem correções de nenhuma espécie.

9 Ver ANEXO II.

10 Devido à sua fama de poeta e militante político, tanto no Chile como no Brasil, pretendiam festejar os cinquenta anos de vida de Neruda em grande estilo.

De sua permanência em Goiânia, parece ter restado em seus escritos apenas uma banal alusão contida num verso de sua “Oda al pájaro sofré”: “de la fértil Goiania, / te enviaron / encerrado.” (NERUDA, 1993, p. 135) Mais do que essa inexpressiva referência à incipiente cidade brasileira, a ligação que Neruda estabelece com ela é a de um mero cenário, onde se expressa o seu capricho ornitofílico, de amante de pássaros, ao exigir que enviassem ao Chile a ave sofré, também conhecida como corrupião, que tanto o cativara. No entanto, contrariando as expectativas do poeta, o pássaro sofré, acostumado ao ambiente seco de Goiânia, não se adaptou ao gélido clima chileno e definhou até a morte. Essa morte provocou em Neruda um profundo arrependimento que deu origem à mencionada ode, escrita no Chile nos dias 17 e 18 de março <sup>11</sup> e publicada em *Odas Elementales* nesse mesmo ano de 1954.

No parágrafo de *O Cruzeiro Internacional*, Goiânia, que na época do Congresso contava com apenas vinte anos de existência, é vista por Neruda de uma forma um tanto depreciativa. Ao nela chegar, após uma longa, perigosa e desgastante viagem de avião, Neruda não se sente recompensado. Ela não lhe oferece atrativos, nem história, nem passado. Ao abarcá-la com o olhar, a partir da janela do hotel, um melancólico pensamento lhe sobrevém: estar ali, naquele lugar, era como voltar à pequena e chuvosa cidade de sua infância, Temuco.

Aludir a Goiânia, logo no início dessas memórias, sugere um desejo de aproximação do autor-Neruda com o público brasileiro, propósito que não irá se repetir em nenhum dos outros capítulos. Embora Neruda já houvesse estado no Brasil, o fato de ter omitido sua retumbante presença no Estádio Pacaembu em 1945, em São Paulo – quando num comício em homenagem ao comunista brasileiro Luis Carlos Prestes, declamou um poema diante de mais de cem mil pessoas – é explicável. Isso porque, se levarmos em conta a breve e prudente nota da revista *O Cruzeiro Internacional*, que introduz esse primeiro capítulo, e a ela somarmos as vagas impressões de Neruda sobre Goiânia, fica evidente que o autor tentou estabelecer uma empatia com o leitor brasileiro isenta de quaisquer significados políticos. A omissão parece, portanto, se justificar, pois retomar o tributo a Prestes, expresso no poema a ele

---

11 Conforme estudo de R. D. F. Pring-Mill, intitulado “El Neruda de las *Odas Elementales*”. In: *Coloquio Internacional sobre PABLO NERUDA (La obra posterior al Canto General)*. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1979, p. 299.

dedicado, poderia ser constrangedor para a redação de uma revista que tentou elidir a militância política de Pablo Neruda.

Após as considerações sobre a viagem a Goiânia, Neruda retoma Temuco, porém o faz reportando-se à história sangrenta da conquista espanhola, o que aponta uma concepção de história do autor, que privilegia os oprimidos e critica os opressores.

“Las vidas del poeta” são, algumas vezes, a semente de muito daquilo que o escritor vai explorar, ampliar ou reescrever em *Confieso que he vivido*. Neste capítulo de estreia, a primeira metade do quarto segmento trata da profissão de seu pai, um condutor de trem. Ali, Neruda oferece uma rápida informação sobre esse trem, sobre o aspecto físico do pai, sobre os trabalhadores da linha férrea, sobre o trabalho que eles realizavam e sobre o quanto Neruda foi marcado pela experiência de conviver neste meio:

Era conductor de un tren lastrero. Estos trenes lastreros conducían piedras y arena que depositaban entre los durmientes de la línea férrea, para que la intensa lluvia no moviera los rieles. Debiendo excavar el lastre de las canteras, este tren de mi padre permanecía en cualquier rincón selvático, por semanas completas.

El tren era novelesco. Primero, la gran locomotora antigua, luego los innumerables carros planos en los que la pala excavadora depositaba las pequeñas montañas de la entraña terrestre, después los carros de los peones, por lo general, rudos gañanes de vida desordenada, y luego el vagón en que vivían sobre ruedas mi padre y el telegrafista. Todo esto en medio de faroles de vidrios verdes y rojos, de banderas de señales y mantas de tempestad, de olor a aceite, a hierros oxidados, y con mi padre, pequeño soberano de barba rubia y ojos azules, dominando como un capitán de barco la tripulación y la travesía.

Viajé muchas veces por los ramales en esta casita de mi padre que se detenía junto a la selva primaveral, selva virgen que me reservaba los más espléndidos tesoros, inmensos helechos, escarabajos deslumbrantes, curiosos huevos de aves silvestres. (NERUDA, 1962, p. 16-17)

Tal como estão redigidos, estes três parágrafos constituem o embrião dos também três que, transformados e desenvolvidos, viriam a

fazer parte de suas memórias canônicas. Temos aqui um bom exemplo do quanto essa primeira crônica autobiográfica de Neruda é única e exclusiva, pois embora as ideias tenham sido reaproveitadas, a forma como plasmou as imagens, concebeu a voz narrativa e criou efeitos estilísticos é outra.

Merece atenção o modo como, a partir de elementos sinestésicos, o autor cria um cenário de romance no qual seu pai é transformado em um mítico capitão de barco, seus ajudantes, numa tripulação de homens rudes e grosseiros, o vagão-domicílio, numa casinha de sonhos, o trabalho do trem de lastro, numa travessia por mares tormentosos, o próprio Neruda, num anelante exporador de tesouros, e a mata araucana, numa fabulosa selva de contos de fada. Inserida nessa dimensão mítica, percebe-se uma voz narrativa cujo tom entrelaça imaginação, afetividade e benquerença.

Com exceção do aproveitamento da primeira frase (“Era conductor de un tren lastrero”), o texto de *Confieso que he vivido* é recriado a partir de uma perspectiva diferente, que detalha as informações sobre o trem e seus tripulantes porém relega a figura do pai a de um mero funcionário preso às atribuições cotidianas. O lirismo presente nas linhas de *O Cruzeiro Internacional* se esmaece no texto canônico, pois neste o protagonista já não será mais o pai e, sim, o próprio Neruda quando criança.

A fascinação de Neruda pelos pássaros desencadeará também sua primeira aventura erótica: duas meninas vizinhas lhe oferecem um ninho de pássaro silvestre em troca da satisfação de pueris curiosidades sexuais. Para construir o relato, o memorialista contrapõe elementos que se tensionam: a ingênua timidez de Neruda e a nada angélica determinação das meninas; a fascinação de Neruda pelos ovos de pássaro e a curiosa atração das meninas pelos balangandãs do vizinho; os melindres do assaltado e a lascívia das assaltantes; a fuga do assediado e a perseguição das molestadoras; os ovos acidentalmente partidos e os desejos conseqüentemente frustrados. O medo põe fim à aventura e as três crianças terminam debaixo do balcão de uma padaria numa repentina situação de malogro, “escondidos y apretados entre telarañas y restos de pan y harina” (NERUDA, 1962, p. 19), complemento frasal que o escritor preferiu descartar de *Confieso que he vivido*.

Nessa padaria desativada, inóspita e desoladora, pertencente ao pai de Neruda, espaço que se contrapõe jocosamente à situação idílica inicial, termina o que poderia ter sido o *paraíso* de sua primeira experiência erótica. Num refúgio diminuto e estreito, onde a vergonha encontra o medo, surge, como contraponto do desejo, uma inesperada punição. O complemento frasal que não foi conservado em *Confieso que he vivido* amplia e valoriza o cenário descrito no relato, dando-lhe relevância emotiva e tornando a leitura do texto da Revista muito mais envolvente.

O segmento número sete se inicia com a lembrança do jovem Neruda em seu desejo de explorar o mundo do conhecimento através da leitura, tarefa que descreve por meio de uma sucessão de metáforas, analogias, metonímias e imagens hiperbólicas, mostrando-se como um personagem que navega em meio a um turbulento rio de livros. Essa aventura livresca, indiscriminada, de leituras díspares, sugestões de um velho poeta de Puerto Saavedra (obras de um polêmico romancista colombiano, peças de cunho social e filosófico de um conhecido dramaturgo norueguês, aventuras rocamboladas de Ponson du Terrail), configura suas primeiras leituras. Na verdade, lia vorazmente e sem método, “Llegué a devorar tres libros al día. Todo lo consumía” (NERUDA, 1962, p. 19), frases ausentes de suas memórias canônicas, mas que aqui parecem contribuir para fixar sua imagem como a de um simples leitor isento de rótulos, desconstruindo, assim, uma possível imagem de leitor precocemente comprometido.

Puerto Saavedra, o cenário dessa façanha livresca, “hoy destruido por un cataclismo” (NERUDA, 1962, p. 19), informação também descartada de suas memórias canônicas, pereceu no grande terremoto e maremoto de 1960, apenas dois anos antes da edição de *O Cruzeiro Internacional*. A menção desse sinistro na Revista reforça um sentimento de perda que parece afetar negativamente toda a recordação de peripécias de leitura acontecidas nesse porto fluvial. Porto mítico que, ao ruir, tingiu de melancolia as memórias aventurescas daquele jovem navegante de rios de livros.

Um novo itinerário de leituras se abre para o jovem Neruda quando, em 1920, se encontra com Gabriela Mistral em Temuco. Nas poucas vezes em que a visitou, foi presenteado com romances de escritores russos: Tolstoi, Dostoievski e Tchekhov. Coincidentemente,

tanto Gabriela quanto Augusto Winter, ambos poetas, recomendaram, no entanto, os prosadores.

Nas recordações de Neruda, Gabriela figura como uma mulher isenta de vaidade, alheia aos ditames da moda e, não raro, espirituosa, como atesta essa passagem que não consta de suas memórias canônicas:

Por esos años llegó como directora del Liceo de Niñas de Temuco una señora alta y mal vestida. Se cuenta que cuando las damas de la localidad le propusieron que se pusiera sombrero – todas lo llevaban entonces – contestó sonriendo: – ¿Para qué? Sería ridículo. Sería como ponerle sombrero a la cordillera de los Andes. (NERUDA, 1962, p. 19)

Embora, no início, essa figura estranhamente trajada lhe inspirasse temor, Neruda acaba por se render à simpatia de seu sorriso, um sorriso de dentes alvos num rosto de índia. A poetisa não é apenas humanizada, mas serve também de modelo para que o narrador enalteça, com sua prosa poética, a beleza do índio chileno, numa incontestável demonstração de envolvimento afetivo com as mais profundas raízes humanas de seu país. Ao evocar a figura da primeira mulher latino-americana a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura, ao fixar a imagem desse encontro, que lhe foi tão significativo, e ao situá-lo justo na cidade de Temuco que, não por acaso, abre e encerra esse primeiro capítulo, Neruda entrelaça momentos de sua vida à história de seu país.

Contudo, quando lança luz sobre a figura de Gabriela, parte dessa luz parece recair sobre o próprio Neruda. Esse encontro, entre um promissor poeta de dezesseis anos e a já reconhecida poetisa de trinta e um, na mesma cidadezinha chuvosa do sul do Chile, aproxima a trajetória daqueles que seriam dois grandes poetas da literatura mundial.

Ao prestar uma homenagem à grande figura feminina da poesia chilena da época, Neruda não declara abertamente uma influência literária, mas tampouco a nega: “No es éste el único bien que recibí de Gabriela Mistral [as indicações de leitura dos romancistas russos]. Su dramática poesía y su sonrisa de muchacha traviesa, son cosas que también sigo atesorando.” (NERUDA, 1962, p. 19) Este preito de gratidão, ausente de *Confieso que he vivido*, parece satisfazer a necessidade nerudiana de respeitar os patrimônios culturais e de demonstrar ao público da Revista uma reverência que acaba por privilegiar mais a ele

do que a figura da poetisa. De outra forma, como justificar a ausência deste tributo afetivo e laudatório em *Confieso que he vivido*?

Na diagramação da Revista, observa-se que alguns intervalos, ou a ausência deles, prejudicam a qualidade das inferências temporais ou dos câmbios temáticos exigidos pela leitura. É o caso, por exemplo, do intervalo inadequado entre os segmentos três e quatro, para unificar os assuntos, e da falta de um intervalo que poderia existir antes do último parágrafo do quinto segmento para demarcar mais explicitamente uma mudança de assunto. Erro que também ocorre no sétimo segmento, que deveria conter um intervalo antes de seu penúltimo parágrafo. Desta feita, o oitavo segmento poderia conter os dois últimos parágrafos do sétimo, para que houvesse uma perfeita harmonia entre assunto e segmento. Essa disposição aleatória dos intervalos parece corroborar nossa hipótese inicial de que eles são de responsabilidade da Revista.

Portanto, nem sempre os intervalos guiam os leitores na percepção dos saltos temporais ou temáticos. São as referências do próprio narrador em relação ao tempo as grandes responsáveis por essas transições. Em três momentos da narrativa, Neruda nos oferece marcações temporais explícitas: “Yo nací el 12 de Julio de 1904” (NERUDA, 1962, p. 16); “A la ciudad de Temuco llegó el año 1910”; “Pero el Liceo era un terreno de inmensas perspectivas para mis seis años de edad” (p. 17). Porém, o que predomina na narrativa, a partir do segmento quatro, é justamente a imprecisão temporal, com expressões do tipo: “Fui creciendo” (p. 17), “Por esos años”, “Mientras tanto”, “Muy atrás en mi infancia” (p. 19)

O início do segmento cinco funciona como um divisor de águas no que se refere ao trato do tempo. Até a metade do quarto segmento a notação temporal é marcada, a partir do quinto, ela se torna imprecisa. Ao abrir o segmento cinco com uma breve metarreflexão sobre o tempo, sobre a incapacidade de apreendê-lo, a impossibilidade de periodizá-lo e sobre a provisoriedade da memória, esses elementos todos passam a ser objetos da narrativa, ou seja, passam a ser objetos de *envolvência* do narrador, pois é aqui onde ele se dá conta de que o tempo, neste gênero de escrita, possui uma dimensão central e isso conduzirá o eu narrativo a uma espécie de metaconsciência memorialística.

O que chamamos de *envolvência* são compromissos do *alter ego* do autor com certos valores morais, culturais, sociais e afetivos que podem surgir do confronto entre o dito e o não-dito pelo texto.

Assim, por exemplo, a envolvimento de Neruda com a *literatura de língua espanhola* em três momentos distintos da narrativa. O capítulo se abre com uma alusão ao texto de Cervantes; alguns parágrafos depois, segue-se a menção da epopeia *La Araucana* de Alonso de Ercilla y Zúñiga, obra máxima da poesia épica hispano-americana do período colonial; para finalmente concluir com uma referência lisonjeira à poetisa Gabriela Mistral. De Ercilla, poeta espanhol que pintou com tanto vigor a bravura dos indígenas araucanos, elogiando-lhes a força e a coragem, Neruda não apenas enaltece com veemência os versos, como estranhamente parece esquecer que essa epopeia celebra, sobretudo, a vitória dos espanhóis.<sup>12</sup> Assim, logo no início dessas memórias, Neruda já se insere num elo histórico literário, que se inicia com Cervantes, se reforça com Ercilla e se completa com Mistral, vinculando-se ele próprio, como poeta, a essa mesma corrente de criação literária em língua espanhola.

Em dois momentos da narrativa Neruda revela uma envolvimento com os índios araucanos: numa imagem associada a Gabriela Mistral, nas últimas linhas do sétimo segmento, e no fim do segundo segmento, em que esboça uma síntese exemplar dos pilares sobre os quais a Conquista Espanhola foi levada a cabo na América. Envolve essa que pode ser traduzida por um olhar revelador da beleza e das tragédias vividas pelo povo araucano.

A terceira envolvimento que se desprende deste capítulo pode ser descrita como uma ligação quase umbilical do poeta com Temuco, ou seja, com o passado inscrito nessa cidadezinha chuvosa de sua infância. Aliás, a chuva que pontilhou seu universo infantil parece tê-lo levado também à introspecção necessária para que pudesse olhar o mundo de uma maneira mais reflexiva e poética.

Neste estudo, analisamos passagens que fazem da narrativa um instrumento singular, original e exclusivo. “Las vidas del poeta” são, na verdade, as únicas memórias nerudianas que realmente tiveram o aval

---

<sup>12</sup> A propósito, o próprio Cervantes, no quarto capítulo da primeira parte de seu *Quijote*, coloca na boca de um de seus personagens o seguinte juízo de valor sobre *La Araucana*, de Ercilla, *La Austríada*, de Rufo, e *El Montserrat*, de Virués, seus contemporâneos: “Estos tres libros son los mejores que en verso heroico en lengua castellana están escritos, y pueden competir con los más famosos de Italia; guárdense como las más ricas prendas de poesía que tiene España”. Ver: SAENZ DE ROBLES, F.C. *Diccionario de la literatura: escritores españoles e hispanoamericanos*. Tomo II. Madrid: Aguilar, 1973. pp. 365-367.

do autor. O mesmo não se pode dizer de *Confieso que he vivido*, obra póstuma, em cuja primeira edição de 1974 – aos seis meses da morte do poeta – encontramos a seguinte observação: “La redacción de estas memorias de Pablo Neruda quedó interrumpida por su muerte. Matilde Neruda y Miguel Otero Silva han cuidado de la ordenación definitiva del original.” (NERUDA, 1974, verso da folha de rosto)

No livro em que Matilde rememora os anos vividos com o poeta, encontram-se trechos que revelam o processo de ordenação e correção de *Confieso que he vivido*, que “como sólo había sido dictado, estaba muy dispeso” (URRUTIA, 2002, p. 212) e exigiu dos organizadores dois meses de trabalho ininterrupto. Algumas afirmações de Matilde são oportunas no que diz respeito ao ajuste sofrido por este material: “Las *Memorias* estaban dictadas y no corregidas. Sólo una persona podía ayudarme: Homero Arce, secretario y gran amigo de Pablo. Él sabía mucho de este libro, pues Pablo se lo había dictado casi entero.” (p. 185); “¿Con quién darle forma a este libro? Debía ser un escritor. Sólo la generosidad de nuestro hermano Miguel Otero Silva, gran escritor, era capaz de afrontar un trabajo como éste.” (p. 184-5); “Más tarde, se diría que el último capítulo lo escribimos nosotros.” (p. 213); “Este libro, que sentía tan mío, muy pronto lo tendría en mis manos.” (p. 218)

Embora Matilde tente se resguardar com a ressalva “No fue agregado ni quitado nada” (p. 212), suas afirmações anteriores sugerem que tanto a composição organizacional do livro (sequencial ou cronológica) quanto a correção (formal ou estilística) foram de responsabilidade de terceiros. As assim chamadas *correções* seriam, então, as mesmas que observamos, listamos e analisamos no cotejo que levamos a cabo entre “Las vidas del poeta” e *Confieso que he vivido*? Nessas *correções* estariam incluídas as numerosas alterações linguísticas que verificamos na comparação entre ambos os textos? <sup>13</sup>

Isso tudo nos conduz ao mesmo questionamento feito por Anna Caballé em seu livro *Narcisos de tinta*:

---

13 O trabalho comparativo permitiu não apenas a visualização de minúcias textuais, que de outra forma dificilmente seriam detectáveis (como, por exemplo, mudanças na paragrafação, na pontuação, na ortografia, na morfologia, na sintaxe), mas também de mudanças estilísticas (sinonímias, variações de classes de palavras, de tempos verbais) e mudanças narrativas oriundas de posicionamentos histórico-ideológicos.

¿hasta qué punto el autobiógrafo que aparece en la portada del libro como autor es *responsable* del texto que tiene en sus manos el lector? Es el caso de algunas memorias publicadas póstumamente (Cansinos Asséns, Neruda,...). (CABALLÉ, 1985, p. 21, grifo nosso)

Portanto, o texto publicado na revista *O Cruzeiro Internacional* não pode e não deve ser considerado apenas um rascunho de suas memórias póstumas, um texto-base, um texto menor. “Las vidas del poeta” são, na trajetória literária de Pablo Neruda, o primeiro texto autobiográfico em prosa totalmente escrito e aprovado pelo poeta em vida, o que torna inadmissível e inaceitável que esta publicação não esteja presente em suas obras completas organizadas por Hernán Loyola (2002, p. 26-8, 1408-1423), e que não tenha recebido da crítica especializada contemporânea a atenção, o olhar e o valor que ora lhe atribuímos.

Contrariamente a Hernán Loyola, o estudioso uruguaio Emir Rodríguez Monegal – a quem devemos a inspiração para realizar o presente trabalho – já em 1966 reivindicava a inserção dessas primeiras memórias em futuras obras completas do poeta. Como precursor, ele também apontou a relevância do texto memorialístico da Revista para a compreensão da poética nerudiana, ressaltando que “sólo a partir de las *Memorias* de *O Cruzeiro* la vena autobiográfica empieza a fluir incontenible, cada día más caudalosa.” (MONEGAL, 1966, p. 322)

## ANEXO I – Tradução

### AS VIDAS DO POETA.

#### MEMÓRIAS E RECORDAÇÕES DE PABLO NERUDA. <sup>14</sup>

O CRUZEIRO Internacional, 16 de janeiro de 1962. <sup>15</sup>

O CRUZEIRO Internacional tem a honra de apresentar aos seus leitores de toda a América Latina, em primeira mão e com absoluta exclusividade, as Memórias do grande poeta Pablo Neruda. A importância jornalística deste acontecimento não precisa ser destacada.

---

14 Na Revista, o nome do poeta é uma réplica aumentada de sua assinatura.

15 Esta data não se encontra na abertura do capítulo e sim na página 16, repetindo-se em todas as outras até o final do texto.

É evidente por si mesma. No entanto, gostaríamos de informar nossos leitores que estas Memórias foram escritas a pedido nosso, o que nos custou um ano e meio de esforços junto ao poeta. Nosso único objetivo foi o de contribuir para a revelação de um mestre do verso que conquistou a admiração de muitos povos e que, sem dúvida alguma, realizou uma obra de caráter duradouro. Muitos poderão discutir a posição política de Pablo Neruda, muitos podem ser seus obstinados inimigos e combatê-lo até mesmo com violência, mas em toda a América Latina não existe a menor discordância com respeito ao seu notável talento poético – o poeta foi consagrado pelos críticos de todas as tendências e pelos leitores de todas as ideologias. E este último motivo nos levou a publicar as Memórias de Neruda como homenagem à autêntica poesia.

(Foto) <sup>1</sup>

*Nascido para a vida, para a terra e para a poesia, na pequena cidade de Temuco, na Araucânia chilena, o grande poeta da América, Pablo Neruda, aos 19 anos de idade, quando ainda era aluno do secundário em sua terra natal.*

*De seu retiro em Isla Negra, o poeta envia estas expressivas linhas para O CRUZEIRO Internacional como introdução de suas Memórias, Vidas e Recordações, que após longos esforços realizados por esta revista, publicamos a partir da presente edição.*

## O JOVEM PROVINCIANO primeiro capítulo

A arte da chuva. A cidade de Temuco na fronteira. Temuco e Goiânia. Os araucanos. Os tios do Norte. O maquinista. O liceu de Temuco. Cartas de amor *versus* marmelos. O ninho e o sexo. Meu primeiro poema. Uma senhora malvestida.<sup>16</sup>

[1] <sup>17</sup>

Numa revista do Norte, de cujo nome não quero lembrar, há uma seção bobalhona chamada “Meu personagem inesquecível”.

<sup>16</sup> No original as chamadas estão dispostas em tipos maiores ao lado direito da página 16.

<sup>17</sup> Na diagramação da Revista os intervalos são apenas espaços em branco que separam porções de texto, não foram numerados nem aparecem entre colchetes.

Começarei dizendo, sobre os dias e anos de minha infância, que meu único personagem inesquecível foi a chuva. A grande chuva austral que cai como uma catarata do polo, desde os céus do Cabo de Horn até a fronteira. Nesta fronteira, o *Far West* de minha pátria, nasci para a vida, para a terra, para a poesia e para a chuva.

Por mais que tenha caminhado parece-me que se perdeu essa arte de chover que se exercia como um poder terrível e sutil em minha Araucânia natal. Chovia meses inteiros, anos inteiros. A chuva caía em fios como longas agulhas de vidro que se quebravam nos tetos ou chegava em ondas transparentes contra as janelas e cada casa era um navio que dificilmente alcançava o porto naquele oceano de inverno.

Esta chuva fria do sul da América não tem as rajadas impulsivas da chuva quente que cai como um açoite e passa deixando o céu azul. Ao contrário, a chuva austral tem paciência e continua sem fim, caindo do céu cinzento.

Em frente à minha casa, à rua se converteu num imenso mar de lodo. Através da chuva vejo pela janela que uma carreta se atolou no meio da rua. O camponês, com uma manta negra de Castela, açoita os bois que já não aguentam mais entre a chuva e o barro.

Mas o verão de minha infância redimia toda essa imensa tristeza, pintava de azul o céu, de claridade as ruas e de trigo as colinas.

[2]

Temuco é uma cidade pioneira, dessas cidades sem passado, mas com lojas de ferragem. Como os índios não sabem ler, as lojas de ferragem ostentam seus notáveis emblemas nas ruas: um imenso serrote, uma panela gigantesca, um cadeado ciclópico, uma colher antártica. Mais adiante, as sapatarias, uma bota colossal.

Há quatro ou cinco anos, para assistir a um congresso em Goiânia, fiz com o escritor e senador Baltazar Castro uma viagem aérea que me pareceu a mais longa das viagens. Por cima do vasto Brasil, o avião de carga no qual íamos presos ao assento, como condenados, cambaleava e rangia por aqueles céus violentos como furacões. E quando, maltratados, por fim chegamos ao hotel e tive coragem de aparecer na janela, vi uma cidade sem passado, sem teias de aranha, na qual tudo estava começando a ser feito. Outra vez um mundo de lojas de ferragem. Virei-me para

Baltazar e lhe disse: “Tanto sofrer no avião, tanto viajar pelo mundo e tudo para voltar a Temuco”.

Se Temuco era o posto avançado da vida chilena nos territórios do sul do Chile, isto significava uma longa história de sangue.

Empurrados pelos conquistadores espanhóis, depois de trezentos anos de luta, os araucanos recuaram para aquelas regiões frias. Mas os chilenos continuaram o que se chamou “a pacificação da Araucânia”, isto é, a continuação de uma guerra a sangue e fogo para expropriar nossos compatriotas indefesos de suas terras. Contra os índios todas as armas foram usadas com generosidade: o disparo de carabina, o incêndio de suas choças e depois, de forma mais paternal, usou-se a lei e o álcool. O advogado tornou-se também especialista na espoliação de seus campos, o juiz os condenou quando protestaram, o sacerdote os ameaçou com o fogo eterno. E, por fim, a aguardente consumou o aniquilamento de uma raça soberba cujas proezas, valentia e beleza deixou gravadas em estrofes de ferro e de jaspe Dom Alonso de Ercilla em seu *Araucana*.

[3]

Meus pais chegaram de Parral, onde eu nasci. Ali, no centro do Chile, crescem as vinhas e abunda o vinho. Sem que me lembre dela, sem saber que a olhei com meus olhos, morreu minha mãe Dona Rosa Basoalto. Eu nasci em 12 de julho de 1904 e um mês depois, em agosto, esgotada pela tuberculose, minha mãe já não existia.

A vida era dura para os pequenos agricultores do centro do país. Meu avô, Dom José Angel Reyes, tinha pouca terra e muitos filhos. Os nomes dos meus tios pareciam nomes de príncipes de reinos distantes. Chamavam-se Amós, Oseias, Joel, Abdias. Meu pai se chamava simplesmente José del Carmen. Saiu muito jovem das terras paternas e trabalhou como operário nos diques do porto de Talcahuano, terminando como ferroviário em Temuco.

[4]

Era maquinista de um trem de lastro. Estes trens de lastro transportavam pedras e areia que depositavam entre os dormentes da linha férrea para que a intensa chuva não movesse os trilhos. Por ter

que escavar o lastro das pedreiras, este trem de meu pai permanecia em qualquer canto selvagem por semanas inteiras.

O trem era fabuloso. Primeiro a grande locomotiva antiga, depois os inumeráveis vagões planos nos quais a pá escavadora depositava as pequenas montanhas da entranha terrestre, em seguida os veículos dos peões, em geral ásperos trabalhadores rurais de vida desorganizada, e depois o vagão em que moravam sobre rodas meu pai e o telegrafista. Tudo isso entre lampiões de vidros verdes e vermelhos, bandeiras de sinalização e mantas de tempestade, com cheiro de óleo, de ferros oxidados e com meu pai, pequeno soberano de barba loira e olhos azuis dominando como um capitão de barco a tripulação e a travessia.

Viajei muitas vezes pelos ramais ferroviários nesta casinha de meu pai que se detinha junto à selva primaveril, selva virgem que me reservava os mais esplêndidos tesouros, imensas samambaias, escaravelhos deslumbrantes, curiosos ovos de aves silvestres.

À cidade de Temuco chegou o ano de 1910. Neste ano memorável entrei no liceu, um vasto casarão com salas desconjuntadas e subterrâneos sombrios. Do alto do liceu, na primavera, divisava-se o ondulante e delicioso rio Cautín com suas margens povoadas por macieiras silvestres. Escapávamos das aulas para enfiar os pés na água fria que corria sobre as pedras brancas.

Mas o liceu era um terreno de imensas perspectivas para meus seis anos de idade. Tudo tinha possibilidade de mistério. O laboratório de Física, onde não me deixavam entrar, cheio de instrumentos deslumbrantes, de retortas e cubas. A biblioteca, eternamente fechada. Os filhos dos pioneiros não apreciam a sabedoria. Entretanto, o lugar de maior fascínio era o subterrâneo. Havia ali um silêncio e uma escuridão muito grandes. Iluminando-nos com velas brincávamos de guerra. Os vencedores amarravam os prisioneiros nas velhas colunas. Ainda conservo na memória o cheiro de umidade, de lugar escondido, de túmulo, que emanava do subterrâneo do liceu de Temuco.

Fui crescendo. Começaram a me interessar os livros e, nas façanhas de Buffalo Bill, nas viagens de Salgari, meu espírito foi se estendendo pelas regiões do sonho. Os primeiros amores, os puríssimos, se desenvolviam em cartas enviadas a Blanca Wilson. Esta menina era a filha do ferreiro e um de meus colegas, perdido de amor por ela, pediu-me que escrevesse suas cartas de amor. Não me lembro de como seriam

estas cartas, mas talvez tenham sido minhas primeiras obras literárias, pois certa vez, ao encontrar-me com a estudante, esta me perguntou se era eu o autor das cartas que seu namorado lhe levava. Não me atrevi a renegar minhas obras e muito perturbado lhe respondi que sim. Então me deu um marmelo que por certo não quis comer e guardei como um tesouro. Afastado assim meu colega do coração da menina, continuei escrevendo intermináveis cartas de amor e recebendo marmelos.

[5]

Nestas recordações não vejo bem a precisão periódica do tempo. Confundem-se em minha cabeça fatos minúsculos que tiveram importância para mim e acho que deve ser anterior a esta minha primeira aventura erótica, estranhamente misturada à história natural. Talvez o amor e a natureza tenham sido desde muito cedo as jazidas de minha poesia.

Em frente a minha casa moravam duas meninas que continuamente lançavam olhares que me ruborizavam. O que eu tinha de tímido e de silencioso elas tinham de precoces e diabólicas. De pé dessa vez na porta da minha casa, tratava de não olhar para elas. Tinham em suas mãos algo que me fascinava. Aproximei-me com cautela e mostraram-me um ninho de pássaro silvestre, tecido com musgo e peninhas, que guardava em seu interior uns maravilhosos ovinhos de cor turquesa. Quando fui pegá-lo, uma delas se interpôs dizendo-me que primeiro deveriam mexer nas minhas roupas. Tremi de terror e escapuli rapidamente, perseguido pelas jovens ninfas que ostentavam o incitante tesouro. Na perseguição entrei num beco até o local desabitado de uma padaria, propriedade de meu pai. Ali as assaltantes conseguiram me alcançar e começaram a despojar-me de minhas calças quando pelo corredor ouviram-se os passos de meu pai. Assim terminou o ninho. Os maravilhosos ovinhos ficaram quebrados na padaria abandonada, enquanto isso, debaixo do balcão, escondidos e apertados entre teias de aranha e restos de pão e farinha, assaltado e assaltantes contínhamos a respiração.

[6]

Muitas vezes me perguntaram quando escrevi meu primeiro poema, quando nasceu em mim a poesia.

Tentarei me lembrar. Bem lá atrás na minha infância e mal tendo aprendido a escrever, senti uma vez uma intensa emoção e tracei umas quantas palavras semi-rimadas, mas estranhas para mim, diferentes da linguagem diária. Passei-as a limpo num papel, preso de uma ansiedade profunda, de um sentimento até então desconhecido, espécie de angústia e de tristeza. Era um poema dedicado à minha mãe, isto é, àquela que conheci como tal, à angelical madrastra cuja suave sombra protegeu toda minha infância. Completamente incapaz de julgar minha primeira produção a levei a meus pais. Eles estavam na sala de jantar, mergulhados numa dessas conversas em voz baixa que dividem muito mais do que um rio o mundo das crianças e dos adultos. Estendi o papel com as linhas, trêmulo ainda com a primeira visita da Inspiração. Meu pai, distraidamente, tomou-o em suas mãos, leu distraidamente, distraidamente devolveu-o para mim, dizendo:

— De onde é que você copiou?

E continuou conversando em voz baixa com minha mãe sobre seus importantes e remotos assuntos.

Parece-me recordar que assim nasceu meu primeiro poema e que assim recebi a primeira mostra distraída da crítica literária.

[7]

Enquanto isso, avançava no mundo do conhecimento, no desordenado rio dos livros como um navegante solitário. Cheguei a devorar três livros por dia. Consumia tudo. Minha avidez de leitura não descansava nem de dia nem de noite. Na costa, no pequeno Porto Saavedra, hoje destruído por um cataclismo, encontrei uma Biblioteca Municipal e um velho poeta, Dom Augusto Winter, que se admirava de minha voracidade literária. — Já leu?, dizia, passando-me um novo Vargas Vila, um Ibsen, um Rocambole. Como um avestruz, eu engolia sem discriminar.

Por esses anos chegou como diretora do liceu de meninas de Temuco uma senhora alta e malvestida. Conta-se que quando as damas do lugarejo lhe propuseram que usasse chapéu – naquele tempo todas

usavam – respondeu sorrindo: — Para quê? Seria ridículo. Seria como pôr chapéu na Cordilheira dos Andes.

Era Gabriela Mistral. Eu a olhava passar pelas ruas de meu povoado com seus saltos baixos e seus vestidos compridos e tinha medo dela. Mas, quando vencendo minha condição arredia levaram-me para visitá-la, pareceu-me simpática, e em seu rosto tão tostado em que o sangue índio predominava como num belo cântaro araucano, seus dentes branquíssimos se mostravam num sorriso pleno e generoso que iluminava o recinto.

[8]

Eu era jovem demais para ser seu amigo e tímido e absorto demais. Bem poucas vezes eu a vi. O bastante para que cada vez aparecesse com alguns livros que me presenteava. Eram sempre romances russos que ela considerava como o mais extraordinário da literatura mundial. Posso dizer que Gabriela me envolveu nessa séria e terrível visão dos romancistas russos e que Tolstoi, Dostoievski, Tchekhov entraram em minha mais profunda predileção. Continuam acompanhando-me.

Não é este o único bem que recebi de Gabriela Mistral. Sua dramática poesia e seu sorriso de moça travessa são coisas que também continuo guardando como um tesouro.

**ANEXO II** – Carta de Neruda para Matilde quando do I Congresso Internacional de Intelectuais em Goiânia (OSES, 2010, p. 60)

12 Feb. 10 ½ de la mañana, amor esta mañana desperté a los gritos de Baltasar desde la otra pieza que me gritaba

...Mi mano derecha...

que solo quiere escribir Rosario...

Así pues Ud. me acompaña a todas partes.

El Congreso es en el interior, en una ciudad de la selva, a 7 horas de avión de aquí, salgo mañana para volver el Jueves y partir el Viernes allá, a mi Chascuda. La selva tropical se parece a tu chasca, si te la pintaras de verde estaría completa, con algunos “pasarimbos”. Ayer pasé por las playas que vimos juntos que hermosas, pero mi Patoja lejos, me

cansé. Aquel día de avión llegamos a las 5 de la mañana. Por lo tanto he dormido todo el tiempo. La maleta estaba perfecta es Ud. el tesoro de todas las cosas, a cierta hora necesité jabón, toqué el timbre, me lo trajeron pero también lo tenía, lo encontré mas tarde.

Muy bien que no haya venido, esto será en una ciudad no más grande que S. Alfonso. Calcule el cahuín! Volveremos. Aquí tenían prepado un mes (!) de festejos (aniversario) para mí. He dicho que mas tarde.

Ayer tuve dolor de retorcijo y me dormí casi sin comer, estoy bien ahora.

Amor no hay Río, ni selva, ni casas, ni playas, ni montes, ni ciudad, ni congreso, ni cielo, ni tierra sin Ud. amor mío.

La abraza mi camisa, rodeando ese talle adorado que da justo el brazo mío. Te hicieron para mí, adorada, y tu boca es grande y linda para que me digas que me quieres con toda la boca. Tuyo

## ABSTRACT

The article captures, analyzes and translates the first of a series of ten autobiographical chronicles originally written by Pablo Neruda in 1962 for the Brazilian magazine *O Cruzeiro Internacional*. Analyzed in its peculiarities, this chapter unfolds aspects of biographical importance regarding relationship between Neruda and Brazil, as well as a series of the author's revealing psychosocial wraps. Being a text prior to the work *Confieso que he vivido* and featuring passages that have not been included, these ignored feuilletonistic memories claim a definitive presence in the poet's complete work.

**KEYWORDS:** Pablo Neruda. Memories. *O Cruzeiro Internacional*. Autobiography.

## REFERÊNCIAS

CABALLÉ, Anna. **Narcisos de tinta: ensayos sobre la literatura autobiográfica en lengua castellana (siglos XIX y XX)**. Madrid: Megazol, 1985.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **El ingenioso hidalgo Don Quijote de la Mancha**. Buenos Aires: Espasa/Calpe, 1956.

DM Revista. Goiânia, 22 de setembro de 1983.

FOLHA de Goiaz, ano XI, número 2492 e 2495. Goiânia, 16 e 19 de fevereiro de 1954.

JIMÉNEZ ESCOBAR, Alejandro. **Pablo Neruda en O’Cruzeiro Internacional**. Providencia: Editorial Puerto de Palos, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **El pacto autobiográfico y otros estudios**. Madrid: MEGAZUL-ENDYMION, 1994.

LOYOLA, Hernán (edi.). **Obras completas V: Pablo Neruda, Nerudiana dispersa II 1922-1973**. Barcelona: Círculo de Lectores; Nueva Galáxia Gutenberg, 2002.

NERUDA, Pablo. Las vidas del poeta: memorias y recuerdos de Pablo Neruda. In: **O Cruzeiro Internacional**, 16 de enero de 1962.

\_\_\_\_\_. **Confieso que he vivido: memorias**. Barcelona: Seix Barral, 1974.

\_\_\_\_\_. **Obras II**. Buenos Aires: Losada, 1993. p. 135.

OSÉS, Darío. (edi.). **Pablo Neruda: Cartas de amor**. Barcelona: Seix Barral, 2010.

PRING-MILL, R. D. F. “El Neruda de las *Odas Elementales*”. In: **Coloquio Internacional sobre PABLO NERUDA (La obra posterior al Canto General)**. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines, 1979.

ROCHA, Hélio. **Goiânia 75**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

RODRÍGUEZ MONEGAL, E. **El viajero inmóvil: introducción a Pablo Neruda**. Buenos Aires: Losada, 1966.

SAENZ DE ROBLES, F.C. **Diccionario de la literatura: escritores españoles e hispanoamericanos**. Tomo II. Madrid: Aguilar, 1973.

TEITELBOIM, Volodia. **Neruda**. Santiago: Sudamericana Chilena, 2000.

URRUTIA, Matilde. **Mi vida junto a Pablo Neruda**. Buenos Aires: Seix Barral, 2002.

## Mais um dia do índio

Antônio Teixeira Neto<sup>1</sup>

Em uma das capas de seu livro mais importante – *O povo brasileiro* –, o antropólogo sem meias-palavras Darcy Ribeiro pinta, no meu entender, uma das mais belas aquarelas de nossa terra: a de como era o Brasil dos índios assim que por aqui chegaram os descobridores portugueses:

Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouro e glórias. Para os índios que ali estavam, nus na praia, o mundo era um luxo de se viver. Este foi o efeito do encontro fatal que ali se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes, mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam o que parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, esplêndidos de vigor e de beleza, viam, ainda pasmos, aqueles seres que saíam do Mar.

E foi assim que tudo começou na *Terra Brasilis*: um choque brutal entre duas maneiras opostas de ver o mundo – a dos índios e a dos descobridores. Infelizmente, 513 anos depois, pouca coisa mudou na relação entre índios e brancos em nossa terra: de um lado, o homem branco e todo o seu aparato de guerra, rondando as terras indígenas; de outro, o índio, praticamente cercado e indefeso, ameaçado pela ambição dos brancos.

...

---

<sup>1</sup> Antônio Teixeira Neto é historiador, engenheiro agrimensor, doutor em geografia e cartografia e membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira 14). [neto-map@hotmail.com](mailto:neto-map@hotmail.com)

Sete anos atrás, em um artigo publicado em O POPULAR de 26/04/2006, de título deliberadamente provocador – *DIA DO ÍNDIO OU DIA DE ÍNDIO?* –, entre outros questionamentos, eu chamava a atenção para o desprezo e ódio que sempre caracterizaram a relação entre índios e não índios no Brasil. Também sublinhava que, em pleno século XXI, a simples pronúncia da palavra “índio” ainda desperta em cada um de nós reações das mais diversas. Para umas poucas pessoas, devido ao modo de vida indígena, ela tem relação com pureza, inocência e até mesmo candura. Para a maioria, ela está equivocadamente associada a premeditação, selvageria, ódio, violência, malignidade e até mesmo traição. Por contrariar interesses de senhores poderosos, essa estereotipia negativa do índio vem desde os tempos coloniais. Diante, então, desta realidade fica a impressão de que, ao se referir a esse ser humano que chamamos de índio, não há como fugir desse maniqueísmo em que as opiniões caminham apenas em duas direções: ou para o lado bom – o da candura – ou para o lado ruim – o da malignidade – do índio.

E o que pensam sobre o índio, e como agem a respeito o governo – através da FUNAI – e Organizações Não Governamentais, como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), por exemplo? As histórias e os relatos que todos os dias tanto a FUNAI como as ONGs – bem como pesquisadores, antropólogos e indigenistas – fazem chegar à opinião pública parecem nos mostrar que ainda está muito longe o dia em que os brancos e índios se verão uns aos outros com olhos mais ternos e corações mais brandos.

À FUNAI – cujo Regimento só foi aprovado em 1993, 26 anos após a sua criação –, dentre outras funções, compete primordialmente promover sob todos os aspectos o bem estar dos índios, proteger, levantar, demarcar e homologar seus territórios e garantir o direito de permanecerem como índios, só intervindo apenas quando qualquer fator coloque em risco a sobrevivência e organização sócio-cultural dos grupos indígenas. Infelizmente, como quase tudo o que se refere à burocracia brasileira, a estrutura administrativa de órgãos públicos nacionais é pesada e, sob muitos aspectos, lerda e emperrada. A FUNAI não foge à regra, pois, quando um processo é iniciado pela instância superior do órgão – a presidência, por exemplo –, ele tem que passar por muitos gargalos, até ser demoradamente concluído. No trajeto desses meandros administrativos, quase impossíveis de se evitar,

muitas medidas em benefício do índio, em função da demora, acabam caducando ou perdendo o significado. Aí, de novo, tudo recomeça do ponto zero. No plano administrativo federal toda e qualquer decisão parece depender apenas de uma pessoa: a do Presidente da República. As coisas não são diferentes nos outros níveis da administração, seja ela estadual ou municipal, pois, as decisões dependem, invariavelmente, de governadores e prefeitos. Infelizmente, esse modo de governar não é novo, ele é aqui praticado sem contestação desde a descoberta do Brasil.

Com exceção, talvez, do Marechal Rondon, cujo ideal era integrar o índio à sociedade dos brancos – ideal este, hoje, desprovido de sentido antropológico – e cujo lema era “morrer se preciso for, matar nunca”, pode-se dizer que até o momento nenhum presidente do órgão conseguiu executar – como, teoricamente, determinam as leis brasileiras – uma real política relativa ao índio. Quando algum deles enveredava por caminhos que contrariavam o *establishment* nacional, eram demitidos sem muita explicação. Na verdade, esse é um dos cargos mais espinhosos da administração pública brasileira. Geralmente quem o ocupa fica entre dois fogos: de um lado, os índios simplesmente reivindicando, sobretudo, a regularização fundiária de suas terras e territórios; de outro, os interesses de grupos privados, poderosos, que não arredam os olhos das terras dos índios.

As invasões, no ano passado, de fazendas no sul da Bahia por índios pataxós, mostradas pela mídia nacional na “semana do índio”, nada mais são que o retrato sem retoques da realidade indígena brasileira: a exemplo do que aconteceu em Roraima com a Terra Indígena “Raposa Serra do Sol” (há décadas invadida primeiramente por garimpeiros, depois por criadores de gado e, ultimamente, por arroteiros), os pataxós reivindicam a desocupação de suas terras – reconhecidas legitimamente como “Terra Indígena Pataxó” pela FUNAI –, invadidas que foram, também há décadas, por fazendeiros. Os pataxós querem suas terras de volta e os brancos invocam direitos de posse e de propriedade desprovidos de legalidade jurídica. A quem pertence a verdade? Obviamente, aos índios. Muitos exemplos semelhantes são relatados pela mídia, o que leva a pensar que terra de índio existe para ser invadida e incorporada ao processo produtivo, prevalecendo, então, a falsa idéia de que ele não precisa de tanta terra para sobreviver, como se ela, segundo o modo de produção vigente, devesse gerar e acumular riqueza para seus donos.

“*Sob o manto da proteção, nós nos tornamos inválidos*”, disse certa vez com muita dor na alma o índio Marcos Terena. Como ele, outros índios, hoje intelectuais e defensores sem trégua das causas de seu povo, como é o caso do índio txucarramãe Kaká Jecupé, não estão ainda convencidos de que no Brasil a relação entre branco e índio encontre um dia um ponto de equilíbrio, em que cada lado respeite a estrutura da sociedade de um e de outro. No contexto dos 500 anos do Brasil, em uma entrevista publicada em uma revista de circulação nacional (*ISTOÉ* no. 1555 de 21/7/1999, p.7-11), intitulada *500 anos de desencontro*, esse índio txucarramãe estabelece com palavras contundentes as duas concepções, opostas, de sociedade: “*a semente do distanciamento entre brancos e índios está na estrutura das sociedades, porque uma – a do índio – cultua o ser e a outra – a do branco – cultua o ter*”.

Parece ser este o diapasão da política indigenista no Brasil, pois, diante de uma realidade que muitos, propositadamente, apregoam impossível de ser mudada, o lamento permanente das comunidades indígenas soa como um canto de uma nota só: a lentidão com que se arrasta toda e qualquer decisão benéfica aos direitos do índio. Por quê, se para a FUNAI, segundo seu Estatuto, o seu papel primordial é o de promover, sob todos os aspectos, o bem-estar do índio, proteger seus territórios contra invasores de toda ordem, preservar seus hábitos e costumes e o direito de permanecerem tais quais são, e só intervindo nos redutos indígenas quando qualquer fator coloque em risco a sua sobrevivência e sua organização sócio-cultural? Por mais otimista que se queira ser nesse momento, infelizmente, para a maioria da sociedade, a resposta a essa pergunta é de uma realidade constrangedora: as questões relativas ao índio em nossa terra são sempre vistas com indiferença, porque os cidadãos não têm uma consciência clara sobre a importância, para a sociedade dos brancos, da forma original como o índio se organiza social e culturalmente.

Mesmo criticada como sempre foi, e como ainda é, a própria FUNAI, como que impotente diante das arbitrariedades que maus brasileiros cometem contra o índio – invasão de suas terras, assassinatos e morte violenta de indígenas e de indigenistas, como o de Apoena Meireles ocorrido em novembro de 2004, reivindicações que jamais são atendidas, concessões meramente assistencialistas que apenas amenizam

o sofrimento de comunidades indígenas inteiras –, apesar dos entraves burocráticos e das interferências dos grandes senhores de glebas, muito se esforça para mudar a realidade dos fatos.

Nessa relação de forças desiguais, o aparato do Estado – códigos e leis, instituições poderosas, poder de polícia, poder político e econômico, etc. – acaba por inibir ou anular as ações das comunidades mais simplificadoramente organizadas, como é o caso das sociedades indígenas. Parece que aos índios, como a toda e qualquer minoria em toda e qualquer sociedade – mesmo naquelas em que há um elevado índice de desenvolvimento humano e social –, só resta apenas lutar desesperadamente para fazer prevalecer direitos naturais e constitucionais permanentemente violados. Os que – por mera questão de sobrevivência – melhor se organizam politicamente, como os índios que vivem nas comunidades próximas a centros urbanos (Krahôs, Xerentes, Apinajés, Karajás, Tapuias, Xavantes, Guaranis, Terenas, Pataxós, Kaingangs, para citar apenas exemplos mais conhecidos e mais próximos de nós), passaram a reivindicar benefícios (rádios comunitárias, pontos de cultura, educação formal, assistência médica, cesta básica, e muitos outros benefícios) até então estendidos apenas aos brancos. Ora, na quase impossibilidade real de virem a integrar amplamente sem conflitos e sem preconceitos a sociedade dos brancos, ou de retornarem ao estado tribal de seus ancestrais, esses índios pelo menos lutam para não ficarem totalmente à margem dos progressos e dos confortos sociais e materiais que a sociedade contemporânea conhece. Nessa labuta diária e desigual, esperneiam para não serem tratados como *outsiders*, ou seja, como aculturados vivendo à margem da sociedade.

Com relação às ONGS, o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), criado em 1972 e vinculado à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), é a instituição que mais esforços tem despendido para fazer prevalecer os direitos dos índios estipulados nas leis brasileiras. Seu objetivo primordial é o de “*defender a garantia do direito à diversidade cultural do índio brasileiro*”. Na verdade, esse objetivo primordial foi estabelecido para se “*contrapor à filosofia do Estado brasileiro, que assumia abertamente a integração dos povos indígenas à sociedade majoritária*”. Sua missão é, portanto, diferente da que é estipulada para a FUNAI e, por esse motivo, sua preocupação maior é

com a condição humana do indivíduo indígena, com vistas a valorizar essencialmente seu modo e suas formas originais de organização social e cultural. Por esse caminho, essa organização humanitária se engaja, como determina seu estatuto, no apoio à luta dos povos e comunidades indígenas com relação à terra, aos seus direitos seculares, ao seu modo de vida, à sua autonomia, à educação, à saúde, à auto-sustentação no que concernem às formas próprias de cada povo conceber e construir sua vida e, sobretudo, no respeito e igualdade entre as pessoas e culturas e suas concepções do sagrado, da origem e sentido da vida humana.

Na verdade, as legislações que tratam das questões indígenas em nosso país, procuraram, num primeiro momento – quando prevalecia a filosofia da tutela – dar ao índio a proteção por parte do “Pai Grande” – a União transfigurada na pessoa do Presidente da República. No momento atual, diante de sua politização e do nível de consciência que, invariavelmente, a maioria dos povos indígenas tem com relação aos seus direitos, a tutela exercida pelo Estado brasileiro vai pouco a pouco desaparecendo para dar lugar à autodeterminação, ao direito de escolher e decidir o que é melhor e mais conveniente tanto para o índio enquanto pessoa humana e enquanto grupos e comunidades socialmente organizados. O CIMI se engajou nesta direção.

Ao se retomar este assunto – que para o índio se assemelha a uma via sacra dolorosa e interminável –, as palavras se tornam obrigatoriamente repetitivas, como que a demonstrar que a sociedade brasileira se nega a ter ouvidos para escutar os apelos por mais justiça e nem tem opinião pública formada para expressar seu repúdio à maneira com que os nossos remanescentes indígenas são tratados e desprezados. Não devemos nunca nos esquecer de que foi a sociedade a que pertencemos quem abriu as feridas no corpo indígena e que nunca mais se fecharam. Foi ela também que, fechando os olhos numa atitude vergonhosa de omissão e de distanciamento, consentiu que se infligissem aos índios as piores barbaridades. Finalmente, se aos índios fosse dado o simples direito de serem ouvidos pelo governo e, sobretudo, pela sociedade brasileira, eles, em definitivo, se expressariam assim:

Não interfiram jamais na nossa maneira de ser e de nos organizarmos social, religiosa e culturalmente. Se para nós é hoje praticamente impossível reaver todas as terras que nos tomaram, deixem-nos então viver com o que nos sobrou. Não

invadam mais os nossos territórios. Nós temos muita coisa boa a lhes ensinar, principalmente a maneira harmoniosa com que nos relacionamos com a natureza e com as riquezas que ela nos oferece – o ar, as águas, as plantas, os animais. Na grande maioria das aldeias de nossos territórios ainda respiramos ar puro, matamos nossa sede com água cristalina e nos banhamos em rios de águas limpas. Não precisamos de armas que nos matam e nos mutilam. Não precisamos de remédios que mais intoxicam que curam, pois temos os nossos, mais naturais. Não precisamos de agrotóxicos, pois colhemos os frutos sadios na própria natureza, livres de pragas. Em nosso estado de pureza, jamais havíamos contraído doenças e vícios que hoje nos envergonham, pois não tínhamos gripe, sarampo, catapora, AIDS e nem alcoolismo. Se hoje esses males grassam entre nós, foi porque vocês nos infestaram. Nossa comida é saudável e nossas mulheres dão à luz a crianças saudáveis. Elas têm muito leite. Não temos relógio, nosso tempo é contado em momentos de alegria e descontração.

E nós, o que teríamos a lhes oferecer, senão – com espírito desarmado, coração aberto e munido da mais verdadeira e pura virtude cristã, a caridade, – dizer-lhes que nossas vidas são diferentes e que, realmente, o melhor que podemos fazer, ou seja, o maior presente que nós, da sociedade moderna, podemos lhes oferecer é, como disse certa vez o antropólogo e ex-presidente da FUNAI, Sidney Possuelo, “ficar fora de suas vidas”, ou como cantava Tom Jobim, “deixar o índio viver”.

Goiânia, 19 de abril de 2013



# Patologia médica na literatura regional goiana

Joffre Marcondes de Rezende<sup>1</sup>

## Resumo

Neste artigo o autor relata os resultados de um levantamento que procedeu em 20 obras consagradas da literatura regional goiana sobre a ocorrência de alusões a condições mórbidas diversas. No total de 4.433 páginas lidas foram encontradas 80 referências, mencionadas de modo superficial e passageiro, sem constituir o tema principal no roteiro da narrativa. A doença citada maior número de vezes foi a malária.

Chama a atenção a ausência de menção ao *pênfigo foliáceo*, à epidemia conhecida como *gripe espanhola*, bem como à escassez de referências à *febre amarela* e à *doença de Chagas*, na época importantes endemias do estado de Goiás.

Unitermos: *Literatura regional goiana, patologia médica.*

## Abstract

In this article, the author reports results from a search in twenty acclaimed works of literacy of the Goiás State (Brazil) looking for citations on various morbid conditions. From a total of 4.433 pages read, only 80 references were found, from which all consisted of fleeting and superficial information, i.e., they were not the main subject of each narrative. Malaria was the disease more cited.

It is noteworthy that no mention to *pemphigus foliaceus* and to epidemic known as “*gripe espanhola*”. In addition, few references to

---

<sup>1</sup>Professor Emérito da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás; sócio da Academia Goiana de Medicina e Sócio-Honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

*yellow fever* and *Chagas disease* were found, at a time when both were remarkable endemic malaise in this region.

Key words. *Regional literature of Goiás State. Medical pathology.*

## Introdução

A literatura reflete a vida de um povo, sua cultura, seus costumes, sua linguagem, sua comunhão em sociedade, suas condições econômicas, seus problemas de saúde, sua qualidade de vida. Através de obras literárias clássicas do passado conhecemos hoje as doenças mais frequentes que acometiam as populações de cada região, em cada época. Tucídides, ao escrever a *História da Guerra do Peloponeso* relatou-nos com destaque a peste que assolou Atenas no século V a.C. Bocaccio, em seu livro *Decamerão*, nos legou o melhor registro da peste negra do século XIV em seus aspectos humanos. A obra de Shakespeare é recheada de argutas observações relacionadas à patologia médica. Thomas Mann serviu-se da tuberculose para a sua obra prima, *A Montanha Mágica*. Tolstoi fez da enfermidade de seu personagem o fulcro de sua notável criação: *A morte de Ivan Ilich*. Charles Dickens, que sofria de asma, transferiu sua doença para o seu personagem, Mr. Omer, em seu livro *David Copperfield*. Albert Camus retrata com fidelidade a tragédia de uma epidemia em seu romance *A peste*.

No Brasil temos o exemplo de Visconde de Taunay, quem descreveu em seu romance *Inocência* os sintomas apresentados por um doente, os quais permitiram o diagnóstico, *a posteriori*, de uma endemia conhecida na época como *mal de engasgo* e que vem a ser a esofagopatia causada pela doença de Chagas.

Em dois recentes livros de ficção do médico e escritor Heitor Rosa, há duas doenças que fazem parte integrante da narrativa: a sífilis em *Memórias de um cirurgião barbeiro* e o *Ergotismo*, popularmente conhecido como *Fogo de Santo Antônio*, no livro *Julgamento em Notre Dame*.

As referências a doenças e problemas de saúde em obras literárias de ficção indicam, na maioria das vezes, a ocorrência e a importância conferida a eles no ambiente das criações que retratam a vida humana em sua inteireza. Citando Moacyr Scliar, “medicina e literatura partilham um território comum. Ambas lidam com a condição humana, a dor, a doença, a morte, e a figura do médico”.[13]

Talvez por isso, os médicos, ainda em plena atividade profissional, sentem-se atraídos pela literatura como meio de extravasar suas angústias e expressar seus sentimentos, o que levou à criação da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores. Muitos deles se destacam nesta atividade paralela e gozam de prestígio e elevado conceito entre os literatos. Em Goiás tivemos recentemente a confirmação deste fato quando a Academia Goiana de Letras elegeu um ilustre médico, o Prof. Hélio Moreira, para dirigir os destinos desta entidade no período 2009-2011.

A literatura goiana, historicamente de cunho regionalista, retrata a terra e a gente do interior, com seus costumes, sua cultura, sua linguagem, seu universo, e os fatos relevantes de cada época. Movido pelo desejo de conhecer as referências à patologia médica presentes em obras clássicas da literatura regional goiana, ocorreu-nos fazer um levantamento a respeito, excluindo naturalmente as publicações especialmente dedicadas à história das doenças e da medicina em Goiás, dentre as quais se destacam, em ordem cronológica: *Saúde e doenças em Goiás*, da Profa. Lena Castello Branco de Freitas[3], *Médicos e medicina em Goiás*, de Iúri Rincon Godinho [4], e “*Dos primeiros tempos da saúde pública em Goiás à Faculdade de Medicina*, de Maria Augusta de Sant’Anna Moraes.[6]

## **Livros Selecionados**

Como seria difícil, senão impossível, analisar toda a literatura existente, selecionamos 20 obras consagradas, oito das quais, de número 1 a 8, publicadas pelo Instituto Centro Brasileiro de Cultura em uma coleção denominada Biblioteca Clássica Goiana – Século XX (Goiânia, ICBC, 2006). As demais obras citadas trazem a cidade onde foi editada, o editor e o ano da publicação. A tabela 1 indica também o número de páginas e o número de referências às condições mórbidas em cada uma delas.

TABELA 1

Autor e obra	Nº páginas	Nº referências
1. Hugo de Carvalho Ramos <i>Tropas e boiadas, contos</i>	163	04
2. Bernardo Elis. <i>Veranico de janeiro, contos</i>	109	05
3. Ely Brasiense. <i>Pium, 5ª. ed., romance</i>	148	17
4. Carmo Bernardes. <i>Jurubatuba, romance</i>	294	05
5. Maria Helena Chein. <i>Joana e os três pecados, contos</i>	127	02
6. José J. Veiga. <i>Aquele mundo de Vasabarro, romance</i>	194	03
7. Heleno Godoy. <i>Relações, romance</i> 10009		
8. Rosarita Fleury. <i>Elos da mesma corrente, romance</i>	487	02
9. Pedro Gomes. <i>O pito aceso, contos.</i> S. Paulo, Rev. dos Tribunais, 1942	111	03
10. Bernardo Elis. <i>Ermos e Gerais, contos.</i> S. Paulo, Martins Fontes, 2005.	247	05
11. Couto de Magalhães. <i>Viagem ao Araguaia. Editora Três,</i> São Paulo (reedição), 1974	199	03
12. Bernardo Guimarães. <i>O Ermitão de Muquem.</i> São Paulo, Edições Melhoramentos, s/d	176	01
13. João Accioli. <i>Barro Preto, romance.</i> Rio de Janeiro. Emiel Editora, 1941.	304	03
14. Basileu Toledo França. <i>Pioneiros,</i> romance. Goiânia, Ed. da UFG, 1995	256	01

15. S. Fleury Curado. <i>Memórias Históricas</i> , 2 <sup>a</sup> . edição Goiânia, Secretaria da Cultura, 1989.	388	03
16. Nelly Alves de Almeida. <i>Tempo de ontem</i> . Goiânia, Imprensa da UFG, 1972	259	04
17. José Martins Pereira de Alencastre. <i>Anais da província de Goiás</i> . Brasília, Ed. Ipiranga Ltda, 1979 (1 <sup>a</sup> .ed. de 1863)	392	03
18. Americano do Brasil <i>Súmula de História de Goiás</i> , 2 <sup>a</sup> . ed. Goiânia, Dep. Estadual de Cultura, 1961	122	02
19. W. Bariani Ortêncio <i>Sertão – O Rio e a Terra</i> - contos Rio de Janeiro, Livraria São José, 1959	209	04
20. Léo Godoy Otero, 2 <sup>a</sup> . ed. <i>O Caminho das boiadas</i> - Romance São Paulo, 2 <sup>a</sup> .ed. Edições GRDL, 1984	148	01
<hr/> Total	4.433	80

Muitas vezes, a interpretação da denominação popular utilizada para nomear uma doença ou sintoma oferece alguma dificuldade, ou porque o termo não encontra correspondente na terminologia médica ou porque é muito abrangente e pode ter mais de um significado. Quando coincide da palavra usada no texto ser a mesma da terminologia médica não reproduzimos o que se encontra no texto; caso contrário colocamos entre parênteses a palavra ou a expressão popular de que se valeu o autor.

Na relação que se segue (tabela 2), o algarismo em negrito refere-se ao autor, conforme a relação precedente, e o número subsequente, ao número da página ou das páginas onde se encontram as passagens citadas de cada obra, em conexão com a patologia médica:

## TABELA 2

---

**Nome da enfermidade. Autor e obra - Páginas das referências**  
(em negrito) (em claro)

---

Ancilostomíase: (*fezes ancilostomizadas*) **3-23**  
Aneurisma: **3-101**  
Anorexia: (*não tinha prazer em comer*) **7-31**  
Apendicite: **3-83**  
Apoplexia: (*estupor*) Nome antigo para AVC **15-81; 17-167**  
Bócio (*papo*): **2-60; 10-53**  
Bronquite: **5-43, 44**  
Cardiopatia: (*doença do coração*) **11-88**  
Câncer uterino: (*câncer no útero*) **9-74**  
Cólera: **15-123**  
Cretinismo: (*bobo*) **3-47, 48**  
Demência: (*doido*) **7-30, 45, 76**  
Dispepsia: (*má digestão*) **7-28**  
Diarréia: (*destempero, escandescência*) **4-228**  
Dispnéia: (*folgo curto, dificuldade de respirar*) **3-63; 7-30**  
Doença de Chagas **19-73**  
Eclâmpsia: **3-126**  
Epilepsia: (*acesso*) **7-57**  
Esplenomegalia: (*baço inchado*) **3-63**  
Febre: **10-155**  
Febre amarela: (*vômito negro*) **16-103**  
Febre intermitente: **11-44**  
Filariose: (*elefantíase*) **4-121, 122**  
Gota: **12-156**  
Gripe: **3-147**  
Hanseníase: (*macutena, morfeia*) **1-17; 10-239**  
Hepatomegalia: (*figado inchado*) **4-236**  
Hemorróidas: (*almoreimas*) **2-21**  
Histeria: **8-20**  
Hordéolo (*terçol*): **1-150**  
Icterícia: (*tiriça*) **4-234**  
Idiotia: (*bobo babento*) **2-53**

Incontinência urinária: (*urina solta*) 6-63  
Infarto: (*enfarte*) 17-294  
Insalubridade: 11- 52  
Laqueadura de trompas: (*ligadura de trompas*) 5-115-117  
Loucura: 10-19 a 109;  
Luxação recidivante de patela: (*rótulas que se deslocam*) 7-70  
Malária: *P. falciparum*: (*febre maligna, sezão braba*). 3-102, 104  
Malária: *P. vivax*: (*maleita, febre palustre*) 2-49; 3-22, 30, 35, 36, 47, 48, 6, 102, 143; 4-188; 19-20,130.  
Meningite: 16-47  
Menstruação: (*virou mulhé*) 3-31  
Micróbio: (*bichinho que a gente não vê*) 3-132  
Morte súbita 9-21; 14-198;  
Ofidismo: (*picada de cascavel, ofendido*) 3-141;13-156, 253; 19-101  
Palidez: (*empalariado*) 3-93, 143; 6-12; 13-93  
Óbito materno (*morrer de parto*) 3-47; 16-42; 19-103  
Pneumonia: (*pleumonia*) 3-102  
Prostatectomia: (*operação de próstata*) 7-27  
Puerpério.: (*resguardo do parto*) 1-159  
Reumatismo: 18-106  
Sangria: 6- 21  
Sarampo: 16 - 230  
Surdo-mudez: 1-71  
Tétano: 3-102  
Tísica (*tosse e emagrecimento*): 2-31, 8-199. 9-199  
Triatomíneo (*barbeiro*): 4-53, 66, 242; 10-53; 13-95; 19-73  
Tuberculose - m.q.tísica (*mal-dos-peitos*) 20-65  
Tumor ósseo: (*câncer no osso*) 7-23, 46, 57  
Úlcera cutânea: (*ferida*) 7-27, 31  
Varíola: (*bexiga*) 15-76, 90, 97; 17-342; 18-82  
Verminose: 3-22, 47, 141(*lombriga*).

---

## Definição das Doenças Mencionadas

**Ancilostomíase** – É a parasitose pelo *Ancylostomo duodenalis*, que causa anemia do tipo ferroprivo, denominada no passado de hipoemia intertropical, quando não se conhecia sua origem. Embora

a espécie predominante no Brasil seja o *Necator americanus*, o nome de ancilostomíase ou ancilostomose se aplica a ambas as espécies. É interessante a expressão usada por Ely Brasiliense de *fezes ancilostomizadas* (3-23)

**Aneurisma** – Denomina-se aneurisma a dilatação sacular de uma artéria. Os aneurismas mais comuns são da aorta e podem localizar-se no segmento torácico, no arco da aorta ou mais abaixo, na aorta abdominal. A maioria dos casos se deve à arteriosclerose, porém antes que a sífilis contasse com uma terapêutica eficaz, com é a penicilina, era comum o aneurisma da aorta torácica de causa luética. À página 101, o autor do livro *Pium*, atribui a ruptura do aneurisma de seu personagem ao estresse emocional, o que se poderia explicar pela elevação da pressão arterial, distendendo as paredes do aneurisma.

**Apêndice**- O termo apêndice e o reconhecimento de que o apêndice é sede inicial de um processo inflamatório que se estende por toda a fossa ilíaca direita são relativamente recentes, datando do final do século XIX e início do século XX. Antes atribuía-se ao cecum a origem da inflamação e só se intervinha cirurgicamente quando havia formação de abscesso, para drenagem do pus. Deve-se ao médico norte-americano Reginaldo Heber Fitz a comprovação do papel do apêndice no processo. De início houve muita resistência às idéias de Fitz, sobretudo nos países europeus, onde sequer aceitavam o nome de apêndice, e os doentes continuaram a ser tratados ainda por algum tempo com purgativos na fase inicial e ópio se o processo evoluísse, para alívio da dor.

**Bócio**. O bócio sempre foi endêmico em Goiás e na população desassistida do interior era comum o crescimento do bócio até volumes impressionantes. Quando Bernardo Elis se refere ao negro Supriano (2-60) menciona que se tratava de um “*papo incômodo, que pesava quase uma arroba*”. Na década de 1950 o cirurgião goiano Dr. Wilson Mendonça apresentou em um Congresso de Cirurgia um tema livre sob o título “Cirurgia de arroba”, que despertou muita curiosidade entre os participantes. Na sua apresentação exibiu fotos das peças cirúrgicas cujo peso era próximo de uma arroba. Tratava-se de bócios e de tumores uterinos. No livro de Bernardo Elis, *Ermos e Gerais* há uma referência

interessante (10-53) à associação do “barbeiro” (triatomíneo), “*desses que produzem papo*”, com o bócio endêmico. Na época se acreditava que a causa do bócio endêmico fosse a doença de Chagas, descoberta por Carlos Chagas em 1909, o que não se confirmou.

**Cólera** – O cólera é uma doença infecciosa causada pela bactéria denominada *Vibrio cholera*, que se transmite por via oral, pela ingestão de água e alimentos contaminados e se reproduz rapidamente no intestino produzindo diarreia aquosa e desidratação intensa. Manifesta-se comumente sob a forma de epidemias com mortalidade elevada se o doente não é tratado a tempo. É mencionada por Fleury Curado a propósito do episódio ocorrido na guerra do Paraguai conhecido por “Retirada da Laguna”, no qual morreram numerosos soldados brasileiros acometidos de cólera, como descreveu magistralmente Visconde de Taunay, em sua obra que se tornou clássica, tanto do ponto de vista histórico, como literário. A tendência atual é dar o gênero feminino à doença, confundindo com cólera no sentido de raiva, ira, fúria, rancor, ódio.

**Cretinismo:** Incluímos na rubrica de cretinismo as referências a pessoas retardadas mentais, com deficiências múltiplas da atividade cerebral. São os chamados “bobos”, bastante conhecidos na antiga capital do Estado, onde encontravam e encontram amparo em uma instituição de caridade – o Asilo São Vicente de Paulo. No passado, foram considerados portadores da forma nervosa crônica da doença de Chagas, ou como cretinos por deficiência de hormônio tireoideano proveniente do acometimento da tiróide pela doença de Chagas. A pretensa forma nervosa crônica foi descartada da patologia chagásica e um estudo realizado em 1962, por Luiz Carlos Lobo e cols. em Goiânia e na Cidade de Goiás, demonstrou que a doença de Chagas não altera a função tireoideana, não havendo, portanto, qualquer relação entre bócio endêmico e a doença de Chagas [5]. Tanto o bócio como o cretinismo decorrente do hipotireoidismo congênito, resultam da carência de iodo na alimentação, o que foi corrigido a partir da década de 1950 com a adição de iodo ao sal de cozinha.

**Doença de Chagas ou Tripanosomíase americana)** - Doença descoberta pelo cientista brasileiro, Carlos Chagas, em 1909, de natureza infecciosa, sistêmica, causada pelo protozoário *Trypanosoma cruzi*, transmitido

por triatomíneos hematófagos (*barbeiros*), cuja principal espécie, hoje praticamente extinta no Brasil, é o *Triatoma infestans*. Originalmente de zona rural, passou a ser encontrada também em zona urbana e em regiões não endêmicas em razão do êxodo rural e da migração das populações. Evolui em duas fases: a fase aguda, de curta duração (30 a 40 dias), e a fase crônica, que compreende as seguintes formas clínicas: indeterminada (de cura aparente), forma cardíaca, forma digestiva e forma mista, ou cardiodigestiva, em que estão evidentes o comprometimento simultâneo do coração e do sistema digestivo. É mencionada uma única vez por Bariani Ortêncio em seu livro *Sertão – o Rio e a Terra*, em conexão com os triatomíneos: “*Casa e muros de taipa, cheios de fendas, ninhos de ‘barbeiros’ chamados por eles de chupão’, transmissores da horrível doença de Chagas*”

**Eclâmpsia** – É uma séria complicação da gravidez que pode ocorrer antes, durante ou após o parto, conseqüente à toxemia gravídica. Manifesta-se por convulsões seguidas de um estado comatoso. É precedido por uma série de sintomas, como aumento da pressão arterial, cefaléia persistente, vertigens, fadiga, edema, oligúria, albuminúria. É uma das causas mais frequentes de mortalidade materna quando não se faz a prevenção no período pré-natal.

**Empalariado** – Trata-se de um regionalismo, que expressa o aspecto doentio da pessoa. Caracteriza-se principalmente pela palidez e aspecto edemaciado. Não corresponde a nenhuma doença específica. No romance *Pium*, de Ely Brasiliense, encontramos duas formas da palavra: empalariado (pg. 93) e impalariado (pg. 143). Somente empalariado (com e) encontra-se dicionarizado.

**Esplenomegalia** – Significa baço de volume aumentado. A malária é uma das causas mais comuns de crescimento do baço. Não se trata de inflamação e sim de hipertrofia, com a finalidade de proporcionar maior defesa contra à ação do *Plasmódio*; por isso a esplenomegalia é comum em zonas malarígenas. A percepção de que se trata de simples hipertrofia fica patente no romance *Pium*, de Ely Brasiliense, quando o personagem Belmiro diz “*O baço ta ficando inchado feito bolo de arrôiz*”.

**Febre amarela** – Doença causada por um vírus transmitido pelo

mosquito *Aedes aegypti*, o mesmo transmissor do dengue. Acomete vários órgãos, principalmente o fígado, produzindo icterícia; daí o seu nome de febre amarela. O reservatório natural do vírus são os macacos nas florestas, que contaminam o mosquito transmissor. Tem alta letalidade, de cerca de 50%, e não há medicamento antiviral específico. No passado, antes da descoberta de uma vacina imunizante eficaz, na década de 1930, propagava-se nas cidades como endemia e surtos epidêmicos. Goiás ainda faz parte da área de risco da febre amarela.

**Febre intermitente** – Febre com intervalos de apirexia como nas febres terçã e quartã da malária. Referida por Couto Magalhães na sua viagem ao Araguaia (pág. 44). “*Desci sem prático...e saí na capital do Pará, perdendo parte de meus companheiros, vítimas de febres intermitentes*”.

**Filariose** – Comumente conhecida como *elefantíase*, é doença parasitária causada pelo nematódeo *Wuchereria bancrofti*, mais conhecido como filária. Em sua forma linfática, a mais frequente, as filárias localizam-se no sistema linfático dos membros inferiores, produzindo edema duro, com aumento progressivo do volume das pernas, que atinge grandes proporções, donde o seu nome de *elefantíase*. O parasito é transmitido pela fêmea do mosquito *Culex quinquefasciatus* popularmente chamado pernيلongo ou muriçoca. No livro *Jurubatuba* de Carmo Bernardes a elefantíase é descrita às páginas 121-122 no personagem “seo-Jacó”, que atribuía a uma espécie de carrapato a origem da doença.

**Gota** – Doença reumática, inflamatória e metabólica, causada pelo aumento do ácido úrico no sangue, que se deposita nas articulações e nos tecidos sob a forma de monurato de sódio. Acomete predominantemente o sexo masculino, chegando a 95% dos casos. Evolui por surtos agudos de artrite, intermitentes, mais comumente nos pés. Cada crise tem a duração de cinco a sete dias. É referida por Bernardo Guimarães à página 156 do seu livro *O Ermitão de Muquem*: “*Também eu preciso bem apegar-me com a milagrosa Virgem a ver se me dá alívio a esta maldita gota que me atormenta*”

**Hanseníase** – Nome dado à lepra no Brasil, em homenagem ao médico norueguês Gerhard Armauer Hansen, quem descobriu o bacilo da lepra (*Mycobacterium leprae*), em 1873. Em outros países e em outros idiomas

usa-se de preferência a denominação antiga de lepra. São sinônimos de lepra *morféia* e *mal de Lázaro*, razão pela qual as pessoas acometidas do mal são também chamadas *morféticos* ou *lazarentos*. Há duas formas clínicas da doença: a *tuberculoide* e a *lepromatosa*, esta última causando deformidades. O caso referido por Hugo de Carvalho Ramos, à página 17 de seu livro *Tropas e Boiadas* é, sem dúvida, da forma lepromatosa. Assim também no conto “*As morféticas*” de Bernardo Elis (10-247).

**Hemorróidas** – São dilatações das veias do plexo hemorroidário. Em Bernardo Elis, o personagem capitão Benedito sofria de *almoreimas*. Ao contrário do que possa parecer, *almoreima* não é um regionalismo, é sinônimo de hemorroida e sua existência na língua portuguesa antecedeu à hemorroida. Houaiss registra a datação histórica do século XVI para *almoreima* e do século XVII para hemorroida.

**Histeria** – Não chega a ser uma doença. É um transtorno passageiro do sistema nervoso que se repete com certa frequência, com manifestações psicossomáticas variáveis. É conhecida desde o tempo de Hipócrates (século V a.C.) quando se manifestava principalmente nas mulheres solteiras, donde o nome de histeria, do grego *íster*, útero.

Para Freud a histeria é uma neurose causada por lembranças reprimidas de grande intensidade emocional. No livro de Rosarita Fleury, *Elos da mesma corrente*, a personagem que apresentava histeria foi infeliz no casamento e rejeitada pelo pai quando quis retornar à casa paterna, terminando por suicidar-se.

**Icterícia** – A icterícia caracteriza-se pela cor amarelada da pele e das mucosas. Pode ser causada pela excessiva hemólise dos glóbulos vermelhos do sangue, por insuficiência hepática ou por obstrução dos canais excretores da bile. No caso citado por Carmo Bernades no seu livro *Jurubatuba* “*notei que o branco de seus olhos era um açafão, de amarelo*” trata-se de uma falência aguda do fígado, provavelmente por hepatite tóxica ou virótica, fulminante.

**Infarto** – Define-se infarto como a necrose de um tecido por obstrução da artéria que o irriga. Pode ocorrer em qualquer órgão, porém pela frequência e gravidade do infarto do miocárdio, quando se diz

simplesmente infarto subentende-se que se trata do coração. Geralmente é precedido, durante algum tempo, por episódios de dor precordial a que se denomina angina, causada por isquemia do miocárdio. Quando a obstrução arterial se completa, a dor precordial é intensa, com propagação característica para o membro superior esquerdo. O prognóstico é variável e a maioria dos doentes se recupera com o tratamento. Todavia, no infarto agudo do miocárdio pode ocorrer a morte imediata, como no caso citado por Alencastre: *“Em viagem para a sua diocese, faleceu na vila de Paracatu....de uma violenta dor sobre o coração, que só lhe permitiu viver o tempo preciso para se lhe administrar o Sacramento da Penitência.”* (17-294). A palavra enfarte tem sido usada em lugar de infarto pela imprensa leiga e pela televisão, o que é incorreto. Enfarte quer dizer inchação, tumefação, e nada tem a ver com infarto. .

**Insalubridade** – Condições que propiciam o aparecimento de doenças. Este foi um dos argumentos usados a favor da mudança da capital do estado de Goiás desde o século XIX. Couto de Magalhães, em seu livro *Viagem ao Araguaia* assim se refere à Cidade de Goiás: *“Quanto à salubridade, não conheço, entre todos os lugares por onde tenho viajado (e não poucos) um onde se reúnam tantas moléstias graves. Quase que se pode asseverar que não existe aqui um só homem são. A mielite, a hidropsia, hipertrofia do coração, os aneurismas, a lepra de três espécies diferentes, a tísica, as pneumonias, as febres paludosas, o raquitismo e idiotismo, o bócio, a sífilis e sobretudo as inflamações crônicas do estômago, fígado e intestinos, ou dizimam anualmente a população ou enfraquecem-na e a enervam, de modo que reproduzindo uma frase verdadeira e melancólica do finado bispo, pode dizer-se – **que aqui se escoia a vida, gemendo constantemente.**”* (pág. 52)

**Laqueadura de trompas** - Popularmente referida como ligadura de trompas, é um método de esterilização da mulher. Existem várias técnicas cirúrgicas para este fim, todas visando impedir a passagem do espermatozóide, evitando, assim, a fecundação. As mais empregadas utilizam anéis de plástico, cliques de titânio ou mesmo fios de sutura, de preferência a seccionar a trompa, pela possibilidade de recanalização do conduto nos casos em que a mulher deseje engravidar-se novamente. A laqueadura de trompas tem atualmente, por lei, a cobertura dos planos

de saúde e do SUS. No conto *Desencontros*, de Maria Helena Chein, a personagem Cecília exige do marido uma avultada indenização para submeter-se à operação, caso inédito na literatura médica.

**Loucura** – Nome genérico, de cunho popular, de qualquer doença mental que conduz a um comportamento anormal. A descrição dos sintomas do personagem André Louco no livro *Ermos e Gerais*, de Bernardo Elis, sugere tratar-se de *esquizofrenia*, um transtorno complexo e grave da mente, com dissociação da personalidade e perda parcial ou total da afetividade. Ao mesmo tempo, mostra a maneira desumana com que eram tratados, na época, os doentes mentais.

**Malária** - Conhecida popularmente por *sezão*, *maleita*, *paludismo*, *febre palustre*, é uma doença de caráter universal, endêmica em todos os continentes, que se espalhou por todo o território do nosso País na época da colonização e que atualmente se restringe à região amazônica. É causada por um protozoário do gênero *Plasmódio*, de que há duas espécies principais: *Plasmódio vivax* e *Plasmódio falciparum*. Embora os sintomas iniciais sejam os mesmos, o quadro clínico, a evolução e o prognóstico são mais graves na infecção pelo *P. falciparum*. O sertanejo distingue as duas formas chamando a segunda de *sezão braba* ou *febre maligna*.

**Meningite** – A meningite vem a ser, como o nome indica, inflamação das membranas que revestem o encéfalo e a medula espinhal, conhecidas em conjunto como meninges. Os casos agudos são causados por bactérias, a principal das quais, de maior patogenicidade e que pode ocorrer em surtos epidêmicos é o *mengincoco* (*Neisseria meningitidis*) Nelly Alves de Almeida se refere à gravidade da doença e suas sequelas: “...em pequenino, sofrera meningite, salvando-se da morte por milagre. Como sempre acontece nesse caso, não ficou, ao se livrar da doença, perfeitamente normal” (16-47).

**Mijação** – Termo popular, averbado como *brasileirismo*, para designar abscesso na sola do pé ou entre os dedos. À página 81 de *Jurubatuba*, de Carmo Bernardes, lê-se: “...seu pai estava amunhecado em casa passando mal com um mijação no pé” E, à página 91: “Assim que ele sarou do mijação, ainda manquejando, me procurou...!”

**Morte súbita** - Entende-se por morte súbita a que ocorre sem manifestações de doença prévia, em pessoas aparentemente sãs. Muitas são as causas de morte súbita. As mais comuns são o infarto agudo do miocárdio, o acidente vascular cerebral (AVC) e a cardiopatia chagásica, nas regiões onde a Doença de Chagas é endêmica, como foi em Goiás até a década de 1980. Nos casos relatados por Pedro Gomes, em *Pito Aceso* e por Basileu Toledo França, em *Pioneiros*, não se pode afastar a Doença de Chagas como causa do óbito.

**Óbito materno** - A Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde assim define óbito materno: “morte de mulheres durante a gestação ou dentro de um período de 42 dias após o término da gravidez, devida a qualquer causa relacionada ou agravada com a gravidez ou por medidas tomadas em relação a ela”. As causas mais comuns, quando a paciente não tem assistência pré-natal e obstétrica adequadas são a eclâmpsia e a hemorragia pós-parto.

**Ofidismo** - Antes que Vital Brasil criasse o soro anticrotálico e antibotrópico, uma das causas mais comuns de morte no interior do País era por mordedura de cobra, especialmente pela cascavel (*Crotalus terrificus*). Os acidentes eram mais frequentes em pessoas do sexo masculino, trabalhadores rurais, na faixa etária de 15 a 49 anos. Mesmo após a disponibilização do soro a mortalidade continuou elevada. Basta dizer que no período compreendido entre 1979 e 1998 foram registrados 3.614 óbitos por acidente ofídico em todo o País. Com a mecanização da agricultura tem havido um declínio no número de acidentes. No episódio narrado no livro *Pium*, o personagem Domingos conseguiu antecipar-se à cascavel, ferindo-a mortalmente. No livro *Barro Preto* de João Accioli, lê-se à página 253: “o caboclo mal tem tempo de gritar ao companheiro mais próximo: Fulano, fui ofendido! Me acuda”.

**Reumatismo** - O termo reumatismo não se refere a nenhuma doença específica e sim a um grupo de doenças que afetam as articulações, ossos e músculos e que têm em comum a presença de dores e limitação de movimentos. Pode ser agudo ou crônico. A forma crônica articular é mais frequente nas pessoas idosas e se deve, principalmente, à artrose ou à osteoartrite, que acometem a cartilagem articular. No relato de

Americano do Brasil (18-106): “o terceiro presidente goiano, tomou posse a 4 de setembro de 1839, enquanto seu antecessor, afetado de reumatismo crônico, seguia para Meia-Ponte”.

**Sangria**- De acordo com a teoria humoral, que guiou o pensamento médico por mais de 2.000 anos, haveria quatro humores no organismo (sangue, fleuma, bile amarela e bile negra) e o estado de saúde dependeria da exata proporção e da perfeita mistura desses quatro humores. O excesso ou deficiência de qualquer deles, assim como o seu isolamento ou miscigenação inadequada, causariam as doenças com o seu cortejo sintomático. A recuperação do enfermo se daria com a eliminação do humor excedente ou alterado. O médico poderia auxiliar as forças curativas da Natureza, retirando do corpo o humor em excesso ou defeituoso, a fim de restaurar o equilíbrio. Com esta finalidade, surgiram os quatro principais métodos terapêuticos: sangria, purgativos, eméticos e clisteres. A sangria tornou-se uma panacéia universal e era usada para todos os males. No livro de José J. Veiga, *Naquele mundo de Vasabarro*, o personagem *Simpatia* encontrava-se “in extremis” quando foi sangrado. O médico, Dr. Bolda, teve muita dificuldade em obter certa quantidade de sangue, “*uma tinta rala com laivos amarelados, mais parecia caldo de amora*”. Deduz-se que o paciente estava anêmico e pelo que sabemos hoje só poderia piorar com a sangria. O episódio retrata bem a medicina da época.

**Sarampo** – Doença infecciosa viral, muito contagiosa, comum na infância, que acomete o sistema respiratório e produz uma erupção eritematosa em todo o corpo. É originária da Europa, de onde veio trazida por Colombo. Embora a maioria dos pacientes se recuperem, pode ser grave e letal, especialmente em populações que entram em contato com o vírus pela primeira vez, como ocorreu com os indígenas das Américas, que foram dizimados por esta enfermidade, além da varíola. Nelly Alves de Almeida menciona em seu livro um caso mortal em paciente jovem: “...*invocávamos a alma de nossa amiga Cotinha que morrera de sarampo*” (pág. 230). A partir de 1963, com a introdução da vacina específica, os casos de sarampo tornaram-se raridade.

**Tétano** – Doença infecciosa, grave, não contagiosa, causada por uma neurotoxina da bactéria *Clostridium tetani*. Esta bactéria é encontrada no solo, em esterco, plantas e objetos contaminados sob a forma de esporos, os quais penetram no organismo através da pele, em ferimentos

de qualquer natureza, especialmente os perfurantes, por menores que sejam. Ely Brasiense assim se refere ao tétano à página 102 do seu livro *Pium: Toda semana morria gente...até de estrepada no pé onde o tétano mergulhava traiçoeiramente*. A doença manifesta-se por contraturas musculares, mais acentuadas no pescoço que se mostra enrijecido e em opistótono (hiperextensão). O paciente tem dificuldade de abrir a boca (trisma) e de deglutir. A contratura dos músculos respiratórios e do diafragma levam à dificuldade de respirar e asfixia. O tratamento é feito com imunoglobulina antitetânica ou, na falta desta, com soro antitetânico. A prevenção do tétano faz parte da vacinação múltipla da infância.

**Tísica** - O mesmo que tuberculose. A palavra *tísica*, de origem grega, é uma das mais antigas em medicina. Em latim, a partir do século XIV a palavra ganhou o sinônimo de **consumptio, onis** (consumção), ou seja, doença que vai consumindo as forças do indivíduo, levando-o à desnutrição progressiva, à debilidade e à inanição, até causar-lhe a morte. As principais manifestações clínicas associadas são a palidez, a febre, sudorese, e os sintomas pulmonares, caracterizados pela tosse, expectoração purulenta ou sanguinolenta e, por vezes, a hemoptise. As duas palavras, a grega e a latina, conviveram como sinônimos intercambiáveis. No século XVII, depois que se verificou a presença de tubérculos nos pulmões, nesta doença, criou-se a palavra *tuberculose*, que substituiu os termos *tísica* e *consumção*.

**Triatomíneos** – São insetos hematófagos, popularmente conhecidos como “barbeiros”. Sugam o sangue de animais e do homem, em geral à noite, quando a pessoa dorme. Colonizam-se em domicílio, em casas primitivas feitas de barro e pau-a-pique, e quando são numerosos, produzem verdadeiras sangrias nos moradores; daí provavelmente o seu nome de “barbeiro”, comparando-o ao barbeiro sangrador da medicina colonial e não, como se divulga habitualmente ao fato do barbeiro picar de preferência à face que fica descoberta durante o sono. Sua importância médica reside em ser ele o transmissor da doença de Chagas. Carmo Bernardes, à pg 53 do seu livro *Jurubatuba*, relata. “... *lumiei debaixo dos forros, contei uns quatro ou cinco barbeiros, alguns deles já de meia ceva.... lumiei o chão perto do ninho de palhas de arroz onde o companheiro esteve deitado – levei um espanto com o tanto de barbeiro gordo que vi lá rolando na poeira...*” E, na página 66, descreve a reação cutânea à picada do barbeiro como um “calombo” com especial

menção a uma picada no braço que produziu “inchação”. João Accioli expressa bem a ação danosa do barbeiro, à página 95 do livro *Barro Preto: “E vão bebendo a energia, chupando a vida, contaminando, a pouco e pouco, o sangue dos mal-avisados”*.

**Tuberculose** – (*mal dos peitos*) Nome mais recente da tísica. Foi utilizado por Léo Godoy Otero em seu livro *O Caminho das boiadas: “Criei ela a rogo do pai da cuja, finado de mal-dos-peitos, morador em São Paulo”*(20-65).

**Variola** - Doença causada por um vírus que só infecta seres humanos e se transmite de pessoa a pessoa; por isso foi possível eliminá-la com a vacinação preventiva universal. Em 1980, a Organização Mundial de Saúde considerou a variola extinta em todo o mundo. No passado, entretanto, foi responsável por grandes epidemias com alta mortalidade. Quando o doente sobrevivia ficava com cicatrizes indeléveis no rosto e no corpo provenientes das pústulas que se formavam na superfície cutânea. A variola foi introduzida no continente americano, vinda da Europa e da África, pelos colonizadores e pelos escravos. Os povos nativos, sem nenhuma imunidade, eram dizimados pela variola. Calcula-se que a variola tenha ocasionado em nosso País, maior número de óbitos, nos três primeiros séculos de colonização do que todas as outras doenças reunidas. Em linguagem popular é também conhecida como *bexiga*. S. Fleury Curado cita a variola em três passagens de suas *Memórias*. À página 76, referindo-se ao Governador de Goiás, Fernando Delgado Castilho, diz: “*Com sábias medidas preservou a Capitania da propagação da variola que já tinha se manifestado em Meia Ponte*”. Esta epidemia ocorreu em 1811. À página 90 identifica as cicatrizes deixadas pela variola: “*Augusto Serpa, caboclo, rosto marcado de sinais de variola*” e à página 97 usa *bexiga* em lugar de variola: “*Era cheio de corpo, rosto pálido, picado de bexigas*.” Alencastre, por sua vez, refere-se à epidemia de 1811: “*Tendo a variola invadido o sul de Goiás em 1811 e atacado o arraial de Meia Ponte*”...as medidas sanitárias tomadas “*...impediram que o mal se propagasse e fosse à Capital, como em 1771*” (17-342). Americano do Brasil, à página 82 do seu livro “*Súmula da História de Goiás*” também se refere à *erupção de variola no distrito de Meia Ponte*. A ocorrência desta epidemia em Meia Ponte (hoje Pirenópolis) deu origem a um poema de autoria de Florêncio Antônio da Fonseca Groston em homenagem ao Cap. Joaquim Alves de Oliveira pela atuação deste durante a epidemia. [8]

**Verminose** - A verminose, tão comum na zona rural, engloba várias espécies de helmintos, dentre os quais o *Ascaris lumbricoides*. Por sua dimensão e aspecto cilíndrico chama mais a atenção, recebendo o nome popular de *lombriga*. Os helmintos mais nocivos, entretanto, são o *Necator americanus*, que causa anemia, e o *Strongyloides stercoralis*, de alta patogenicidade, porém chamam menos a atenção por seu reduzido tamanho.

## Comentário

Pela leitura dos livros selecionados vemos que em nenhum deles a narrativa se desenvolve em torno de determinada enfermidade, não havendo referência a sintomas e sinais que permitem o diagnóstico da doença e sua importância para a saúde pública. Todavia, em todos eles há pelo menos uma breve e superficial menção a uma condição mórbida. Na relação das doenças citadas, a que aparece mais vezes é a malária, sendo duas vezes em sua forma maligna, produzida pelo *Plasmódio falciparum*, citada por um único autor, e treze vezes em sua forma benigna, produzida pelo *Plasmódio vivax*, mencionada por quatro autores. A referência aos triatomíneos (barbeiros) aparece com o total de seis citações por quatro autores, sendo que apenas um faz conexão entre os triatomíneos e a doença de Chagas. A varíola conta com cinco referências por três autores. A tuberculose (tísica) tem quatro referências por quatro autores, uma de cada autor. A condição de “empalorado” (palidez) e o ofidismo são mencionados quatro vezes, por três autores. Segue-se o óbito materno com três citações, por três autores. As demais entidades mórbidas contam com apenas uma ou duas referências conforme mostra a Tabela 2.

O autor com maior número de referências à patologia médica dentre as 20 obras selecionadas, é Ely Brasiliense, no romance *Pium*, com 17 citações, seguido por Heleno Godoy, no romance *Relações*, com 9 citações. Os demais figuram com o número de um a cinco referências. No total das 20 obras encontramos o total de 80 referências em 4.433 páginas lidas.

Causa estranheza a ausência do *Pênfigo foliáceo*, popularmente chamado de *fogo selvagem* e da epidemia da “gripe espanhola” na citada relação, bem como a escassa referência à *febre amarela* e à

*Doença de Chagas.* O pênfigo era uma endemia frequente em Goiás, que despertava a atenção por se tratar de uma enfermidade cutânea facilmente identificável. Todavia, poderia ter sido confundido com a lepra. Sua incidência era tal que Goiás se tornou o foco mais numeroso de pênfigo no Brasil e motivou a criação, em 1952, de um Hospital em Goiânia, conhecido como Hospital do Pênfigo, para tratamento desta doença. O Serviço era dirigido pelo dermatologista Anuar Auad, quem chegou a atender, entre 1952 e 1970, 2.663 casos.[1] Com o declínio da sua demanda, o Hospital passou a atender as doenças infecciosas em geral, mudando o seu nome para Hospital de Doenças Infecciosas (HDT) e posteriormente para Hospital Anuar Auad.

Igualmente não há referência à pandemia da “gripe espanhola”, que, em 1918-1919, assolou todos os continentes e propagou-se ao nosso País, atingindo vários estados, inclusive Goiás.[9]

A doença de Chagas, por sua vez, era a principal endemia da zona rural no Estado de Goiás, como ficou provado na viagem científica realizada por Arthur Neiva e Belisário Pena pelo interior do Brasil em 1912 e divulgada em 1916. [8] Somente um autor, Bariani Ortêncio, estabelece ligação entre os “barbeiros” e a doença de Chagas. Em nenhuma das obras selecionadas, no entanto, há menção às principais manifestações da doença de Chagas, que são a cardiopatia e o comprometimento do sistema digestivo. A cardiopatia se traduz por duas ocorrências principais: morte súbita e arritmia cardíaca (palpitações, comumente referidas pelos pacientes como “*vexame*” do coração). Amorte súbita é imprevisível, sendo mais comum nos homens do que nas mulheres, principalmente naqueles que despendem maior esforço físico no trabalho, como agricultores e operários. Dr. Wilson Mendonça, quem realizou em 1951, nos municípios de Rio Verde e Montividiu, juntamente com o Prof. José Lima Pedreira de Freitas, uma das primeiras pesquisas sobre a doença de Chagas em Goiás, examinaram 42 pessoas em Montividiu, na época distrito de Rio Verde, todos moradores em casas onde havia “barbeiros” e encontraram 15 com reação sorológica positiva para doença de Chagas, o que representa 35%. [2]

Ouvimos de Dr. Wilson Mendonça que havia um local em Montividiu conhecido como “Recanto das Viúvas”, tal o número de casos em que o marido morrera de morte súbita. Em todas as obras que lemos, há somente dois casos citados de morte súbita, que poderiam ser

atribuídos à doença de Chagas: um no livro *Pito aceso*, de Pedro Gomes, e outro em *Pioneiros*, de Basileu Toledo França.

Em relação ao sistema digestivo são frequentes a dificuldade de ingerir os alimentos (*mal de engasgo*, *entalção*) e a obstipação intestinal (*caseira*), decorrentes, respectivamente, do megaesôfago e megacólon causados pela infecção chagásica. Não encontramos nenhuma alusão a estas manifestações da Doença de Chagas.

Neiva e Pena descreveram tanto casos de “vexame”, como de “entalção” ou “mal de engasgo”, “encontrados nas diferentes localidades por onde passaram ao longo de todo o trajeto nos estados da Bahia, Pernambuco, Piauí e Goiás” [8, 11]. Para se ter ideia da frequência do megaesôfago e do megacólon chagásicos em Goiás basta dizer que um único autor, em sete anos, reuniu a casuística de 820 casos de megaesôfago[12] e que o Prof. Hélio Moreira e seus auxiliares operaram no Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás em 15 anos, 624 casos de megacólon.[7]

Concluindo, vemos que a literatura regional de Goiás faz referência passageira e superficial às condições mórbidas mais comuns, conhecidas da população, muitas delas com nomes populares. Em nenhuma delas, entretanto, a doença em si tem papel relevante no enredo da narrativa.

A propalada insalubridade da antiga Cidade de Goiás, que foi utilizada como um dos argumentos para justificar a mudança da capital do Estado, teve pouca ou nenhuma repercussão na literatura regional goiana.

## Referências Bibliográficas

1. AUAD, Anuar A. Pênfigo foliáceo Sul Americano no Estado de Goiás. *Rev Patol Trop.* 1972; 2 :293-346.8.
2. FREITAS, José Lima Pedreira de; MENDONÇA, Wilson. Inquérito sobre moléstia de Chagas no município de Rio Verde (Estado de Goiás). *O Hospital*, 1951, vol. 39(2):129- 143.
3. FREITAS, Lena Castello Branco de (Org.). *Saúde e doenças em Goiás: A medicina possível*. Goiânia. Editora UFG, 1999.
4. GODINHO, Iúri Rincon. *Médicos e medicina em Goiás. Do século XVIII aos dias atuais*. Goiânia, Ed. Contato Comunicações, 2004.

5. LOBO, Luiz Carlos, FRIDMAN, Jacques, ROSENTHAL, Doris et al. Interrelationship of Endemic Goiter and Chagas' Disease. *J. Clin. Endocrinology* 22: 1181-1186, 1962.
6. MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna . Dos primeiros tempos da Saúde Pública à Faculdade de Medicina. Goiânia, Cànone Editorial, 2012.
7. MOREIRA, Helio; REZENDE, Joffre M de; SEBBA, Farjala; AZEVEDO, Ireno Flores de; LEITE, Arminda C de Almeida. Megacólon chagásico. *Rev. Colo-proctologia*, 1983, vol. 3, n. 4, p. 152-162.
8. NEIVA, Arthur, PENNA, Belisário. - Viagem científica pelo norte da Bahia, Sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás. Mem. Inst. Oswaldo Cruz 1916, 8:74-224.
9. OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. A poética da dor: A poesia-catástrofe em Goiás. Disponível em <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2010.pdf> Acessado em 15/05/2013.
10. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. A Gripe Espanhola em Goiás. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina 2005 . Disponível em <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S23.1209.pdf> Acessado em 17/04/2013
11. REZENDE, Joffre Marcondes de. A Viagem Científica de Neiva e Penna: roteiro para os estudos das doenças do sertão". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* vol. 16, supl.1, pp.265-288, julho de 2009.
12. REZENDE, Joffre Marcondes. The endemic South American Megaesophagus. Clinical aspects. *An. IInd World Congress of Gastroenterology*. Vol. I: 69-74, Basel, S. Karger, 1963.
13. SCLIAR, Moacyr. Conferência no Instituto Avançado de Estudos Transdisciplinares. Sessão de 24/6/2004. Disponível em <http://www.tirodeletra.com.br/medicina/MoacyrScliar.htm>. Acessado em 14.06.2013.

# Enganos do carbono

## *A visão poética e criatividade de um grande escritor*

Moema de Castro e Silva Olival<sup>1</sup>

O livro de poemas *Enganos do Carbono, 14 poemas esparramados* do escritor, poeta e cronista Edival Lourenço, traz, no seu processo criativo, uma amostragem esclarecedora dos recursos contemporâneos embasados pelas disciplinas interdisciplinares que enriquecem a literatura. Aqui, neste livro, temos o sopro criador da Filosofia e da Ciência. É mais uma manifestação do talento deste poeta.

Construído por uma técnica de transfiguração metafórica, o título, à primeira vista, parece hermético e inacessível. Mas intensamente rico, uma vez apreendido em toda sua extensão. Assim, lido e relido, por mim, trocando idéias com o escritor, percebi seu segredo promissor.

Voltemos ao título: *Enganos do Carbono- 14 Poemas esparramados*.

Por que a junção de um adjetivo próprio de ser vivo-“enganos”- atribuído a um elemento inanimado - o isótopo de carbono 14 - de emprego científico? E por que, no título, o numeral 14 está deslocado para o subtítulo: 14 poemas esparramados? A explicação é engenhosa: o poeta, usou o 14, numa troca artilosa, uma vez que, contabilizando o número dos poemas que são 14 e designando-os por “poemas esparramados,” aponta para a extensão da aplicação do título ao conjunto dos poemas. Ou seja, a ciência transfigurada na proposta poética. Cada poema seria veículo de uma postura de contraste, melhor, de uma oposição resultante da nova atribuição do carbono, frente às novas pesquisas científicas, literárias e filosóficas. Assim, numa breve revisão dos textos atuais, examinados sob as novas perspectivas progressivas, chama-nos atenção a descoberta de dois mercedores alemães do Prêmio

---

<sup>1</sup> Crítica literária, ensaísta, escritora, professora e Sócia Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 10).

Nobel- descobertas sobre campo de engrenagem que regula o trânsito vesicular, ou seja, um sistema que diz respeito ao transporte intercelular, essencial em nossas células e úteis para diversos tratamentos. (Campo de Biologia Molecular e celular. Universidade de Berkeley, Califórnia). E um possível engano na aplicação desta teoria? Qual seria o resultado?.

Descoberta que trouxe enorme impacto na compreensão da forma como uma carga que pode ser entregue dentro e fora da célula e tem implicações nos trabalhos sobre diversas doenças, incluindo distúrbios neurológicos e problemas imunológicos, como o diabetes.

Portanto, pode falhar, dependendo da atuação científica unida à capacidade genética.

Agora, vejamos o recém lançado livro de Edival Lourenço, que este ano, pelo seu “Naqueles morros, depois da chuva” (romance) mereceu o prêmio Jabuti-(2013). E acaba de lançar, no terreno da poesia: *Enganos do carbono- 14 poemas derramados*. Como entender a metáfora do título? Mas o próprio poeta nos põe a par quanto ao potencial do carbono 14, que é um termo usado pela Arqueologia, para medir a idade dos fósseis. Num gesto de criatividade resolveu estabelecer a correlação entre este elemento, sem dúvida de natureza química, e a vida. Entre as possibilidades de um roteiro “certo”, do processo vital, com as possíveis distorções na labuta existencial. Somos sempre funcionais, ou muitas vezes falhamos em nossas intenções? Na literatura, pois, a liberdade poética dá-nos a chance de recorrer a outras possibilidades de significação, isto é, valer-nos-íamos de uma possível referência ao processo evolutivo dos seres vivos, como Darwin o descreveu, admitindo a possibilidade de primeiros erros se transformarem em acertos, vice-versa, através do sentido figurado. Assim, realizado o conluio-ciência e poesia, através da linguagem e amparados pela liberdade de novas interpretações, examinemos a força da filosofia.

Os poemas de Edival parecem traduzir uma visão negativa, crítica, da vida. Perguntei a ele, se era leitor de filósofos do ultra romantismo-séc. XIX. Se acaso teria lido Schopenhauer, ou Nietzsche. Confirmada a visão negativa de Schopenhauer, buscamos o seu trilheiro de reflexões.

Iluminados pela visão de Santo Agostinho (354-430), para quem “os corpos se entendem, mas as almas não” (Confissões), os poemas, no capítulo III, em enumeração crescente, vão dando o mapa da representação do “eu”-(subjeto) e do “ele” ou “ela” objetivo. O grau de

representação revela tempo, espaço e vontade. E a visão crítica e negativa do poeta se instala. E, a linguagem, bem estruturada, vai delineando a respectiva visão.

Vamos examinar alguns poemas do segundo capítulo: “Enganos do carbono,” homônimo do título do livro, título direcionado pela epígrafe que reproduz pensamento derrotista de Augusto dos Anjos (1884-1914), em “Psicologia de um vencido”: “...filho do carbono e do amoníaco, monstro de escuridão...”

Observação inicial: Os poemas, apresentados em quatorze capítulos (estes indicados por algarismos romanos) são numerados em ordem crescente, e identificados por números. Por motivo de enfoque temático, iniciemos pelo Capítulo II, inversão a ser explicada logo a seguir. Vejamos:

## Capítulo II

Poema 1-: “Manhã domingueira / de um agosto feroz / nesta fresta universal/ sobre a América / da parte sul./ vem rompendo o sol/ por entre os prédios/ em golpes sanguíneos /esguichos escarlates / no fio da baioneta/ de repentinas ditaduras/ ou fúria de semente / no afã da metáfora/ nascitura.”

A linguagem, muito bem engrenada para a finalidade proposta, traz, nos adjetivos, a carga negativa, -agosto “feroz”- carga usada em relação de contraste com o tempo tranqüilo de “Uma manhã domingueira”. Sentido negativo que se acentua no sintagma indicativo do espaço: “numa fresta universal”. O substantivo “fresta” aponta para limite estreito, mas se amplia, em contraste evidente com o adjetivo “universal”, o qual fixa o sentido de amplidão.

A metonímia seguinte: “vem rompendo o sol/por entre os prédios,/em golpes sanguíneos/ esguichos escarlates/ no fio da baioneta./”, -continua a força da linguagem figurada, quando o adjetivo “escarlate” determina, por extensão da imagem, a figura “sanguínea” dos golpes, tornando visual a representação do ataque. Continuando:- no fio da baioneta/ de repentinas ditaduras/ ou fúria da semente /no afã da metáfora/ nascitura./”.

As expressões “fio da baioneta, de repentinas ditaduras, ou fúria da semente” fecham o sentido do sentimento do “eu” subjetivo, frente

ao “ele” objetivo, isto é o desgaste do ser vivente frente às metáforas metonímicas que traduzem o debate existencial. Traduzindo: o poema joga com o contraste entre a alegria de uma bela manhã, destruída pela negação desta alegria, graças às forças negativas que o aprisionam.

E o carbono pode representar as referidas forças e mais: cópias que deveriam reproduzir fielmente a realidade, mas que pelo imaginário poético, ou até mesmo na ciência, como vimos, podem resultar em evolução irregular das situações copiadas do original, resultando em contraste, o que se torna evidente.

Passemos ao poema 3, do mesmo Capítulo II do “Enganos do carbono”.

Aqui, o pessimismo se torna claro, Schopenhauer mostra sua influência. O poeta confirma o sentimento de descrença e desânimo na sua auto-apreciação. Ei-lo:

“Na hora do almoço/ dirão coisas amáveis/tiradas de alguma mensagem/da internet talvez/ depois cantarão/ “Parabéns pra você”; pra mim/ dirão os cumprimentos de praxe/ ao me abraçarem/mas logo irão embora/ puxados por invisíveis/ cordéis/É que exatamente neste domingo/ coincide meu aniversário/ com o Dia dos Pais./ E não há no mundo/duas falsificações/ maiores que estas.”

O poeta apresenta, a princípio, uma notícia alvissareira: “virão seus parentes para comemorarem, juntos, seu aniversário.” No resto desta estrofe, começa a representação do desmonte da situação festiva. Os parentes virão, “mas logo irão embora/ puxados por invisíveis/ cordéis./”

E aqui a noção pessimista do evento, a instabilidade emocional do ser foca o que representa, para ele, esta comemoração: banaliza o fato, justifica, com amargura, o motivo da data, diminuindo-o com o seu estado de ânimo a alegria de dois marcos mundialmente celebrados:

“É que exatamente neste domingo/ coincide meu aniversário/ com o Dia dos Pais./ E não há no mundo/duas falsificações/maiores que estas./”

É o homem focado na sua fragilidade emocional, existencial, em perene confronto entre o sentimento e as convenções sociais. Papel contraditório. Carbono ou Destino?

E a técnica de desenvolvimento da visão poética do tema se repete. Primeiros versos, promissores. Última estrofe, mostra de um texto

moderno, que realiza a junção de duas forças de época, ultra-romantismo e realismo nascente, e que se traduz em forma livre, modernista, fazendo uma síntese das forças estilísticas aqui contraditórias, o que começamos a observar a partir dos três últimos versos da primeira estrofe, a saber: “dirão os cumprimentos de praxe/ ao me abraçarem/ mas logo irão embora/ puxados por invisíveis/ cordéis.”

Interessante, que o realista Machado de Assis revela, em alguns de seus contos, a mesma visão derrotista de nosso poeta, em relação aos valores do ser humano. Vejamos agora, no Capítulo II: *Enganos de um carbono*.

Finalmente, toda a contradição de uma proposta, que parecia positiva, representada pelos últimos versos centrados no sintagma “invisíveis cordéis... irão embora”- último verso, da segunda estrofe, culmina, agora, com o encerramento deprimente e negativo da terceira e última quadra:

“É que exatamente neste domingo/ coincide meu aniversário/  
com o Dia dos Pais./ E não há no mundo/ duas falsificações/  
maiores que estas.”

No Capítulo III- denominado “*Castroalvesca*”, Edival constrói, uma paródia sarcástica em cima do poema “Navio Negreiro” de Castro Alves.

Aqui, fica patente o espírito satânico de algumas representações dos seres da humanidade, como um todo malévolos, em que o “eu” subjetivo é totalmente encoberto, pela revolta e indignação pelo estado de corrupção em vigor, focando um “ele” objetivo, transfigurado pela desonestidade e falta de ética sobretudo dos representantes da política, no tratamento de homens que menosprezam a dignidade do cidadão, do lado mais fraco da sociedade, como proclama Castro Alves em seu *Navio Negreiro* ao se referir aos negros escravos e discriminados pela humanidade. Atitude que ocorre a um lado podre da sociedade, veiculando o princípio do racismo, e que resulta de uma maliciosa ou maldosa concepção da vida.

Isto leva Edival a armar sua linguagem poética com as forças de sua intensa indignação. Até o ritmo de “*Castroalvesca*” (revivendo o ritmo de *Navio Negreiro* de Castro Alves) ajuda a reforçar o protesto sócio-existencial de nosso poeta. Reproduzirei apenas duas estrofes, do

referido capítulo,(III) dada a extensão do canto que serviu de protótipo a Edival . Poema 1:

Deus! Ó Deus! Quanto horror!/ que crime cometemos, Senhor,/ para que nos aplicasses/ tamanha reprimenda?/ Diz, Senhor, que é delírio,/ que é loucura, diz que não é verdade,/ tanto horror perante os céus! (...).

Na segunda estrofe do poema 5, é nossa vida política atual e seus desmandos que é dessacralizada, expondo o sentido crítico da realidade, nos seus vícios e escamoteações. Vejamos:

“(...) - Não te comoves senhor/ quando fazem deste inferno/ um satânico festim/ E excitados, trocam medalhas entre si?/ Essa gente marota/ que suga o sangue da pátria,/ como o filho da sinhá, às tetas / da mãe preta?”

“Não te comoves, Senhor,/ com o escárnio do sumo mandatário/ que nada viu, com o oficial que nada vê?/ Com o lacaio top-top/ e o mandrião enrabador?/ Não te comoves, Senhor,/ com o método *relaxa e goza* da musa bacante/e fria?/ Não te comoves, Senhor, com tanta/ covardia?”

Finalmente, na terceira estrofe do canto 6, concretiza-se, de modo tão evidente, a intertextualidade, com o *Navio Negreiro* de Castro Alves, realçando a inegável repulsa e descrença quanto à infração dos valores positivos da vida, além de reforçar a figura da metonímia amplificadora do sentido de palavras, como: “(...)...rasga a a tua Constituição (Ulisses de Homero, rasgando os mares) e Ulisses (de Ulisses Guimarães , rasgando a Constituição de que foi o grande herói)”. Conclui o poeta:

“É tanto horror perante os céus,/ que os urubus do Brasil beijam a brisa/ em busca de bonança./ levantai-vos, heróis do novo mundo!/ Ulisses, ergue-te das águas em que te afogas!/ Rasga a tua cidadã Constituição! Dumont, (o herói inventor da aviação, sendo o hangar a “garagem” do avião) fecha as portas dos hangares!/ Desinventa a tua invenção!”

Estes dois capítulos: “*Enganos do Carbono*” e “*Castroalvesca*” pegam forte nesta visão crítica, carnavalesca ou parodística de Edival Lourenço, uma de suas características literárias. Vejamos, agora, os demais .

Aqui, peço licença, para explicar meu procedimento inicial, ao escolher os referidos capítulos, (2 e 3) antes do primeiro. Isto ocorreu como uma tática para prender o leitor, expondo, primeiro, os mais chocantes, e,

depois os que, sem deixar de abordar os aspectos críticos, são mais reflexivos do que violentos. Mostrei, assim, de início, o que infelizmente, mais atrai o mundo de hoje: a crítica acerba, e o procedimento estilístico da linguagem moderna, mais chamativa neste sentido.

Continuando, agora, vejamos o mencionado primeiro capítulo: “Ressaibo de absinto”. Lembrando que absinto pode se referir a uma erva amarga, ou à bebida alcoólica amarga, passamos a completar a nossa expectativa de situação problemática, ao verificarmos a epígrafe inicial: “Porque os corpos se entendem, mas as almas não”(Ovídio (43 Ac-17 dC).

O início da estrofe do Poema 1 deste capítulo, confirma as suspeitas de o poeta estar se referindo à estação primavera, (reviver, amar, florir) como se vê, a seguir:

“Foi assim/ sem premeditações/ sem aviso prévio./ De forma súbita e cruel é que aconteceu./ Você chegou/ feito um olor irresistível de folha úmida / de terra molhada./ Você veio/ brandindo a nova situação/ e todo o júbilo/ de que ela podia dar conta./” “(...)”

Sentimos, no pronome “ela” a ambigüidade de sentido, quanto à situação metafórica a que se referiria, à primeira vista, quanto às plantas da primavera. Na sequência dos poemas : 2, 3,4, 5 e 6, continua a alegoria favorável a esta idéia, mas já renunciando nesta primeira atribuição do poema, imagem diversa da força da natureza, se “derramando”, para a real condição do objeto, trazendo, portanto, aspectos diversos. Vejamos, então, a primeira estrofe dos referidos cantos, que serão transcritos. Acima, já comentado, está o primeiro. Agora, o canto ou poema 2, deste Primeiro Capítulo;

“Foi logo/ revolvendo o esterco/ a terra compactada/ a areia estéril, as sementes/ distraídas, os sentimentos/ já mortos, estimulando raízes/ ressequidas, a novamente lançarem/estolhos e gavinhas/. Ressurgindo/ vida nova das profundezas/ dos empórios do corpo/ dos latifúndios da alma./ Outra vez/ olhos-d’água brotaram/ da terra baldia./”

Agora, a dúvida parece crescer com os versos seguintes, do poema 7:

“Você/- poderes de fada-/ espargiu em meu caminho/ o ouro/ a mirra/ o incenso de sassafrás./ Você/ -meneios de serpente- enleou-se em meu corpo (-planta ou pessoa amada?) já senescente, ao prazer quase refratário/ e dele retirou sumos impossíveis./ Foi a primavera temporã/ você/ impregnando-me de eflúvios e delírios.”

Assim, o pronome “ela” se corporifica em sentimento, e as reações do poeta claramente fazem referência a um renascer amoroso, terminando por personalizá-lo em mulher.

Reparem na sequência final: “Foi a primavera temporã/ você, impregnando-me de eflúvios e delírios.”- Parece clara a alusão a um amor - rejuvenescedor e temporão.

E, no último poema deste Capítulo I, com muita arte, o poeta deixa fluir o desengano e a repentina brevidade deste reviver.

A partir do IV capítulo “*Do impossível e das possibilidades*” será computada esta epígrafe (a seguir)- filosofia constante do livro- que acompanha o espírito de desilusão e descrença contido nas possibilidades do elemento carbono, ambiguidade sempre presente no ser humano, e cantado até pelos poetas mais pessimistas, como Fernando Pessoa: Eis a epígrafe:

“E a única vida que temos/ É essa dividida/ Entre a verdadeira e a errada.” (1888/1935)”;

poema sem título de 18/9/1933.

Observamos que, a partir deste primeiro poema , do cap.IV, será uma constante o emprego estilístico da repetição, aqui usado com a finalidade de reforçar o sentido da transitoriedade dos fatos da vida. Constate-se o sentido latente de possibilidades, ainda que não se realizem. Ei-lo:

“De repente eu vá à guerra em Saigon/ ou faça meditação transcendental em Jabalpur/ com Maharishi Mahesh. De repente/ eu vá ser monge budista no Nepal/ ou boêmio inveterado em New Orleans./ “De repente/ em agosto/ eu vá festejar a vida em Paris/ ou pagar penitências na romaria do Muquém/ (...) De repente eu vá ser cosmonauta/voando entre estrelas saltando entre mundos. De repente operador em Wall Street/ movimentando mundos e fundos.” ”(...).”

Esta mesma repetição, como uma reiteração do sentido do binômio possibilidade/impossibilidade, acontece nos demais poemas: 2 3 4 5, e o 6, inova, trazendo a última repetição iluminada por um sentido amoroso: -

“Quem sabe, de repente, minha mãe me lace/ com orações em corrente/ me tome ao desatino/ me faça encolher comportadinho/ num canto , bem pequenino/ de tudo protegido em clausura/ mas que minha mãe me reconheça/e diga cheia de si e de ternura:/-Eis aqui o meu menino!”.

No quinto capítulo : “Sedução da (v)ida”- título acompanhado pela observação –“Hoje A tabacaria de Fernando Pessoa faz 80 anos-“traz uma epígrafe de Ovídio (43 aC 43 a C-17dC): “Se não possuis carruagem,/ segue a pé./”

Uma segunda epígrafe, de Luís de Camões (1524-1580 – Os *Lusíadas*, canto I, p.57: Ainda, vestígio do tema “reflexões sobre possibilidades”, através do sintagma “Se tem que ir”.

“-Que não se arme e se indigne o Céu sereno/ Contra um bicho de terra tão pequeno.” -Poema I (capítulo V); “Sedução da (v)ida”.- Repare no duplo sentido de (v)ida, podendo, pois, ser lida com duplicidade de sentido: vida e ida, ampliando a “Sedução”. Poema I-

-Se tem que ir/ que vá/ Não se esqueça nunca/ ir é da índole de todos os seres/ e coisas sobre a Terra./ Vá sem receios/ sem olhar para trás/ ou olhe se quiser/ mas sem que sua alma/ se converta em estátua de sal/ prisioneira do passado/ como a alma da mulher de Ló/ ao fugir de Sodoma/ - a terra pagã.” (...).”

Nos poemas seguintes, a saber: poema 2,3,4,, o primeiro verso se repete. Insiste na proposta do poder ir, cada um trazendo as diferentes possibilidades de gozar a vida. Transcrevo só os primeiros versos, para mostrar- de modo insistente- a filosofia que deve prevalecer na caminhada proposta de cada um deles, acima mencionados.

Do poema 3: “-Se tem que ir/ que vá./ Mas saia o quanto antes/ é que para ter tempo de fazer/ de Vênus a sua estrela-guia/ a sua tramontana/” (...). (Obs.Não nos esquecendo que Vênus é a deusa do amor.)

Do poema 3:- “Se tem que ir/ que logo se vá/. Mesmo abrindo/ o caminho no próprio caminhar,/ mesmo aviando os sonhos/ par a par aos fatos da existência,/ é para ter tempo/ -- isto é fundamental- de ouvir o amiudar dos galos/ nas quintas dos subúrbios/convictos de que sem ser canto/ a aurora emperraria no horizonte/ como no galho a fruta malsã?”.(...)

Do poema 4: “Tempo de sentir/ o cheiro bom de café/ a fumegar nas trempes/ das pousadas singelas/ nos fogões a lenha/ de cariados morgadios/ pendurados nas colinas/ no fundo das sesmarias,/ flutuando em vales de beber o fôlego/ entre serranias e rochedos monumentais/ ou na beleza infinda/ de uma paisagem mais chã” “(..).”

- Poema 5: “Se tem que ir/ que vá./ Mas saia com tempo de curtir/ os prazeres e as dores de cada alvorecer/ deixando o ninhal de ímãs e plumas/ rumo a novos e ásperos afãs/ Que é para ter tempo/ de apreciar a sutil arquitetura/ das teias de aranha./-seus castelos de filigrana-/ realçada pela lã de neblina/ de onde brotam cristais/ e lantejoulas da manhã/. “(...).

-Poema 6: “Se tem que ir/ que vá/ Não espere nenhum empurrão/ nenhum comando/nenhuma embarcação/ propícia e confortável/ Vá de nado,/ de mergulho a pique,/ de gato, de rastejo,de foguete,/ de balão, a galope no próprio dorso./ Vá. O mais importante é respirar/ sem medo e profundamente/ a brisa da estrada/ seu bálsamo de avelã.”

-Em doses miúdas ,mas profundamente poéticas, Edival ministra as deixas de saber viver; é a “Sedução da (vida)”. Chamo atenção do leitor para a capacidade do poeta em registrar, nos títulos dos capítulos, e com grande visão e precisão, as guias possíveis (sem faltar o lance crítico) para um bom viver.

E, no último e sétimo poema do presente capítulo, o poeta acirra e sintetiza a urgência de uma caminhada bem esboçada e , importante, levada a cabo com coragem e decisão. E, depois, encerra maliciosamente, afirmando que ir é necessário, (e olha, que insiste muito nisso,) mas, com ironia, completa: “chegar é que é o problema.”- Está, aí, traço forte do poeta: a visão crítica. Vejamos

“Se tem que ir/ que vá ainda bem cedo/na sedução da manhã./ Vá de canoa, jegue,/ monociclo, trenó, Rolls-Royce, rolimã,/ de carro a diesel/ carrapato carrapeta/ carrapicho./ O *Fundamental* é ir./ Já chegar/ meu camarada/ é a fatura de um outro capricho./” (...).

- No capítulo VI, p. 67: - “Forno íntimo”, a epígrafe : “..nada há que seja novo debaixo do sol. (Salomão-séc.X, -aC- Ecl I:9),” nos mostra que continuamos refletindo, com o poeta, sobre a vida e as duas visões pelas quais, pode e deve ser julgada. Lembrar-se do fator carbono- e sua capacidade de influir sobre o julgamento: “Forno Intimo”, podendo abranger o aspecto íntimo e exterior, com possibilidades positivas e negativas.

-Vejamos o poema 6, o último do referido capítulo, que sintetiza a luta interior, a reflexão que o canto desperta :

“A mesma química há de comer/ a carne de nossos corpos/ e esculpir horrenda figura/ na pedra-sabão de nossos ossos/ depois também os ossos serão/ insumo de seu implacável processo../ A química

inclusive, no que há/ de mais volátil baterá às portas/ do céu- que é uma  
emanação assim/ como um facho de labaredas-em busca de salvação.” (...)

No VII capítulo, p. 75: ”Flor diáfana”, temos uma significativa  
epígrafe do conhecido romancista de *Lavoura Arcaica*, Raduan Nassar:  
“...nos intervalos da angústia, se colhe, de um áspero caule, na palma da  
mão, a rosa branca do desespero...”

Um capítulo que, entre o contraste de uma vida simples do  
campo, um menino franzino, calado, cultiva o desejo sexual nascente,  
preparando-se para uma maturidade cuja mãe mal suspeitava. Diz o  
poeta:

“(...) sob a pele de franzino/ corpo inocente/ de menino calado/  
e meio misantropo/ já os demônios/ santos e desatinos de homem/ se  
manifestam de modo tão libidino.”

O Poema 2 prepara o ambiente para a explosão das forças da  
natureza, (entre elas, o despertar do sexo do menino),fazendo sobressair  
sons, cantos dos galos, plantas, “vento (...) bulindo nas palmas de  
macaúba, eriçando/ as penas/ dos tizius que entre os acúleos/. edificam  
seus ninhos./ - Isto, tarde que se estende sobre a planície/ que só uma  
grinalda de virgens/(...).

No poema 3, “Ali. Naquela casa de despejos/ onde reside o  
silêncio./ (...) além do carro de bois guardado na varanda/ bezerros  
novos dormiam no aprisco/ (...). Perambula o menino entre as pilhas/  
de sacas de arroz, feijão e outros cereais/ e ainda as enxergas suadas,  
baixeiros,/ cordames, arreios e imaginação/ como um potro de rédeas  
soltas./”

Preparado com arte e inspiração, o poeta apresenta o espaço da  
ebulição sexual do menino:

(...) “Perambula o menino entre as pilhas/ de sacas de arroz, feijão  
e outros cereais/ e ainda as enxergas suadas, baixeiros/ cordames, arreios  
e a imaginação/ como um potro de rédeas soltas.”

No poema 4, o poeta esboça o objeto desta primeira inspiração :

(...)”O azul da tarde lhe vem/(...) entre os arbustos/ um  
ziguezaguar de serpente/.Vem ainda pelos filetes de luz/ nas frestras  
mínimas como as frestas da prima/supostas.”

- E o poema 5 expressa- totalmente, em sonho- o primeiro desejo  
do menino, e se ilumina com a apresentação, metafórica, dos lances  
apaixonados que deseja percorrer:

(...) – “Ele a reconstitui: pernas, lábios, cabelos, seios./ Anseia por outras partes menos visíveis. Nesse instante, um fósforo secreto risca um/ corisco/ Em sua carne tão escassa/ para um fogo de tal calibre./ Fogo que agora vem vindo de dentro/ de toda parte/ lodo em brasa de vulcão/ (e sua boca improvisa promessas) para irromper na mão, sobre a palma/ a lassa manifestação do corpo/ num frenesi tão louco/ para uma flor diáfana”

E o poema 6, traz uma conclusão breve, para o ato tão representativo do abrir da flor, “da flor diáfana – a que deixa passar a luz – e que, aqui, representa o amor”.(...).

No capítulo VIII, p. 83: “Estreito horizonte”, temos duas epígrafes: “Nenhum menino salta/ de minha vida para restaurá-la”. Carlos Drummond de Andrade in “Versos à boca da noite”. E “Chego a ter medo do futuro/ E da solidão que em minha porta bate. “Tim Maia-Edson Trindade in “Gostava tanto de você”.

Pelo Poema 1, deste capítulo VIII, já se percebe o virar da página do destino. Das possibilidades de ser feliz, entra-se em novo espaço das incertezas, das dificuldades liberadas pelo carbono.

Vejamos: “Eis o momento dramático:/ as vitórias mudam de rota/ e a derrota vem de atropelo./ E não se trata de uma derrota qualquer./ É derrota de lavada, de dez a zero./ É a privação do vôo/ o estreitamento das coronárias/ o ídolo que engordou demais/ e tudo desdiz o que antes afirmara;/ um amigo que se vai/ porque morreu, porque desuniu/, pela distância, porque está/ entretido demais com suas dores lombares/ suas estrelas de metástase, sua úlcera maior/ ou porque não acredita mais na assepsia/ de seus elevados propósitos./”.

Se metástase é qualquer coisa instável, entendemos que teremos, agora, um fechamento daquela linha do destino, aventada pelas impossibilidades e que expressam “a privação do vôo” E os demais cantos se incumbem de enumerar as situações privativas da alegria e a ocorrência de barreiras impedindo ou dificultando o processo de realização vital.

Assim: -Poema 2:

“São os filhos partindo/ um a um/ como os dentes que se rebelam/ até que o último levanta os arcos/ de seu mundo particular e autônomo/ em que você é recebido/ pelo lado de fora ou, quando muito/ de pé na ante sala de estar./ para seus filhos/ você não é mais herói/nem prestável como exemplo”

O Canto 3 continua a enumerar os desenganos de uma vida que se desgasta:

“Sua musculatura se converte/ em flácida gordura fora do lugar/  
seus ossos têm a consistência/ de uma cana de isopor/ os nervos à flor  
da pele (devastada flora) / e nas vísceras/ e só dor/ o que era antes pleno  
prazer./ “(...)” .

Os demais poemas: 4, 5, e 6, reforçam o tema central deste capítulo VIII, ou seja, a virada do destino. Enganos do carbono, ou impossibilidades decorrentes dele, ou desatinos do destino. Mencionemos os primeiros versos de cada um dos agora mencionados como amostragem,

Do poema 4 - “Aliás, você perdeu aquelas manhãs de abril/ com  
aquele azul de rima óbvia/ porque seus olhos turvos/ pelo velame das  
cataratas maduras/ (...)”

Do poema 5, mais um desengano, que é quando a companheira percebe o desgaste:

“Triste hora/essa em que a companheira/ olha pra você de revés/  
triste hora/ E exuma fatos consumados/ e pelo olhar lhe diz- quando  
não em palavras/ grita- que essas décadas e suposta cumplicidade/ não  
passam de um equívoco/ uma desdita/ uma aposta errada num pangaré  
perna-de-par/ e por pouco não lhe indaga/ se você continua pelo menos  
pagando em dia/ aquele bendito seguro de vida/ cujo sinistro nunca  
apura./”

Fecha-se este pequeno capítulo. Pequeno porque é a palavra que retrata esta realidade voltada para a riqueza material: pequena, medíocre, desgastante!...

O Capítulo IX: “Superstições e crenças”. Vamos reproduzi-lo, em alguns versos, de alguns poemas que estejam bem situados quanto à temática, ou seja, sabedoria do velho, supremacia do humanismo, sobre o poder material. Este final estimulante, quanto aos verdadeiros valores do ser humano, é a lição planejada pelo poeta no sentido de levantar o leitor, quanto a uma nova atitude existencial se for possível, claro. Então, o que vai ocorrer, é que o sarcasmo do poeta encontrará na maturidade e sabedoria do velho, o paliativo necessário. Vejamos

Epígrafe do referido capítulo: “Superstições e crenças”

“Prefiro escorregar nos becos lamacentos,/ redemoinhar aos  
ventos/ Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,/ A ir por aí... (De  
José Régio (1901- 1969) “Cântico Negro”

Poema 1:- “Não me venhas agora dizer/que nada disso mais importa/ que a memória (e o esquecimento) para a vida está morta./ Que há um prodigioso chip no mercado/ que se instalado de jeito/ vai botar no chinelo/ aquele velho cérebro/ desgastado e obsoleto.”

Poema 2: “Não me venhas agora dizer/ que o passado não importa mais/que a nova tecnologia poderá/ num futuro não distante/ reformular o passado inteiramente/ em termos muito mais nobres e elegantes/ que aquelas tardes de privações sem vitória/ que povoaram minha infância/ podem ser por um recall/ ou numa operação de upgrade/ trocadas por lembranças/ de fartura e glória.”

Poema 4: “Não me venhas agora dizer/ que Deus não está vivo/ nem morto, mas anestesiado/ que estamos vivendo o fim da história/ (...)”

Poema 7: “Não me venha dizer agora/ que o odor dos jasmims de maio/ poderá ser recriado por um software específico/e que se a firma estiver bem/ nos papéis de Wall Street/ poderemos simular o hálito das manhãs/ com uma química brutal/ de calcário dolomítico/ e solução de Furadan”.- E a sabedoria da velhice traz o peso certo para as vacilações da vida. - Poema VIII: “Não/ Não me venha dizer isso agora!/ Sou velho demais/ para cair/ nesse conto do vigário./

Poema 8. (...) “Não./ Definitivamente não creio/ nas superstições monetárias/ que elegeram o mercado como Deus/ e o marketing seu profeta./ Creio sim é no humano/ no humano ser/ não na sua loucura/ mas no seu fazer libertário.”/

### **Capítulo 10 : “Não é de hoje...”**

Epígrafe: “Porque o tempo da juventude havia voado,/ E cabelos cinza estavam sobre minha/ cabeça./- William Blake (1757-1827) “O anjo.”

Neste capítulo, temos uma aguda percepção do passar do tempo, reflexão sobre a vida e suas diferentes fases, o que nos leva a uma aguda situação de litígio: peso da realidade – o passar dos anos e suas conseqüências- versus a reação dos sentimentos- que se recusam a aceitar os desgastes.

Diz-nos o poema 1: “- Não é de hoje/ que o correio perdeu o remorso/ e nos entrega sem pudor aqueles panfletos/ infames alardeando eventos de engambelo/ à melhor idade.” “(...)”

Poema 2: “- Não é de hoje/ que nossas mãos/ vão ficando aduncas/ como se por um desvio/ fôssemos nos tornando descendentes/ de alguma espécie de ave de rapina.” “(...)”

Poema 3: -"Não é de hoje/ que as garotas das recepções/e dos caixas nos chamam de senhor/ e quando se irritam com nossa demora de ação/ ou de entendimento se referem a nós como/meu Tio/" "(...)".

Poema 4.- "Não é de hoje/ que o rock'n roll deixou de ser/ a voz das gerações e a trilha sonora de uma / época/ de sonhos sem limites./". (...):

Poema 5 - "Não é de hoje/ que desistimos de mudar/ o mundo com acordes de guitarra mal/ afinadas/e rasgados relinchos de jovens loucos/ ao romper da madrugada./". (...):

Poema 6: "(...) Não é de hoje/ que as normalistas do Sacré- Coeur/ se alvorçavam ao nos ver e nos chamavam de/pão/" "(...)".

Poema 7: "(...) " "Não é de hoje/ que a palavra *futuro* deixou/ de designar coisas grandiosas e possíveis/ apesar de distantes guardadas em papel azul/ nos cofres do porvir."

Poema 8. "E não é de hoje/ que nossos corações insistem/ em nos dizer que nada disso está acontecendo./" "(...)"; "Ah, meu Deus,/ não é de hoje que são iludidos/ nossos pobres corações !/ Não. Não é de hoje!"/.../

Observar o lamento poético do passar do tempo, alterando as visões da vida.

### **Capítulo XI: -"Certas Incertezas".**

Epígrafe: "Que farei quando tudo arde?" Francisco de Sá Miranda. (1481-1558) – Soneto.

Este é um capítulo de extrema e angustiante perspectiva quanto ao futuro. Reproduziremos apenas o primeiro e último poema dos oito que insistem na mesma tecla, ao se referirem aos diferentes estágios de nossa vida.

Poema 1 - "Que faremos /quando o sol/ da era que vem vindo/ derrete os gelos polares/e os circuitos/ impressos de nossos/ engenhos e caem por terra/ a pátria do urso branco/ e as pontes que nos davam acesso/ a mundos virtuais ou paralelos?! A propósito/ para onde irão os mundos/ paralelos e virtuais/ quando o mundo real se reduz/ a seus primitivos elementos?/"

O Número 3 parece muito significativo e percuciente quanto ao que restará de nossa luta, mas tudo se reduz ao essencial, expresso no poema 8.

Ei-lo: "- Numa hora assim/ de que valerão/ minha certidão de nascimento/ meu batistério amarelado/ minha carteira da Ordem/meu

diploma/de honra ao mérito/ minha placa de bons/ serviços prestados, minha medalha/ de comendador/ e os velhos retratos de família/que guardo no fundo do cofre/como se fossem ações/ do Banco do Brasil?/ -Francamente/ numa hora assim/ de que valerão/ estes versos que escrevo?”.

Capítulo XII. “Salmo da primavera.”

Epígrafe:- “Guia-me mansamente a águas tranqüilas” (Davi (sec XI AC.-) SL23

-Nesse capítulo, sopra, como uma grande metáfora do reviver., a chegada da primavera com o vento da esperança, como um renascer da vida. -Vejam:

-Poema 1: - “Eu te saúdo, primavera,/ como um ser de encantamentos/ e mistérios, que vem trazendo/ na bagagem o refrigério de um dia claro/ sem as fumaças de agosto/ sem este mormaço sufocante/ que nos deixa em letargia/ a tal ponto de nem sabermos/ se vivos ou mortos estamos/. : “Eu te saúdo, primavera,/ feito a mão amiga que embrulha/ o toldo nefasto e nos devolve/ a visão das estrelas, que nos repõe/ a umidade do fôlego, que nos restaura/ a plena vontade de viver/ já um tanto exaurida/ pela sequidão inclemente.”/

Nos demais poemas, de números 2, 3, 4, 5, 6 e 7, “derrama-se” pelo canto todo, a filosofia desta estação “Primavera” refletindo sobre os percalços diversos do “Viver”, e a experiência positiva que eles podem representar.

Entre eles, sobressai, a meu ver, pela sensibilidade que demonstra, o poema de número 5 : “- Eu te saúdo, primavera,/ como a sonoridade límpida/ da música plena, pelo cantochão / sem oscilações de notas, que vem/ das cigarras ao cair da tarde até o anoitecer/ pelo concerto de percussão dos sapos/ no charco palpitante de vida , pelo violino/ das ervas do vento ao amanhecer.” “(...)”.

E, concluindo, no poema 7, o poeta exalta, derramando pelo último “canto da primavera”, aspectos promissores desta “leitura existencial,”

- E a maturidade, o que é, senão o resultado desta “alfabetização”, trazida a cargo da prática da poética, da filosofia e das possibilidades de entender as vacilações, os desvios de uma rota, que a visão moderna do carbono 14 ou -o defeito da cópia- pode provocar na realidade da natureza.

Capítulo XIII. “O Voo da rainha” (11.02.09). . Epígrafe: “When you’re weary, feeling small/ When tears are in your eyes/ I will dry them all/ I’m on your side .” (Paul Simon & Art Garfunkel - “Bridge over troubled water.”)

Trarei os primeiros versos, dos nove poemas, os mais significativos para o canto dos marcos de uma vida soberana ou vencedora- por isso, designada de rainha, -isto é de quem enfrentou, fortalecida pelos sentimentos, sobretudo o amor, nas trilhas do arco-iris, as trilhas existenciais.

Poema 1: “Vai, rainha,/ cruza os caminhos/ circulares de tua infância, /atravessa o rio da aldeia pela ponte de pedra/ sobre as águas turbulentas. Se não tiveres/ o sofrimento de alcançar a ponte,/ podes atravessar a nado o poço do remanso/ e buscar os horizontes imponderáveis.”(...).

Poema 3: “Vai, rainha,/ busca teu horizonte maior./ Vai pegar carona/ em tua carruagem nas trilhas do arco-íris/ pegar a lua de prata,/ obter o tão almejado verniz de luz,/adentrar o teu éden sonhado/ fruir as maravilhas do sétimo céu/ que se esconde nos outeiros para além/ da visão embaçada dos comuns mortais./(...).

E, no último – isto é, no poema 9- finalmente, o poeta enfoca a verdadeira força da vida- o amor- desviando-se do pessimismo de Schopenhauer,-e alcançando o objetivo maior, viver plenamente, sendo denominada rainha a possuidora desta riqueza, “(...)”. “Serei tua praia/ tua felicidade verdadeira, rainha,/ que buscaste no mundo todo,/ mas que estava bem ali/ no mais íntimo de teu coração./”

Então no último capítulo , o XIV do livro “Enganos do carbono”, capítulo designado como “O Lápis e os dias”, a teoria do carbono “derramado” nos 14 capítulos, fica evidente.

Epígrafes:-I- “Toda polegada cúbica de espaço é um milagre”  
(Walt Whitman (1819- 1892).

-II:- “Tudo, aliás, é a ponta de um mistério./

Inclusive os fatos./

Ou a ausência deles. Duvida?/

Quando nada acontece/

Há um milagre que não estamos vendo./” Guimarães Rosa (1908-1967).”

-Neste último capítulo, no poema 1, a última estrofe: “revive passado/ passando pela gare do presente/em direção ao futuro/que se apresenta infinito/ ao nosso precário entendimento.”

Aproveitando só as estrofes nas quais se torna mais evidente a temática da vida, em que o poeta com grande argúcia destrincha para nós os obstáculos que se desenham, nesta instável sucessão de dias, ainda que eles pareçam os mesmos, vejamos a terceira estrofe do poema ou canto 3,-“(...) Assim como os dias são o mesmo/ cada homem é o mesmo/ alterado apenas/ por defeitos de cópia/ pelas circunstâncias laterais./”

E, no poema 4, deste último capítulo, concretiza-se a metáfora que incorpora nossa fragilidade quanto ao tempo. “O lápis e os dias...”

Aqui, o poeta evidencia a sua mensagem, na oposição lápis e dias: “Nós somos que nem um lápis/ e os dias um canivete/ que vai dilapidando/a nossa carne vegetal/ - É uma lasquinha por dia para evidenciar/ nossa ponta de carvão/para que possamos cumprir/nossa missão utilitária/escrever nossa história/ nas páginas que nós supomos ser.” (...).”

No penúltimo poema deste capítulo, poema 5 , com descrença resume:

“Finalmente só resta de nós o toco de lápis/ impróprio para o manuseio/ inadequado para a escrita/”. “(...) -O toco de lápis é o defunto que seremos./” “(...).”

A conclusão, desta filosofia pessimista de vida, amarga pela fragilidade de uma coisa a que damos todo o valor, se resume no canto 6 o último, deste capítulo final,o XIV.

“E cada mínima coisa é o todo./ Um grão de arroz é todo o cacho/ que é todo o arrozal/ um grão de poeira é a estrela/ que é toda a galáxia/ que é todo o universo/”

Admire-se a sensibilidade, a competência, e certa “amargura” deste poeta Edival Lourenço, que percorrendo um caminho problemático, ressaltado nas suas situações agudas da vida, para o bem e para o mal, sacode o leitor, uma vez que chega à constatação, da relatividade de nossa culpa:

“(...)” E tudo que há/ de bom e de ruim/ segundo nosso parco juízo/ é da natureza de Deus. Inclusive/ a minha descrença/ o meu

pessimismo/ a minha carência de fé congênita/ não passam de uma nesga/ de um mínimo recorte/ da natureza diversificada e una do Deus/ que nem sei se acredito./”

Assim, o final resume toda esta possível diversidade entre original e cópia, entre efeitos negativos do carbono sobre a chama da vida, entre as forças desintegradoras desta “unidade” bipartida: corpo e espírito. O ser humano.

Goiânia, 31/10/2013



## Literatura regionalista em Goiás

### Destaque para Hugo de Carvalho Ramos

Hélio Moreira<sup>1</sup>

Em 1904, na então Vila Boa, hoje Cidade de Goiás, sob os influxos da criação da Academia Brasileira de Letras oito anos antes foi fundada a Academia de Letras de Goiás, no salão de festas do Palácio Conde dos Arcos, com a presença do então governador do Estado, José Xavier de Almeida; tomaram posse nesta solenidade doze acadêmicos fundadores, e, na mesma tarde é, também, escolhida a sua primeira Diretoria, sendo indicada para presidir a novel instituição a senhorita Eurídice Natal, então com 19 anos de idade.

Infelizmente esta Academia não teve vida longa, durou apenas quatro anos!

Com a fundação de Goiânia pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira e a transferência do governo da Cidade de Goiás, Goiânia passou a ser o motor intelectual do Estado; o advogado Colemar Natal e Silva teve a iniciativa, juntamente com outros intelectuais da época, de criar a Academia Goiana de Letras e no dia 19 de abril de 1939 fizeram, solenemente, a sua instalação.

Seu primeiro presidente foi o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, exercendo apenas honorificamente o cargo, e a administração do sodalício ficou a cargo do Vice-Presidente, Dr. Colemar Natal e Silva, que por coincidência, era filho de Euridice Natal, como vimos, uma das fundadoras e a primeira presidente da antiga Academia de Letras de Goiás.

Atualmente nosso sodalício, orgulho da cultura e, principalmente, da literatura goiana, conta, como todas as academias, com 40 cadeiras, cada uma delas com seu patrono; a produção literária dos nossos confrades tem sido muito importante, haja vista que somente no ano

---

<sup>1</sup> Médico, escritor e sócio titular do IHGG (cadeira nº 19).

de 2010 foram lançados pelos diversos acadêmicos mais de vinte livros, alguns deles com enfoques na temática da literatura regionalista.

Antes de discutirmos a participação dos escritores goianos envolvidos com a literatura regional, acho interessante fazermos uma pequena incursão nos meandros da literatura brasileira para podermos situar o tema adequadamente.

A Semana da Arte Moderna, acontecimento cultural ocorrido em São Paulo no ano de 1922, foi o grande divisor de águas da nossa literatura, até então ditada pela influência européia do Romantismo; o modernismo propiciou o aparecimento de diferentes correntes literárias, dentre elas e de maneira relevante, o chamado Regionalismo.

Se aquele acontecimento cultural deu voz a uma minoria inconformada com os rumos das artes e principalmente da literatura brasileira, um movimento político, a proclamação da República, avivou as raízes da literatura regional, como afirma Alfredo Bosi no seu livro “História da Literatura Brasileira” - “O advento da república, propiciou a consolidação das culturas regionais, pois, a mesma foi, na sua face mais equilibrada, uma construção de fazendeiros e bacharéis das províncias em ascensão, o que deu uma consistência ideológica a grupos locais e acabou envolvendo certa práxis literária que se propunha a reproduzir as realidades mais próximas do escritor. Os contos inseridos em “Tropas e Boiadas” do escritor Hugo de Carvalho Ramos revelam plena aderência aos mais variados aspectos da natureza e da vida social goiana que desponta vigorosa em toda parte”.

O Regionalismo seria a visão nacionalista da literatura brasileira, segundo diz Nelson Werneck Sodré, pois o escritor busca elementos na fala do homem simples do sertão, revivendo palavras, expressões e, principalmente, elementos do folclore; com esta linguagem ele exterioriza emoções dos personagens dos seus contos, de maneira simples, fugindo da escrita rebuscada, transferindo para as páginas dos livros a linguagem falada pelo povo da região.

Podemos afirmar, juntos com Nely Alves de Almeida, que o regionalismo é uma das mais importantes células vivas do modernismo que, como dissemos, proporcionou a possibilidade de adquirirmos nossa individualidade literária; o escritor regionalista, ao divulgar um estilo e escrita diferentes, facilita a comunicação com o leitor, ele busca a fala simples do povo e a transporta para os livros, revive palavras, expressões e locuções.

A língua é dinâmica, a fonética, léxica e a morfologia e até a semântica modificam com o tempo, muitas destas mudanças, ditadas

pelo homem comum das ruas, dos ermos gerais, nem sempre vamos encontrar nos meios eruditos.

A literatura regional recria a língua, tornando-a mais elástica e interessante, pois é a voz do sertão, das caatingas, das planícies do sul do Brasil, onde o homem, muitas vezes, se sente desprotegido e a solidão leva-o a gritar de insatisfação; para a ex-confreira da Academia Goiana de Letras, escritora Nelly Alves de Almeida “nenhuma literatura reflete melhor a alma, a consciência, a filosofia do povo que a regionalista; espontânea, natural, revela toda a beleza, toda a pureza da alma simples”.

Os preconceitos, as credences, os costumes que povoam o mundo rural do sertanejo são encontrados a cada passo nestes textos; o caipira, com aparente estupidez, esconde sua astúcia no silêncio com que ouve o monólogo do “letrado”.

Há que se fazer uma diferenciação entre o Sertanismo e o Regionalismo; o primeiro, surgido com o modernismo, seria um esboço do que viria a ser o segundo, porém, ainda com o verniz do romantismo que estava fadado a perder sua influência na medida em que o Regionalismo se impunha como movimento autônomo, uma vez que retrata com maior fidelidade o ambiente que pretende descrever; no entanto é interessante lembrar que os primeiros Regionalistas, antes da sua auto-afirmação, deixaram-se influenciar pelo Sertanismo, em virtude da inspiração romântica daquele movimento.

Segundo Otto Maria Carpeaux, o precursor da literatura Regionalista seria o mineiro Affonso Arinos de Mello Franco que publicou em 1898 o livro “Pelo Sertão”, cuja prosa simples, isenta de excessos que a fala regionalista às vezes apresenta, sem as deformações de linguagem matuta, sem a falsidade dos excessos; depois, continua ensinando Carpeaux, Hugo de Carvalho Ramos com o livro “Tropas e Boiadas” (1917) e Monteiro Lobato “Urupês” (1918), principalmente pelo tipo que ele criou, o Jeca Tatu, onde se revela a dura realidade do homem do campo.

O regionalismo em Goiás, com as mesmas características do regionalismo nacional, como vimos, tem como pioneiro Hugo de Carvalho Ramos, depois Pedro Gomes - “Na cidade e na roça” (1924), Bernardo Elis - “Ermos Gerais” (1944), Eli Brasiense - “Pium” (1949) Léo Godoy Otero - “Gente de Rancho” (1956) e “Caminhos de boiadas”

(1958) Bariani Ortencio – “O que foi pelo Sertão” (1956) e “O Sertão, o rio, a terra” (1959), J. J. Veiga – “Cavalinhos de Platiplanto” (1959)

Tendo em vista a extensão bibliográfica que citamos, diga-se de passagem que não está completa, constituída por nomes exponenciais da literatura goiana, portanto, dignos de merecerem capítulos à parte, achamos prudente, até para não cansar o auditório, discutir apenas o nosso pioneiro Hugo de Carvalho Ramos, que embora vivendo longe de Goiás grande parte da sua vida, conservou da terra a visão das paisagens e principalmente do homem do sertão, retratando-os em seus contos admiráveis.

## HUGO DE CARVALHO RAMOS

É o patrono da cadeira 14 da Academia Goiana de Letras, cujo primeiro ocupante foi justamente seu irmão, o escritor e jornalista Victor de Carvalho Ramos.

Hugo de Carvalho Ramos nasceu na antiga e lendária Vila Boa de Goiás, hoje Cidade de Goiás, no dia 25 de maio de 1895 em uma casa situada no Largo do Chafariz.

Seu pai, Manoel Lopes de Carvalho Ramos era poeta e sua mãe era a Sra. Mariana Fenelon Ramos; frequentou o Liceu Goiano na antiga capital e após o término do curso, mudou-se, em 1916, para o Rio de Janeiro, onde ingressou na Faculdade de Direito; quando cursava o último ano do Curso, em 1921, cometeu suicídio, enforcando-se com a corda que prendia sua rede de dormir, segundo informação do seu irmão Victor de Carvalho Ramos.

Antes deste acontecimento fatal (1920) Hugo estava passando por grande dificuldade existencial, com grave quadro de depressão, quando então viajou para o interior de Minas Gerais e São Paulo; voltou para o Rio de Janeiro com o quadro psiquiátrico ainda mais agravado, que levou-o ao ato trespoucado.

Desde muito jovem já se dedicava à literatura, escrevendo em prosa e verso alguns de seus contos mais conhecidos quando estava com idade entre 15 e 16 anos e em 1917 publicou, no Rio de Janeiro, seu único livro – Tropas e Boiadas – composto de contos de inspiração sertaneja, com grande repercussão favorável da crítica nacional.

Ouçamos o que diz Gilberto Mendonça Teles, nosso conterrâneo

e respeitado crítico literário, provavelmente um dos maiores estudiosos da obra Carvaliana, “Seu estilo é exuberante e conciso, pois aparecem, frequentemente, ao longo dos seus contos como se o autor se esforçasse por adequar a expressão do seu pensamento aos diferentes aspectos da realidade, valendo-se para isto da técnica impressionista, utilizando-se, com parcimônia, de alguns modismos e algumas tendências das falas regionais”.

Penso e estou em boa companhia ao dizer que Hugo de Carvalho Ramos ainda é o expoente máximo desta vertente literária, não só em Goiás como no Brasil, sua literatura deixou-se contaminar pela beleza da nossa terra, pelos temas criados pela sua imaginação e facilitados pela exuberância da nossa paisagem sertaneja; ele descreveu, ou melhor, como se fora um pintor, ele pintou nossos ermos e gerais com pincéis que espargiam tintas multicoloridas, retratou o homem do sertão com indulgência, transcrevendo com carinho seus diálogos, seus arrufos e, principalmente, entendendo sua pouca cultura, não expondo ao deboche suas idiossincrasias e suas crendices.

Há quem diga que Hugo de Carvalho Ramos sofreu influência estilística de Euclides da Cunha (Os Sertões) e da obra de Coelho Neto de quem era grande admirador; acho compreensível este tributo, tendo em vista a sua idade ao produzir a maioria dos seus textos, como vimos, alguns deles, em plena adolescência; realmente, ao se ler estes dois consagrados autores, podemos observar contatos literários, senão vejamos, repetindo a observação de Nelly Alves de Almeida:

“Libélulas giro-giravam com brilho vítreo” (Coelho Neto); “Abriu os olhos, meio cerrados, pisca-piscando” (Hugo de Carvalho Ramos) ou “E gingava viro-virava, a alisar os braços másculos, como desafio” (Coelho Neto);- “Ele batia, pois, estas estradas e cafusas...e tanto viramexeu que uma noite...” (Hugo de Carvalho Ramos).

O diferencial, em meu ponto de vista, é que Hugo de Carvalho Ramos tinha absoluta consciência do papel da sua literatura denunciativa da condição do homem oprimido do sertão por uma sociedade agrária conservadora; prova disto é a carta que escreveu ao amigo Leônidas de Loiola em 24.11.1919:

“... Fui informado da sua bem elaborada e digna defesa do nosso sertanejo ... Senti, porém, em boa hora, que todos nós, moços da nova geração, devíamos cooperar, evitando escola e modismos inadequados

ao nosso meio e o mais prático veículo será ainda, por muito tempo, a fórmula regional, em seu sentido lato ...”

E ele fez isto, com rasgos de genialidade literária, passando para o papel o ambiente rural sem cair na pieguice, escreveu para o encantamento auditivo, registrou termos e hábitos do nosso sertão sem cair na tentação do exagero do erro verbal e da concordância, tão comum na prosa dos nossos caboclos; ele consegue a façanha desejada por todos nós que fazemos incursões neste tipo de literatura: coloca palavras literalmente corretas na boca dos seus personagens, passando ao leitor a idéia de que aquele está cometendo os erros de linguagem que estamos acostumados a ouvir quando deles nos aproximamos.

O escritor que se aventura na literatura regionalista tem obrigações com o seu leitor, precisa, com sua obra, transmitir cultura, para que esta possa, realmente, ser proveitosa no sentido do seu aprimoramento intelectual o que não quer dizer que se deva reproduzir o diálogo entre dois viventes dos sertões, com linguagem muito correta, na forma castiça, arredondando as frases, pois, seria fugir da realidade, o difícil é achar o meio termo.

Encontrar elementos da fala simples do povo, salvando expressões que não são mais repetidas no meio citadino, substituir a frase polida por outra sem rebuços, porém, falando a língua que é ditada pelo homem no seu meio.

Ouçam comigo este belo trecho de uma carta que Hugo inseriu em “Tropas e Boiadas”, com o título de “Nostalgias”, escrito longe dos seus familiares, transbordando de saudades da sua vida de antes:

“Já que vais brevemente à Chapada, vê se ainda se encontra legivelmente o meu nome num tronco novo de jenipapeiro que fica junto à casa do teu agregado (se é que ainda o mantém), próximo a umas goiabeiras, e aí talhado por mim na última vez que lá estive”.

Em “Dias de Chuva”, aliás o último texto colocado no livro “Tropas e Boiadas” ele quase que chora de saudades da sua terra natal; ouçam comigo, provavelmente muitos dos senhores e senhoras montarão no cavalo Dourado e caminharão junto com Hugo rumo ao Sítio:

“Vejo, através duma tela úmida as paisagens distantes de meu torrão natal, e afaz-me a que ando viajando, como antigamente, por esses sertões ... Anos lá se vão, cavalgava eu por estas estradas ermas da minha terra remota, um macho de “aluguer”, ou o lépido alazão

Dourado, em férias, rumo ao Sítio ... E, no silêncio eterno da minha solidão, prosseguia, sob o pala, ruminando saudades. Ah! Viagens e passeios antigos, sob a chuva ou a canícula, nos pagos da minha terra! Quão longe e distantes sois!”

Sei que é quase impossível, neste curto espaço de tempo, até porque seria muito cansativo para o auditório, conversarmos aqui sobre toda a obra de Hugo de Carvalho Ramos e entrarmos em mais detalhes sobre a sua vida, porém, gostaria, para finalizar este nosso encontro, dizer-lhes algumas palavras sobre uma das facetas da sua vida literária que muito me empolgam: O ritmo e a sonoridade da sua escrita, ouçam comigo este trecho de “Pelo Caiapó Velho” e tentem, se puderem, ficar indiferentes ao diálogo dos dois cavaleiros:

“Noite escura e má, patrãozinho. Trovoada e relâmpago eram que nem ronqueira e foguete de São João, patrãozinho – e o sertanejo cuspiu forte para ambas as bandas da estrada – das bochechas e beiços arregaçados num vermelhão, corria visguenta e fétida por entre uns tocos de dentes amarelos – patrãozinho – uma baba de empestado ... Os dedos da mão, não os havia...”

Cena semelhante a esta, escrita com tamanha perspicácia, vimos em “Inocência” obra escrita por Visconde de Taunay em 1872, com a diferença que Inocência era jovem e bela e a personagem descrita por Hugo era, como vimos, uma velha, porém, as duas eram portadoras de Doença de Hansen.

A descrição leva o leitor a se colocar no lugar do personagem e VER a noite escura, OUVIR o barulho do relâmpago e SENTIR asco de lembrar da comida que ele comeu no dia anterior.

Preciso falar mais?

Leiam, por favor “Tropas e Boiadas” e depois concordarão comigo, Hugo de Carvalho Ramos, com este seu único livro, embora tenha vivido tão pouco (26 anos) deixou uma obra que orgulha nossa goianidade e por que não dizer, nossa literatura regional.

(Palestra proferida em Palmas – Semana Cultural da Secretaria de Cultura do Estado do Tocantins – 31.7.2011)



## Goiânia: mitos e realidade<sup>1</sup>

*Lena Castello Branco Ferreira de Freitas<sup>2</sup>*

Goiânia chega aos 80 anos; o momento é oportuno para avaliá-la e repensá-la em sua curta trajetória. É a segunda entre as capitais mais novas do país, excedendo-a em juventude somente Palmas (1989). Ambas trazem a marca do planejamento urbano que remonta à Antiguidade, como arte e ciência que objetivam tornar viáveis condições ideais de vida para todos. A cidade é um artefato que materializa sonhos: sonhos de bem viver e de bem conviver, com a proximidade dos semelhantes e as trocas que ocorrem no comércio, no trabalho, no lazer, na permuta de informações e emoções compartilhadas.

Ao longo da História, a diferentes contextos correspondem modelos de urbanismo que traduzem idéias e conceitos normatizadores das sociedades. Na primeira metade do século XX, seguindo o exemplo das metrópoles européias e norte-americanas, importantes intervenções foram feitas em capitais e cidades brasileiras de maior porte; em linhas gerais, caracterizavam-se por sua natureza retificadora, visando a corrigir ou atenuar problemas urbanos, mantendo-se, contudo, a estrutura já implantada.

Sem nenhum aglomerado urbano que o antecedesse ou fundamentasse, o projeto piloto de Goiânia, nascido na prancheta do arquiteto, associa elementos das escolas clássica e monumental; em um segundo momento, inspira-se também nas “cidades-jardins” inglesas e norte-americanas.

A construção da nova capital goiana objetivava tornar realidade a decisão do interventor federal, Pedro Ludovico Teixeira, de fundar uma

---

1 Texto apresentado em 10.10.2013, durante o “Simpósio: 80 anos de Goiânia”, promovido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

2 Sócia Emérita e Diretora da Revista do IHGG. Doutora em História e Professora Titular aposentada da UFG. Cidadã Vilaboense e Cidadã Goianiense.

cidade moderna que, além de sede administrativa, fosse pólo irradiador de desenvolvimento e progresso para o estado. Como médico, Pedro Ludovico diagnosticava os males que - segundo acreditava - afetavam a antiga capital de Goiás: distância, isolamento, clima inóspito, topografia inadequada e falta de equipamentos urbanos mínimos, além da arquitetura antiquada e anti-higiênica de suas casas. Na campanha “mudancista”, deflagrada no início da década de 1930, insistia-se na insalubridade da Cidade de Goiás, atribuída a precárias condições de higiene pública, decorrente da falta de água tratada, rede de esgotos e coleta regular de lixo. A tais mazelas, acrescentava-se a precariedade da assistência médico-hospitalar.

A construção de uma nova capital era proposta como solução para antigos problemas que entravavam o desenvolvimento do estado. À utopia da cidade moderna, como indutora do progresso, somava-se a utopia da cidade como lócus privilegiado da saúde e do bem estar de seus habitantes.

Divulgado maciçamente, o apelo à modernidade escondia motivações subjacentes, não formuladas, que talvez o precedessem: fazia-se necessário mudar a sede do poder e da política, como estratégia da afirmação das novas lideranças que tinham surgido com a Revolução de 1930, às quais não interessava a visibilidade e o prestígio que mantinham os políticos da situação decaída na Cidade de Goiás.

O discurso da modernidade sugere “aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação das coisas em redor” – conforme lembra Berman, que, entretanto, faz a ressalva: “ [A modernidade] ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”.

Assim, o preço a pagar pelo desenvolvimento e ingresso na modernidade seria abandonar a antiga Vila Boa e construir uma cidade moderna, limpa, higiênica e progressista, articulada com as regiões mais desenvolvidas do país, através da estrada de ferro que estacionara em Leopoldo de Bulhões. E mais: seria impraticável retificar ou modernizar a velha Cidade de Goiás – inclusive do ponto de vista das práticas políticas centradas em oligarquias que se perenizavam no poder.

Na visão utópica da nova cidade que se pretendia construir, as ruas seriam largas e pavimentadas, as habitações arejadas e modernas, em tudo diferentes do ultrapassado modelo colonial. Em cada casa, em cada ponto comercial, indústria ou repartição pública haveria energia

elétrica, água tratada e saneamento básico. A capital deveria possibilitar a arrancada do estado de Goiás para um futuro promissor.

Como providência primeira para a realização de tais sonhos, o Interventor Pedro Ludovico buscou articular-se com profissionais de vanguarda no urbanismo brasileiro. Para tal fim, valeu-se de um conterrâneo que, no Rio de Janeiro – então capital da República – iria introduzi-lo nesse meio: o engenheiro do Distrito Federal, Benedito Netto de Velasco, irmão de Domingos Netto de Velasco, revolucionário de primeira hora em 1930. Foi por ele levado a Armando Augusto de Godoy, membro do grupo que trabalhara com o renomado urbanista francês, Alfred Agache, na elaboração do plano urbanístico do Rio de Janeiro. Finalmente, este o apresentou a Attilio Corrêa Lima, jovem arquiteto que, premiado com medalha de ouro do governo brasileiro, recentemente concluíra o curso de urbanismo no prestigioso Institut d'Urbanisme de l'Université de Paris (IUUP).

Convidado a elaborar o plano diretor da nova capital de Goiás, Attilio Corrêa Lima veio conhecer o sítio aonde se cogitava erguer a nova cidade – uma campina deserta, de suaves ondulações, próxima a Campininha das Flores. Deve ter soado desafiador ao jovem arquiteto sentir-se como um demiurgo: a partir de suas idéias e opções estéticas, criar do nada uma capital e, mais do que isso, concebê-la como indutora do progresso de uma vasta região, até então quase selvagem e desconhecida.

O decreto 3.547, de 6 de julho de 1933 - editado quatro meses depois da conclusão dos trabalhos da Comissão de localização da nova cidade - encarrega Attilio Corrêa Lima do “estabelecimento do projeto da futura capital do estado”, e define com minúcias suas características. Ao que parece, o urbanista e o interventor tinham chegado a idéias consensuais quanto à configuração geral da cidade. O projeto deveria prever que esta alcançaria “uma população de 50.000 habitantes”. Foram privilegiadas as “áreas de recreio” – ainda não se empregava a palavra “lazer”. Parques, jardins, praças para esportes são reiteradamente referidos, mas nada se diz sobre igrejas, universidades, bibliotecas, teatros, hospitais e cemitérios.

No Plano Diretor da cidade – concluído por Attilio Corêa Lima em 10 de janeiro de 1935 - destacam-se as preocupações com a salubridade da cidade, a saber: preservação dos cursos de água, com prescrições

relativas ao abastecimento; definição do sistema de esgotos; sugestões sobre a coleta e tratamento de lixo; preocupação com a necessidade de “iluminação, insolação, boa distribuição interna e aspecto agradável” das moradias, sendo fixada a metragem mínima de 360 m<sup>2</sup> para os lotes de terrenos residenciais.

No campo das práticas políticas, foi inserido no Plano Diretor um “projeto de organização administrativa”. Nas palavras do urbanista “Foi nossa intenção criar um sistema ideal [de administração] típico, *livre de influências políticas* (grifamos)”. Com esse objetivo, previa-se um sistema administrativo simples, a fim de evitar “o mandonismo, doença peculiar a nós brasileiros”. Sem dúvida, parece ingênuo que Attilio Corrêa Lima tenha sonhado em afastar de Goiânia o que denomina “doença do mandonismo”, no contexto histórico autoritário em que a cidade seria construída.

De fato: Goiânia foi idealizada e teve sua construção iniciada na vigência do regime de exceção instaurado após a Revolução de 1930, estendendo-se até 1934; depois de breve interregno constitucional (1934-1937), seguiu-se o Estado Novo que, inspirado nos regimes totalitários predominantes na Europa, prolongou-se até 1945.

A concepção urbanística da nova capital de Goiás tem o suporte das idéias políticas vigentes, conforme observa Anamaria Diniz, em dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (DINIZ, 2006). Assim é que – conforme ressalta a autora - o primeiro esboço do Plano Diretor de Goiânia tem por base um triângulo equilátero, desenhado a partir dos córregos Botafogo e Capim Puba, e cortado pela estrada de rodagem que ligava Campinas a Leopoldo de Bulhões (Idem). No centro do triângulo – símbolo da divindade - fica o palácio do governo, melhor dizendo, o palácio do “princeps”, na acepção romana que associa o governante aos deuses.

Em Goiânia, contudo, na área demarcada pelo triângulo, não se prevê nenhum local de culto: a inspiração é totalmente leiga e valoriza o poder do Estado e de seu agente maior, o dirigente/governante que constrói e governará na cidade. A partir dessa idéia inicial, foram projetadas as convergentes avenidas Tocantins, Araguaia e Anhanguera, formando o traçado que o misticismo popular viria a interpretar como sendo o manto de Nossa Senhora a proteger a cidade.

De outra parte, observe-se a monumentalidade da Avenida Pedro Ludovico (depois Goiás): com dois quilômetros de extensão, ela tem na extremidade Sul o palácio do governo e, na extremidade Norte, a estação ferroviária. Larga, imponente, arborizada e ajardinada, essa avenida proporcionaria aos que aportassem à cidade pela estrada de ferro a visão imediata – e um tanto distanciada – da sede do poder (DINIZ, idem). Dessa forma, far-se-ia a inserção dos que chegassem ao clima político, bem como aos planos e projetos dos governantes.

No planejamento da cidade, não é cogitada a questão social e habitacional dos operários e imigrantes que afluem e instalam-se, inicialmente às margens do córrego Botafogo, em condições penosas. Não são – nem serão – partícipes da cidade moderna e saudável que irão construir. Acampados em ranchos e barracas de barro e folhas de palmeira, eles darão início às chamadas “invasões”, versão goianiense das favelas. Alojamo-se o mais perto possível dos locais de trabalho, em áreas aonde seja fácil o acesso à água. As condições de higiene são precárias e os esgotos correm a céu aberto.

O número de “invasões” se multiplicará de forma exponencial e irá engordar as estatísticas de crescimento demográfico da cidade, além de quaisquer expectativas. Não demorará muito para que imigrantes “invadam” as cabeceiras de córregos, ocupando áreas que seriam de preservação ambiental. Ao lado da cidade planejada, irá crescer a cidade informal, tentacular, que se abastece no êxodo rural e em políticas públicas paternalistas e imediatistas.

Em desconfortáveis casas de madeira alojam-se inicialmente as autoridades, os administradores e os construtores da cidade; o próprio Attilio Corrêa Lima traz a esposa, D. Olga, e o filho pequeno para morar no canteiro de obras (DINIZ, idem). Os anos iniciais têm cores épicas de uma saga de pioneiros, mas desde cedo é possível identificar-se a desigualdade como sinal distintivo da sociedade que ali se plasma.

A cidade que surge prima por uma singela estética modernista, em contraposição à arquitetura vernacular da Cidade de Goiás. Os prédios públicos têm a marca do *art déco*, no traço e nos materiais empregados. Estes inexistem em Goiás e é preciso trazê-los de longa distância, o que os encarece – pelo que são motivo de controvérsias entre os administradores, sob a premência da falta de recursos. Assim acontece, por exemplo, com os vitrais, as cerâmicas, os azulejos. Os operários

locais não sabem trabalhar com eles; a mão de obra qualificada virá de São Paulo, de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro.

São tempos de pioneirismo e de experiências compartilhadas ao sabor da improvisação e da aventura. A maior parte da população é composta de jovens – e, como tal, associam suas próprias esperanças e sonhos ao crescimento da cidade que nasce. Impulsionada pela propaganda governamental – que é a alma dos regimes fortes, como o Estado Novo - forja-se a mística de modernidade e progresso em Goiânia, que é em parte contestada pelos registros de alguns visitantes ilustres.

Em meados de 1937, o antropólogo francês Claude Levi-Strauss – vinculado à Universidade de São Paulo - hospedou-se no recém-inaugurado Grande Hotel, o máximo de conforto que Goiânia oferecia. Era época de seca e ele estranhou a terra desolada, a solidão dos caminhos que se abriam na paisagem árida; pôs em dúvida a capacidade de a jovem cidade afirmar-se e escreveu com pessimismo: “Numa terra esfolada e calcinante [...] esperava-se que os homens medrassem” (DINIZ, idem).

Em data aproximada – mas com peculiar espírito crítico - o escritor paulista Monteiro Lobato também deixou registradas em versinhos jocosos suas impressões: *Goiânia, cidade linda / Que nos encanta e seduz / De dia não tem água/ De noite não tem luz.*

Eram tempos difíceis de muito trabalho e pouco conforto. Em 1942, quando foi inaugurada com festividades que receberam o nome de “batismo cultural”, Goiânia contava 3.479 habitações (SABINO JR, 1980, p.147), ou seja, cerca de 18.000 habitantes – quase o dobro da população alcançada pela Cidade de Goiás, em mais de dois séculos de existência.

Ainda se está muito distante da utopia da cidade saudável: o fornecimento de água tratada estava restrito ao Palácio do Governo, algumas poucas edificações oficiais e casas de funcionários; os demais edifícios e moradias utilizavam poços nos quintais, onde fossas bacteriológicas supriam a falta de esgotos, com risco de contaminação do lençol freático. A rede de esgotos seria inaugurada em 1948; limitada às ruas centrais, atendia a parcela reduzida da população. O lixo era jogado nos lotes baldios ou recolhido precariamente por carroças; aos poucos a Prefeitura aparelhou-se para a coleta. Entretanto, não foi adotada a sugestão do Plano Diretor, no sentido de ser tratado e

utilizado como adubo; parte dele e dos esgotos era (ainda é) lançada nos leitos dos córregos e ribeirões que intercorrem a cidade.

Vim morar em Goiânia em agosto de 1949. No ano seguinte, a cidade alcançou 53.389 habitantes (IBGE) – ou seja, ultrapassou os 50.000 previstos no seu Plano Diretor. Inaugurada há 13 anos, era a Cidade Brotinho, a capital das bicicletas. Por essa época, repórteres da revista *A Cigarra* – dos Diários Associados – publicaram uma reportagem sobre a nova capital de Goiás intitulada: “Bicicletai, garotas! Bicicletai!” Para as fotos que ilustram o texto, jovens goianienses foram convidadas a posar no Balneário Lago das Rosas – que já não desfrutava do mesmo prestígio de quando fora inaugurado (1941): tinha poucos e mirrados canteiros de rosas e o trampolim era pouco utilizado, pois muitos afogamentos ocorreram no local. Ao lado, ficava uma pequena edificação conhecida como “castelinho”, onde funcionava uma boate que era frequentada por moças e rapazes da sociedade.

Há alguns anos, a cidade estava praticamente às escuras; a pouca energia elétrica disponível era racionada. Usavam-se geradores a óleo diesel e um motor de submarino, que foi instalado na Alameda Botafogo para amenizar a situação. Em 1955, seria inaugurada a Usina do Rochedo, que resolveu o problema por alguns anos.

Até a década de 1950, foi parcialmente respeitado o Plano Diretor de Goiânia, embora com acréscimos e modificações. Em linhas gerais, a cidade mantinha-se fiel à concepção original: setorização rigorosa, áreas e bairros residenciais preservados, predominância absoluta de habitações unifamiliares, relativa conservação das áreas verdes, arborização e ajardinamento do centro urbano. Os flamboyants floriam alegremente nas avenidas. As praças funcionavam como rotatórias; o trânsito era tranquilo, pois havia poucos veículos motorizados.

Em maio de 1950, chegaram a Goiânia os trilhos da Estrada de Ferro Goiás, o que veio a facilitar o intercâmbio com os centros urbanos do sudeste. A cidade, porém, continuava isolada do restante do país e até dos demais municípios goianos, pois as estradas de rodagem eram precárias, e a viagem de trem demorada e desconfortável. A ligação por via aérea começara em 1938, com o aeroporto no centro da cidade, no final da Avenida Tocantins. Era o meio de transporte favorito dos políticos e dos que podiam pagar. Os menos aquinhoados viajavam pouco: o transporte coletivo mantinha-se escasso e desconfortável; não havia sequer uma estação rodoviária na cidade.

Do ponto de vista da saúde, um número razoável de médicos atuava em Goiânia. Atendiam em consultórios, muitas vezes localizados em suas próprias casas de residência – como o do inesquecível Dr. Edilberto da Veiga Jardim, que tinha a abençoá-lo e aos clientes uma belíssima imagem de Nossa Senhora do Parto, de autoria do santeiro Veiga Valle, seu ilustre antepassado. Faziam também visitas domiciliares, quando eram recebidos com um misto de cordialidade e respeito.

Não havia hospital público, nem centro de saúde. Lembro-me de que, além da Santa Casa de Misericórdia, mantida pelos vicentinos, funcionava na Avenida Tocantins o Centro Cirúrgico – e evoco a reverência que cercava a pessoa do seu proprietário, Dr. Altamiro de Moura Pacheco. Via-o à distância, sempre circunspecto e formal. Somente chegaria a conhecê-lo mais de perto alguns anos depois, quando uma prima distante veio do Rio de Janeiro e hospedou-se comigo. Tornara-se amiga do solteirão Dr. Altamiro, durante uma viagem à Europa em que seguiram o mesmo roteiro – e ela, poliglota, fazia as vezes de intérprete. Acompanhei-a em visitas à casa da Avenida Araguaia - conhecida, à época, como a mansão número um de Goiânia. E pude ver o sisudo Dr. Altamiro sorrir com a tagarelice da sua falante convidada.

Outros hospitais funcionavam, em Campinas. No começo da década de 1950, seria inaugurado o Hospital São Lucas, particular, situado na rua 4, no centro de Goiânia. A única maternidade era a da Santa Casa; por essa época, foi concluído um pavilhão para atendimento particular – a renda arrecadada seria destinada às mães indigentes. Laboratórios e serviços de Raio-X contavam-se nos dedos.

Dado interessante diz respeito às causas de mortes identificadas, na antiga e na nova capital. Quando da elaboração de trabalho que coordenei e publiquei há alguns anos (FREITAS, 1999, p. 277-280), analisei os atestados de óbito existentes no Arquivo Histórico de Goiás, referentes ao ano de inauguração de Goiânia (1942). Para efeito de comparação, pesquisei-os também na Cidade de Goiás, relativos a 1927, quando ainda era capital do estado. Os resultados foram instigantes: as causas de mortes nas duas capitais eram muito semelhantes, prevalecendo as doenças infecto-contagiosas e transmissíveis, seguindo-se as patologias do aparelho circulatório. No rol das doenças transmissíveis, ressalta a presença de febre tifóide, malária e disenteria bacilar. Com o acréscimo, em Goiânia, de novos males, a saber: tuberculose pulmonar e poliomielite, esta inexistente na Cidade de Goiás.

A inesperada similaridade explica-se pelo fato de que, naqueles anos iniciais de Goiânia, as precárias condições de higiene e saúde mantiveram-se muito próximas – ou foram piores do que as da Cidade de Goiás. Com um dado emblemático: consultando os atestados de óbito, não encontrei um só referente a autoridade, ou a funcionário público de alto nível, ou a personalidade de algum destaque. De onde se conclui que a elite dirigente da nova capital ia morrer longe de Goiânia... talvez alguns até buscassem tratamento na tão condenada Cidade de Goiás.

Para encerrar, proponho dar um salto no tempo e chegar à década de 2010. Como se encontra a situação de Goiânia nos dias atuais, em face do que foi sonhado por seus idealizadores?

Segundo estimativa do IBGE<sup>3</sup>, em 2013, a população desta capital seria de 1.393.579 habitantes: é o 12º município mais populoso do país e o 2º do Centro-Oeste; é também a 22ª cidade mais rica do Brasil. Relativamente ao desenvolvimento humano (IDH), o índice de Gini marca 0,42 – tendendo mais para 0 (excelente) do que para 1 (péssimo).

Dado impactante é que, de acordo com avaliação da ONU, Goiânia é a cidade mais desigual do Brasil e a 10ª do mundo.

Nos tópicos relacionados com os índices de desenvolvimento humano (IDH) identificamos quanto:

- Às condições de habitação: prevalece a tendência à verticalização das edificações e diminui o percentual de habitações unifamiliares – o que contribui para agravar os problemas de trânsito, além de sobrecarregar os sistemas de esgoto, abastecimento de água, energia elétrica etc. Contam-se 141 áreas de ocupação irregular (em 2010). Não há favelas; a versão local são as “invasões”, ajuntamentos miseráveis que, às vezes, situam-se perto de condomínios de luxo. Algumas dessas “invasões” ocupam áreas de preservação ambiental.
- À saúde e à educação: em 2012, a cidade dispunha de 777 estabelecimentos de saúde, dos quais 105 públicos. Dos quase 5.000 leitos, 3.900 eram privados. No total, atuavam na capital 10.108 profissionais da área: médicos, odontólogos, enfermeiros etc. Goiânia tornou-se referência nas áreas de saúde e educação, com serviços e especialistas de ponta, reconhecidos nacionalmente. De acordo com dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o

---

3 Dados disponíveis em [HTTP://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%Ania](http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C3%Ania).

Desenvolvimento), a educação em Goiânia alcança o índice 0,933 – um patamar elevado, bem acima do brasileiro (0,800). A taxa de analfabetismo é de 3,22%, muito inferior à nacional (13,6%).

- Ao abastecimento de água e sistema de esgotos: segundo dados da SANEAGO: 92% da população dispõe de água tratada. A coleta de esgotos sanitários alcança cerca de 1 milhão de habitantes – ou seja, mais de 30% destes não são beneficiados. Das estações de tratamento de esgotos em funcionamento, somente a denominada “Dr. Hélio Seixo de Brito” faz o tratamento adequado. É gravíssima a situação dos rios, córregos e ribeirões, os quais continuam a receber esgotos *in natura*. A existência de fossas em diversos bairros compromete o lençol freático – e nas margens dos cursos de água que percorrem a cidade, acumula-se lixo orgânico e resíduos sólidos.
- À coleta do lixo – o lixo coletado em Goiânia e Região Metropolitana é levado para o aterro sanitário, na saída de Trindade, ora em vias de esgotamento. Sabe-se que o lixo se avoluma com o aumento da população e a melhoria do nível de renda. Trata-se de problema que também se relaciona com a educação ambiental; campanhas de divulgação da coleta seletiva avançam lentamente.
- Quanto aos parques, reservas florestais e meio ambiente: Goiânia tem 41 parques; as áreas verdes ocupam 30% de sua área total. Neles, seriam preservados o meio ambiente, a fauna e a flora, com destaque para espécimes do cerrado. Entretanto, nem todo são devidamente tratados e cuidados. Em ranking elaborado pela ONU, é a 2ª. cidade do mundo em área verde per capita, com 94 m<sup>2</sup> por habitante. Somente Edmonton, no Canadá, a ultrapassa, com 100 m<sup>2</sup>. por habitante.
- À segurança: embora esse item não tenha sido mencionado no Plano Diretor de Goiânia, parece acertado mencioná-lo, porquanto diz respeito à qualidade ideal de vida, que se esperava para todos os cidadãos. De acordo com dados da Prefeitura Municipal, a cidade é a 17ª mais violenta do Brasil, com 34,2 homicídios por 100 mil habitantes, percentual maior do que o encontrado em São Paulo, em Porto Alegre, em Fortaleza e em Brasília. Um dado preocupante está relacionado ao anterior: nas escolas públicas chega a 90% a incidência de casos de violência. É também muito elevado o número de mortes no trânsito.

E quanto à Cidade de Goiás? 80 anos depois, nós a temos resgatada em sua dignidade, e valorizada em seu patrimônio histórico e cultural;

até porque, em 1999, foi inscrita pela UNESCO na lista dos sítios que compõem o Patrimônio da Humanidade. A antiga Vila Boa afirma-se, aos poucos, como importante centro universitário e é vista como cidade aprazível para morar. Dentre outros eventos, abriga o renomado Festival Internacional de Cinema Ambiental. É freqüentada por historiadores e pesquisadores de diferentes áreas, que vão consultar seus valiosíssimos arquivos e centros de documentação. Como pólo turístico, mantém e cultiva a herança cultural goiana, em suas manifestações mais tradicionais e universalmente reconhecidas.

Oitenta anos depois do início da construção de Goiânia, chega-se a um final feliz, nas duas vertentes da história dessa epopéia. As cidades não que ser vistas na perspectiva dos séculos, ainda que vivenciadas no dia-a-dia do seu cotidiano. Nesta noite de outubro – que lembra outro outubro, há oito décadas, quando tudo era pioneirismo e incerteza - peço permissão para ler algumas estrofes do belo poema de Yedda Schmaltz intitulado:

### **Goiânia. Convite e roteiro.**

*Vem a Goiânia em outubro/ pois Goiânia é flor cidade / onde existe  
uma alameda / cujo nome é feito a fogo / mas de fogo não tem nada;  
/ pelos cantos da alameda, / as florzinhas amarelas / dão bom dia pra  
cidade; / pelos cantos da cidade, / nas tardinhas coloridas, / os pardais  
fazem congressos / ,em dó ré fá sustenido. [...]*

*Vem a Goiânia em outubro! / Podes vir o ano inteiro! / Mas eu  
prefiro em outubro / que em outubro a costureira / Natureza e Silva e Só /  
(parente do meu irmão) / faz um vestido bordado / com estrelas matutinas  
/ e florzinhas bem singelas / pra vestir o meu torrão. / Se não puderes em  
outubro / podes vir o ano inteiro.*

Fazenda Santa Cruz, 10 de outubro de 2013.

## REFERÊNCIAS

DINIZ, Anamaria. *Goiânia de Attilio Corrêa Lima 1932-1935*. Ideal estético e realidade política. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, 2006. 250 p.

FREITAS, Lena C.B.F. Org. *Goiânia Locus privilegiado da saúde*. In *Saúde e doenças em Goiás: a Medicina possível*. Uma contribuição à História da Medicina em Goiás, p.239-289. Goiânia: Ed. UFG, 1999.

SABINO JUNIOR, Oscar Org. *Goiânia documentada*. São Paulo: Edigraf Ltda.,1960.

Na Internet:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Goi%C%A2nia>

## Festa Cívico – Cultural em Porangatu

Ana Braga<sup>1</sup>

Hélio Moreira<sup>2</sup>

No dia 25 de agosto último, a cidade de Porangatu, um dos polos de avanço sócio-político e cultural do norte de Goiás, comemorou o 65º ano de sua emancipação política. O programa festivo, organizado pela Prefeitura, teve a integral participação dos porangatuenses, destacando-se a juventude, que, sempre, dá um toque especial às festas cívicas daquela cidade. Entre tantas, ressaltamos as comemorações do 150º ano da Independência do Brasil, ocorrida no ano de 1972, quando os desfiles alegóricos e a organização cívica comemorativos daquela data histórica foram destaque em todos os jornais goianos. Então Porangatu obteve a classificação do 1º lugar.

Desta vez, o ponto alto do programa executado, nos dias 20 a 25/08/2013, ocorreu na Praça Ângelo Rosa, quando o Prefeito da cidade, Sr. Eronildo Valares sancionou a Lei nº 2612/13 de 03 de setembro de 2013, dando o nome do “CENTRO CULTURAL JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA”, homenagem de impagável gratidão àquele ilustre médico, historiador, escritor e poeta, membro efetivo da Academia Goiana de Letras, mineiro de nascimento que, por opção, fez-se valoroso goiano, tendo exercido, neste estado, muitos e elevados cargos, dos quais se desincumbiu com dignidade e eficiência. Entre tantas dessas posições, foi deputado estadual, 1947-1951. Nesse mandato, foi o autor da Lei nº 122, de 25 de agosto de 1948, que emancipou a antiga Vila de Descoberto do Dunga, hoje, essa próspera cidade de Porangatu, nome que nos remete à comovente lenda ou, talvez, história do jovem João

---

1 Escritora, professora e Sócia Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 49).

2 Médico, escritor e Sócio-Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 19).

Leite, filho do bandeirante João Leite, cuja bandeira vagueou pelos ínvios sertões habitados pelos canoieiros, entre a Serra do Estrondo até as ribeiras do Paraopeba (rio Tocantins). João Leite se apaixonara pela fascinante índia ANHANGATU. Descoberto o idílio de ambos, enquanto ela oferecia a seu “Antony” os frutos que lhe trazia num casco de “tracajá”, foram surpreendidos. Suas irmãs indígenas, da mesma tribo, arrancaram ANHANGATU dos braços de João Leite, que foi amarrado a uma frondosa árvore. Ouviam-se os gritos e os tambores. A mata tremia. Heroicamente, João Leite, escutou o agressivo canto de morte ao seu redor e, ao sentir a flecha inimiga ferir-lhe o peito, João Leite, morrendo, mal pode gritar: “Morro... por Anhangatu!” (Flor dos Campos).

Depois dessas memórias, a oradora que, depois de longa ausência, voltou a Porangatu para comemorar com seus contemporâneos, pois é porangatuense por título, o 56º ano de emancipação do município. Relembrou os saudosos tempos em que foi professora na cidade, onde fundou a Escola Normal: o Colégio estadual de II Grau, hoje com o nome do saudoso professor Waldemar Lopes Amaral; foi cofundadora da Porantécnica, primeira escola de segundo grau e contabilidade do Governo Municipal do Senhor João Gonçalves Reis. Criou, como primeira secretária do serviço social do município, “sem remuneração”, o Centro de Artesanato, na antiga casa “Jaguatirica”, pertencente ao primeiro prefeito de Porangatu, Senhor Ângelo Rosa. Esta casa está na Rua do Milagre, que despeja sua antiguidade na velha Praça nossa Senhora da Piedade. Esta praça foi, pela Doutora Ana Braga, transformada em um palco para teatros e festas folclóricas, ao ar livre. Hoje, embelezada, é um dos pontos turísticos de Porangatu.

Emocionada, a acadêmica Ana Braga lembrou sua vivência em Porangatu e afirmou conhecer bem os sentimentos cívicos do seu povo.

Aqui, disse ela, “todas as classes ricas e pobres, comerciantes e fazendeiros, os profissionais liberais, todos atendem com destreza e empenho, quaisquer iniciativas políticas ou não, que tragam prosperidade, conforto, evolução e desenvolvimento aos segmentos educacionais e culturais desta terra que muito estimo. Aqui deixei um patrimônio de excelentes amigos. Em Goiânia, lembro-me desses anos que aqui militei com ardor, dedicação e zelo por esta terra. Sem ferir a modéstia, sei que fiz muito, atendendo às dificuldades daquela época.

Porém, mais teria feito, se me fossem facilitadas maiores e mais contínuas oportunidades que o destino me negou. Todos sabem, no entanto, que o ideal não morre com a velhice. Basta que se saiba pensar e direcionar com acerto esses ideais. Por isso, aqui estou, prazerosamente, congratulando-me com todos os filhos desta terra; com os que aqui nasceram e também com outros que por escolha de seus corações fizeram-se porangatuenses, igual eu me fiz. No dia de hoje, 25 de agosto, Porangatu completa 65 anos de sua emancipação política. É uma data de regozijo para todos, que sabemos valorizar a cidadania.

Agradeço às autoridades: prefeito municipal Sr. Eronildo Valadares e sua excelentíssima senhora, D. Vanusa Valadares, primeira dama deste município. Ao vice-prefeito, Sr. Galeno Guimarães e sua esposa, D. Marcelita. Ao secretário municipal da Cultura, Sr. Cândido Rafael. Também, e especialmente, agradeço a Sra. Rosimary Freitas do Vale, que foi vereadora da Câmara Municipal desta cidade e, atualmente é assessora especial do Senhor Governador Marconi Perillo. Relembro-me do seu bom desempenho, quando minha secretária nas funções que exerci, como de primeira diretora da escola municipal Porantécnica, que ajudei a criar, no governo do Sr. João Gonçalves. É justo que nos lembremos, também, de seu pai, o senhor Moacir de Freitas, que exerceu o cargo de prefeito municipal deste município por duas vezes e, ladeando-o, sua senhora D. Edith de Freitas, primeira dama.

Senhores, juntamente com as autoridades e a população porangatuense, homenageio “in memoriam” ao doutor José Peixoto da Silveira. Espero que seu nome seja um estímulo aos anseios culturais que, ao certo, se transformarão em realidade nesse Centro Cultural. Que aqui seja como uma sala de aula emanando ensinamentos históricos, literários e cívicos, sustentando assim, a prosperidade político-social e cultural desta terra.

Passo, agora, a ler a biografia de autoria do insigne acadêmico Dr. Hélio Moreira que aqui estaria se não fosse o justo motivo que o impediu de fazê-lo. Trata-se de um médico especializado e dotado de muitos títulos honoríficos, inclusive o de Professor Emérito da Universidade Federal de Goiás. Escritor, membro da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, poeta de belos versos, inteligência privilegiada e cultivada nas faculdades e meios intelectuais por ele frequentados dentro e fora do país.

Por ser como é, renomado conferencista, sugeri ao Prefeito Municipal desta cidade, o Sr. Eronildo Valadares, convidá-lo para, nesta data, deixar neste ambiente, aberto ao progresso intelectual, as iluminuras de sua inteligência e capacidade em assuntos históricos de Goiás e do Brasil. Sua cultura avançada envolve, não apenas a literatura, mas, ainda as áreas científicas, pois é um festejado médico, estudioso e amigo da ciência, que abriga esta profissão tão brilhante e tão necessária nos nossos dias, como sempre o foi, em todos os séculos e tempos!

A palestra que vou ler, tenho certeza, será por todos ouvida e apreciados os conhecimentos de seu autor, cujo nome enobrece o festejado cidadão que ele é, merecedor de nossos agradecimentos por sua valiosíssima cooperação. (Muito obrigada!)

**HOMENAGEM AOS 100 ANOS DE NASCIMENTO DO DR. JOSÉ  
PEIXOTO DA SILVEIRA.  
SOLENIDADE REALIZADA EM PORANGATU**

Hélio Moreira

Estou bastante honrado pela convite que a querida professora Ana Braga me fez para falar nesta sessão em homenagem ao Dr. José Peixoto da Silveira.

É compreensível que muitos dos senhores tenham ficado curiosos para saber a razão do insólito convite; sou forçado a dizer que também eu fiquei intrigado, uma vez que a Professora Ana Braga deveria ser a encarregada deste mister, tendo em vista que tive pouca convivência com o Dr. Peixoto; cheguei em Goiânia em 1966, época em que ele praticamente havia abandonado as lides políticas e as de profissional da medicina.

O impulso que levou a minha confrreira da Academia Goiana de Letras a convidar-me para esta honraria deve ser debitado à nossa amizade, porém, acredito muito na força do destino e, na procura de outras explicações, me alicerço no fato de sermos, Dr. Peixoto da Silveira e eu, mineiros de nascimento, somos colegas de profissão e, principalmente, pela coincidência de sermos, ambos, membros da Academia Goiana de Letras, tendo ele ocupado a cadeira de numero 24, iniciando, com a sua assunção, a sequência de médicos a ocuparem-na,

pois ele foi sucedido pelo querido amigo José Normanha de Oliveira e agora tenho eu a honra de sucedê-lo. Não poderia deixar de registrar, também, minha empatia com dois dos seus filhos: Dr. Flavio Peixoto, a quem admiro pela aguda inteligência e bondade no seu relacionamento com este modesto escultor e PX Silveira, um dos grandes expoentes da cultura goiana; seu pai, que gostava de fazer citações no idioma inglês, por certo diria hoje sobre PX: “My son is a smart boy – meu filho é um jovem inteligente”.

Dr. José Peixoto da Silveira nasceu na cidade de Cristais, em Minas Gerais, no dia 6 de maio de 1913 e faleceu em Goiânia em 1987; foi casado com a poetisa Galiana Rios Peixoto da Silveira, falecida em 2006; o casal teve oito filhos: Lúcia (escritora e arquiteta), Otávio (administrador de empresas), Flávio (economista, ex- secretário de Governo no município de Goiânia e Ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente no governo José Sarney, 1985), PX Silveira (produtor artístico), Maria José (escritora), Maria das Graças (coordenadora de cursos de pós-graduação), Jacinta (taquígrafa da Câmara Federal) e Fernando (poeta). Além destes, a família é composta por 16 netos e nove bisnetos.

Sei que, se necessário fosse, poderia falar por algumas horas a respeito do Dr. Peixoto da Silveira; cansaria os senhores e não conseguiria, pelas minhas limitações, descrever toda a intensidade da sua vida; procurarei destacar alguns aspectos que considero mais relevantes, com a expectativa de que possa lhes dar uma pálida ideia de quem foi este homem monumental.

Poucos vultos da nossa história, como o Dr. Peixoto da Silveira, puderam repetir, ao final da sua vida, o que disse Rodrigo Otávio, famoso escritor da época do Império: **“A vida só vale quando se a pode viver e viver não é ver passar as horas, no desperdício do tempo, na despreocupação dos sentidos; viver é aproveitar, do melhor modo, a hora que vem, passa e não volta”**.

Peixoto da Silveira foi um homem de múltiplas e incessantes atividades, demonstrando com isto a sua personalidade realizadora e de espírito irrequieto; poucos, os da sua geração, realizaram tanto e em tantas áreas do fazer humano. Destacarei, se é que se pode, sem cometer injustiça de não se arrolar alguns fatos importantes, apenas algumas das suas realizações na variada gama de suas atividades.

Algumas das suas atuações na política, no sentido “estrito senso”, servem para delinear o seu perfil de homem que não aceitava que as horas passassem, sem que ele embarcasse na viatura do sonho e da aventura. Está registrado nos anais da história política de Goiás a sua presença afirmativa nos diversos postos que ocupou, tanto por deliberação dos eleitores, como cumprindo funções administrativas por indicação das autoridades constituídas: (Prefeito de Jaraguá, 1946/47; Deputado Estadual Constituinte e da 1ª. legislatura, 1947/51; Secretário da Saúde no Governo Pedro Ludovico, 1951/55; Secretário da Fazenda no Governo Juca Ludovico (1955/59; Secretário da Saúde no Governo José Feliciano (1959/60); Secretário da Educação no governo Mauro Borges, 1961/63; Deputado Federal, 1963/67; candidato a Governador em 1965, tendo perdido a eleição para Otávio Lage de Siqueira e finalmente, Conselheiro do Conselho Estadual de Cultura, na década de 1980.

Na área médica (formado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 1938), iniciou na sua profissão em Jaraguá (GO) e na Colônia Agrícola de Goiás, em Ceres; desde os albos da vida profissional o Dr. Peixoto da Silveira já dava demonstração de como exerceria, pelo resto da sua vida, a sua profissão: adesão completa aos princípios da ética.

Por ser homem caridoso e de ótimo relacionamento com os pacientes, principalmente para com os mais carentes que sempre o sufragaram nas porfias políticas em que ele tomou parte, principalmente na eleição para governador do estado, quando enfrentou, ao lado do Dr. Pedro Ludovico, uma fortíssima coligação de partidos (UDN, PTB e PSP e toda a máquina de força do governo federal oriunda do golpe de estado de 1964). Faltaram-lhe apenas 4.000 votos.

Inicialmente, tentou exercer a especialidade de oftalmologia (havia feito um curso com o famoso Prof. Hilton Rocha de Belo Horizonte), porém, por dificuldades financeiras, não conseguiu adquirir os instrumentos que a especialidade exigia; tendo em vista que havia se decidido a ir para o interior (Jaraguá) resolveu ser clínico geral e cirurgião.

Foi um dos fundadores da Associação Médica de Goiás; participou de inúmeros congressos médicos, tanto no Brasil como no exterior, quase sempre com apresentação de trabalhos científicos e conferências,

além de ter sido membro da Sociedade Brasileira de Higiene, com produção de inúmeros trabalhos nesta área.

Foi um dos incentivadores para a criação de uma Faculdade de Medicina em Goiás tendo, inclusive, participado da banca examinadora do concurso vestibular da primeira turma de alunos da Faculdade; revendo seu currículo me deparei com uma passagem que acho oportuno registrar para patentear, mais uma vez, sua visão futurista nos destinos do nosso estado. Em setembro de 1951, bem antes da criação da Faculdade de Medicina, Dr. Peixoto deu uma entrevista ao jornal *Folha de Goiás* onde, ao lado de tecer comentários a respeito do andamento das obras do Hospital Geral de Goiânia, várias vezes interrompida e que ele acabou por concluir, disse:

**“Este novo Hospital poderá constituir a base para a fundação de uma Faculdade de Medicina em Goiás!”**

Ele foi clarividente; este hospital, hoje Hospital das Clínicas, foi fundamental para a criação da Faculdade de Medicina, pois uma das exigências do Ministério da Educação para aceitar a criação de um curso de medicina, era a necessidade de que a Fundação que iria criar a Instituição, possuísse um Hospital próprio e Peixoto da Silveira tomou todas as providências para a sua completa instalação, permitindo que o estado fizesse o convênio de cessão de uso para a Fundação. Oh tempos!

Dr. Peixoto da Silveira teve, também, grande e profícua atuação na área cultural; seus discursos nos palanques políticos e em solenidades públicas eram comentados, pela facilidade que ele tinha de ser entendido por todas as camadas da coletividade. O homem culto admirava sua facilidade de linguagem para expor suas ideias, com frases inteligíveis para o homem simples do interior do nosso estado, sem cair na tentação do uso do texto recheado com ditos jocosos, capazes de provocar o riso nas multidões, tampouco o uso de frases carregadas de erros gramaticais, fingindo com isto, ser ele, também, um caipira.

Para um jovem com apenas 22 anos de idade, capaz de escrever a frase (vide abaixo) com tamanha maturidade e profundidade cultural, passível de ser subscrita pelos melhores romancistas, era de se esperar que seria, no futuro, um intelectual da escrita e da palavra; ouçam comigo o que ele disse no discurso proferido em homenagem aos inconfidentes - Belo Horizonte, 1935:

**“Noite. 1789. No céu de Vila Rica, apenas alguma estrelinhas trêmulas de frio! Nas sombras das ruas, caminham vultos notívagos.**

**Dirigem-se para o casarão afastado. Entram. Fecha-se a porta. Ei-los enfim confabulando em surdina.”**

Dr. Peixoto da Silveira não desmentiu as previsões, teve intensa atuação na área cultural da nossa região; foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal; foi membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, admitido em 1980, quando esta instituição era presidida pelo inacreditável timoneiro da literatura goiana, o carregador de pianos da cultura, escritor José Mendonça Teles.

Após o seu falecimento, tornou-se o patrono da cadeira de numero 32 desta nossa Instituição, cujo primeiro ocupante é o seu filho, José Peixoto da Silveira Filho, nosso festejado e meu querido amigo PX; foi diretor e constante colaborador da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás - IHGG por muitos anos, tendo conseguido, com as mesmas dificuldades que nós continuamos enfrentando nos dias atuais, ajuda de mecenas da área cultural, pessoas com o mesmo desprendimento que vemos hoje, justiça seja feita, no Governador Marconi Perillo que durante todos estes anos, mesmo quando não exercia o cargo de executivo do estado, participava e continua participando, mensalmente e as suas expensas, com ajuda monetária para nossa combalida instituição.

Publicou mais de vinte livros, cito apenas alguns deles, para abreviar minha presença no pódio – Versos que a gente faz, 1937; Relembrando o poeta Augusto Rios, 1946; Clima e salubridade do planalto, 1953, Auto financiável a construção da nova capital – Brasília, 1953 e Versos... esquecidos, 1955. Sobre este último, conto-lhes um acontecimento fantástico, Da. Galiana, sua esposa, sem que ele soubesse, coligiu versos e poemas que ele guardava e mandou imprimir 100 exemplares e presenteou-lhe por ocasião do natal de 1955, com a emocionante declaração de amor:

Querido:

Vejo-me sempre em apuros para oferecer-lhe qualquer presente.

Não por ter você de tudo, mas por ser você a melhor criatura que conheço!

Para você, Peixoto, que é tudo para mim, amor, felicidade, minha vida enfim, imaginei algo diferente...

Perdoe-me se não lhe agradar. A intenção foi a melhor!

Que o Natal de hoje e de sempre seja para você de felicidades e alegria são os meus votos.

Sua, Galiana

Ainda na área cultural há de se registrar sua atuação junto ao Conselho Estadual de Cultura, na qualidade de Conselheiro, na década de 1980, além de ter sido membro benemérito da Associação Goiana de Imprensa e membro da União Brasileira de Escritores – secção de Goiás.

Se me fosse pedido para resumir o relato da vida do Dr. Peixoto, como estou tentando fazer com este pronunciamento, teria que patentear minha incapacidade: – não sei onde encontro maior grandeza, sua dignidade que espargiu e acobertou toda a sua família, sua vida de médico e humanista, de político, sua vida cultural, dividida em três vertentes – poeta, historiador e escritor. Na verdade, dentre todas as facetas da sua vida, me impressionaram, sobremaneira, sua tenacidade para tentar transformar sonhos em realidades e a sua atividade eclética de exercer funções não imagináveis para um médico.

Sua tenacidade, eu observei ao ler o depoimento que ele concedeu no dia 13 de junho de 1984 à nossa querida e inesquecível congreira da Academia Goiana de Letras, Professora Belkiss Spencièrre de Mendonça, durante sua passagem pelo Conselho Estadual de Cultura e que foi transcrito no livro “Fragmentos do meu tempo”, editado pela sua família em 1997.

Este depoimento, feito de improviso, é uma aula sobre a história política e geográfica de Goiás, onde inclui a medicina, folclore, costumes e desbravamentos do nosso interior e, principalmente, a respeito da sua participação na construção de Brasília.

Ouso fazer uma sugestão à sua família: aquele livro “Fragmentos do meu tempo” deveria ser reeditado, agora com acréscimos de outros depoimentos ali também inseridos ( ao Museu do Som da Academia Goiana de Letras, além de várias entrevistas por ele concedidas a órgãos da imprensa, especialmente ao jornal *O Popular*) dados e documentos que ele não tinha como apresentar naquela oportunidade, além da memória fotográfica que, com certeza, a família e os amigos têm como fornecer.

Confesso que fiquei orgulhoso com o que li, sinto grande pena não ter tido a oportunidade de me aproximar deste homem naquela época em que a classe médica era tão unida e fraterna. Teria sido fácil e prazeroso!

Se resolverem ouvir minha modesta sugestão, os leitores terão a oportunidade de conhecer, em detalhes, a sua participação como membro da Comissão encarregada da escolha do local onde se ergueria Brasília; saberiam da sua tenacidade, com discursos e publicação de livros, como “A nova capital – Por que, para que, para onde e como mudar a capital Federal, 1957”, para tentar convencer as forças políticas de Goiás e, principalmente, os representantes federais na área legislativa e executiva, que a construção de Brasília seria a redenção do Brasil.

Ficariam sabendo que o texto que ele publicou nos Arquivos de Saúde Pública, em 1953, com o título “Clima e salubridade do planalto”, foi fundamental para que a decisão fosse tomada, como assegura a pesquisadora do CNPQ, Dra. Tamara Rangel Vieira, em tese de doutoramento publicada em 2011.

A conclusão da pesquisadora é lapidar : “Os seus livros contribuíram para esclarecer a opinião pública sobre o sentido da transferência da capital, dissipando dúvidas e incompreensões”. Na condição de Secretário da Saúde, continua a pesquisadora, “foi entrevistado pelo jornal “O Globo” em maio de 1953, quando afirmou: Como médico, conhecedor da região e secretário da Saúde do estado, posso assegurar que são excelentes as condições de clima e salubridade do planalto central”.

Não tenho conhecimento de exemplo de sincretismo semelhante na vida administrativa do Brasil do que o fato de um médico exercer a função de secretário da fazenda; Peixoto da Silveira fez esta proeza, foi Secretário da Fazenda no Governo Juca Ludovico (1955/59). Este convite deve ter causado preocupação para muitos, porém, os que o conheciam de perto não tinham dúvida a respeito do acerto da decisão do governador; outros, como eu, que infelizmente não tiveram a oportunidade de conhecê-lo durante aqueles seus anos de efervescência política, encontra a explicação ao ler a proposta orçamentária do estado para o ano de 1956, que ele preparou e enviou ao governador.

Para não restringir meus comentários apenas à parte literária do documento, que é o campo onde tenho mais liberdade para opinar, digase de passagem, uma verdadeira homenagem “A última flor do Lácio”, fui surpreendido pela objetividade do seu conteúdo, normalmente enfadonho para quem não é do ramo. Ao iniciar a sua leitura, lembrei-me de alguns romances que li – não conseguia interromper a leitura.

Peixoto da Silveira, dando vazão aos seus conhecimentos sobre finanças, cita vários autores, tanto brasileiros como estrangeiros, mostrando o quanto ele havia estudado o assunto; ao citar Ruy Barbosa, como sabemos o primeiro ministro da fazenda da nossa república, leva-nos a um passeio prazeroso na companhia daquela genial figura brasileira, para desfrutar de uma verdadeira aula de fluência no mundo dos números.

Neste documento, Peixoto da Silveira dá vazão à sua formação cultural, faz citações, sem cair na malha do esnobismo, em inglês, francês e latim para, nas conclusões finais, seguir os passos do mestre Ruy Barbosa, ao conclamar o poder legislativo a se afastar do sistema liberal, muito em voga na época e ajudá-lo a cumprir o mandato de equilíbrio orçamentário.

Como disse no preâmbulo deste pronunciamento, infelizmente não tive o prazer de conviver com Peixoto da Silveira; pedi socorro a alguns amigos que com ele conviveram, para ajudarem-me com informações a seu respeito; agradeço ao Dr. Geraldo Coelho Vaz, seu grande amigo e companheiro de reuniões no IHGG; o Dr. Ursulino Leão, amigo e companheiro de tertúlias acadêmicas; José Mendonça Teles, amigo sincero e que o trouxe para o IHG; era seu vizinho no Setor Sul.

Peço permissão para transcrever, pelo ineditismo e algumas curiosidades, alguns trechos do depoimento do Dr. Joffre Marcondes de Rezende:

“Conheci Peixoto da Silveira quando eu trabalhava na Divisão Técnica da Secretaria da Saúde; era uma pessoa simples e educada e, no cargo, centrou sua administração na resolução dos problemas que surgiam com a assistência médica do interior do estado.

No início do governo de Mauro Borges, tive o privilégio da sua convivência mais próxima, quando trocávamos ideias sobre alguns projetos que estavam sendo desenvolvidos, tendo sido convidado para ajudá-lo a elaborar o Plano de Saúde do Governo; neste plano, segundo sua diretriz, foi dado ênfase ao Serviço Itinerante de Saúde; faziam-se, um médico e um enfermeiro, visitas periódicas a pequenas cidades do interior, utilizando um avião teco-teco como meio de transporte, quando se davam consultas médicas e distribuía-se medicamentos

gratuitamente, principalmente vermífugos, antianêmicos e pomadas para tratamento da sarna.

Os comprimidos antianêmicos possuíam duas cores diferentes, rosa e azul; se usar a mesma cor para ambos os sexos, os homens não tomam o remédio, ensinava ele; a bula do remédio para sarna trazia o modo de usar: 1) tomar um banho pela manhã e só depois usar a pomada, 2) fazer o mesmo durante três dias seguidos, 3) continuar tomando banho pela manhã durante 30 dias; ao ser questionado do por que estes banhos por mais 30 dias, esclareceu – Depois de 30 dias a pessoa vai descobrir que é muito melhor andar limpa.

Era assim Peixoto da Silveira. Até nas pequenas coisas demonstrava a sua inteligência e argúcia, conclui o Dr. Joffre, acrescentando: Minha admiração por Peixoto da Silveira era tamanha que me levou a escolher o seu nome para patrono da minha cadeira na Academia Goiana de Medicina, a de numero 7”.

Peço desculpas, principalmente aos seus familiares aqui presentes, se não consegui traçar, como desejava, o perfil deste homem que viveu adiante do seu tempo.

Talvez a incumbência tenha sido maior do que a capacidade do narrador; ao falar sobre o Dr. Peixoto da Silveira, fiz uma viagem ao passado e me permito citar Machado de Assis que disse, antevendo o que iria ser dado a conhecer por Freud: **“Nossos dias atuais foram plasmados no nosso passado”**.

Falei sobre reminiscências e estas são como o buquê do vinho elaborado com cepa de uvas de qualidade superior e que inunda nosso olfato. Cada vez que testamos nossa capacidade de descobrir o odor que exala do cálice, sempre iremos descobrir novo perfume. Mesmo que o vinho seja o mesmo e da mesma safra, ele muda de aroma e de sabor com o tempo, as emoções serão sempre outras!

Fiquei emocionado ao escrever este meu depoimento!

# ATIVIDADES DO IHGG



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS**  
**FUNDADO EM 1932**

**ATIVIDADES 2013**

<b>DATA</b>	<b>ATIVIDADES REALIZADAS/OUTROS</b>
17/01/13	O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás recebeu a visita de acadêmicos do curso de Geografia da cidade de Niterói – RJ.
14/02/13	Visita do professor Rodolfo Peres Rodrigues, arquivista e funcionário do CIDARQ (Centro de Informação, Documentação e Arquivo da UFG).
18/02/13	Gravação de entrevista com Dom Tomás Balduino, Bispo Emérito de Goiás, para o projeto Memória Viva do Núcleo de Memória Audiovisual do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
26/02/13	Representantes das Entidades Culturais de Goiás, inclusive o IHGG, visitaram prefeito municipal de Goiânia, médico Paulo Garcia.
28/02/13	Gravação de entrevista com o professor Joveny Cândido de Oliveira para o projeto Memória Viva do Núcleo de Memória Audiovisual do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
03/03/13	Reunião para acertos finais para utilização do auditório Augusto da Paixão Fleury Curado do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás para realização do Curso: <i>Os Evangelhos em sua essência e pureza originária</i> . Com o prof. Nelci Silvério, sob a coordenação do prof. José Leopoldo (Juquinha) da Associação de Entidades Filantrópicas Espíritas de Goiás - ASEFEGO.
19/03/13	Reunião para formação e institucionalização do Instituto Movimento Santuário da Arte.
26/03/13	Assembleia Geral Ordinária do IHGG para eleição da Nova Diretoria, gestão 2013-2017.
10/04/13	Reunião dos presidentes das instituições culturais goianas, no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, para tratar de assuntos de interesse cultural.
11/04/13	Reunião dos Pontos de Cultura da Secretaria Municipal da Cultura (SECULT), Goiânia-GO.

15/04/13	<p>Solenidade de posse da nova diretoria – gestão 2013 - 2017  Presidente: Geraldo Coelho Vaz;  1º Vice-Presidente – Hélio Moreira;  2ª Vice-Presidente – Nancy Ribeiro de Araújo e Silva;  3º Vice-Presidente – Luiz Augusto Paranhos Sampaio;  Secretária Geral – Elizabeth Abreu Caldeira Brito;  1º Secretário – Orlando Ferreira de Castro;  2ª Secretária – Jacira Rosa Pires;  Tesoureiro – Waldomiro Bariani Ortencio;  2º Tesoureiro – Nelson Lopes Figueiredo;  1º Orador Oficial – Licínio Leal Barbosa;  2º Orador Oficial – Rogério Arédio Ferreira;  1º Bibliotecário – Francisco Itami Campos;  2º Bibliotecário – José Peixoto da Silveira Júnior;  Diretoria de Museu – Maria Terezinha Campos Santana;  Diretoria de Arquivo – Antônio César Caldas Pinheiro;  Diretoria da Revista – Lena Castello Branco Ferreira de Freitas;  Diretoria do Boletim - Iuri Rincon Godinho;  Assessoria de História – Juarez Costa Barbosa;  Assessoria de Geografia – Horieste Gomes;  Conselho Fiscal – Antônio Teixeira Neto;  Getúlio Targino Lima;  José Fernandes;  Suplentes – José Amaury de Menezes;  José Ubirajara Galli Vieira;  Maria Narcisa de Abreu C. Pires.</p>
18/04/13	<p>Visita da associada Sônia Ferreira, presidente do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste (CECULCO), ao IHGG</p>
30/04/13	<p>A diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás visitou o jornalista Batista Custódio, presidente e proprietário do jornal Diário da Manhã.</p>
07/03 a 23/06/13	<p>Uso do auditório Augusto da Paixão Fleury Curado do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás para realização do curso: Os Evangelhos em sua essência e pureza originária. Com o prof. Nelci Silvério, sob a coordenação do professor José Leopoldo (Juquinha) da Associação de Entidades Filantrópicas Espíritas de Goiás (ASEFEGO).</p>

06/05/13	Sessão Solene de Comemoração do Centenário de Nascimento de José Peixoto da Silveira e lançamento do concurso de monografia, tendo como tema: “Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar”.
08/05/13	Reunião extraordinária da Comissão Goiana do Folclore, no auditório Augusto da Paixão Fleury Curado do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
07/05/13	A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás visitou o sócio titular e presidente do Tribunal de Justiça de Goiás, Desembargador Ney Teles de Paula.
13/05/13	Eestudantes do curso de História da PUC – GO visitaram o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
17/05/13	Representantes das instituições culturais visitaram o vereador goianiense Tairone Di Martino, para tratar de assuntos ligados à cultura.
22/05/13	Visita ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás do jornalista Helmiton Prateado, do Jornal Diário da Manhã.
27/05/13	Visita do produtor cultural da cidade de Caçu, José Faria, ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
28/05/13	A Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás visitou as dependências da empresa Cristal Alimentos (Arroz Cristal) e seus dirigentes, patrocinadores, Waldir Madalena e Walterdam Madalena.
03/06/13	Visita de entidades culturais de Goiás ao prefeito de Goiânia, Paulo Garcia, no Paço Municipal, para reivindicar maior empenho aos programas culturais da capital.
13/06/13	Reunião da Diretoria com Júlio José Fratus, responsável pelo projeto “Folha de Goyaz”.
13/06/13	Reunião com representante do Festival Internacional de Cinema e Arte (FICA), a realizar-se na Cidade de Goiás, nos dias 2 a 7/07/13.
13/06/13	Visita da artista plástica Jordana Hermano, que, na oportunidade, fez a doação ao Instituto Histórico e Geográfico de Goiás de livros da coleção <i>Alcyone Abrahão</i> , sua mãe, já falecida.
18/06/13	Gravação de entrevista com o engenheiro e professor Irineu Borges Nascimento, na residência do entrevistado, para o projeto Memória Viva do Núcleo de Memória Audiovisual do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
19/06/13	O empresário Homero Augusto Cavalcante Pinto visitou o IHGG, elogiou sua estrutura física e seu acervo cultural.

19/06/13	III Seminário “Dia do Migrante”, com palestras sobre o tema: “Caminhantes Contemporâneos: Migração e Juventude”.
21/06/13	Promovida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás em parceria com a Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), palestra proferida pela professora Dr <sup>a</sup> Maria Helena Garrido. Tema: “Diferentes construções literárias de certa visão compartilhada de Machado de Assis, Guimarães Rosa, Goethe e Rimbaud”, em comemoração ao Dia Nacional das Academias.
25/06/13	Visita de alunos do curso de Turismo do Instituto Federal de Goiás (IFG).
27/06/13	Visita do presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Mato Grosso do Sul, professor Hildebrando Campestrini, ao IHGG.
27/06/13	Sessão Magna de Saudade em memória do ex-governador de Goiás, coronel Mauro Borges Teixeira, sócio titular do IHGG; proferiu o necrológio o sócio e 3º vice-presidente, escritor Luiz Augusto Paranhos Sampaio.
28/06/13	Reunião com o diretor do Colégio Estadual Goiany Prates, para expor o projeto Mais Cultura e criar parceria entre o IHGG e o colégio.
02/07/13	Reunião para elaboração da proposta do Seminário comemorativo aos 80 Anos de Goiânia.
02/07/13	Colóquio: Análise espacial do censo IBGE/2010, atividade desenvolvida pelo Ponto de Cultura Memória da Gente e Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (UFG).
04/07/13	Reunião para organização do Seminário comemorativo aos 80 anos de Goiânia.
04/07/13	Visita do Sócio Emérito, escritor Gilberto Mendonça Teles, residente no Rio de Janeiro.
22/07/13	Visita do professor Eurípedes de Oliveira, da Universidade da Califórnia (EUA) e da professora Valcir Maria Batista, do Centro de Educação Profissional Sebastião Siqueira, da cidade de Aparecida de Goiânia.
02/08/13	Visita da bibliotecária Maria de Lourdes Primo, coordenadora da Biblioteca Ursulino Leão da cidade de Aparecida de Goiânia.

15/08/13	Reunião da Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás com Júlio José Fratus e entrega da 1ª e 2ª etapas do projeto “Folha de Goyaz. Microfilmagem e Digitalização do primeiro jornal diário de Goiânia”.
16/08/13	Visita da bibliotecária Maria de Lourdes Primo, coordenadora da Biblioteca Ursulino Leão, para agradecimento pelas doações de livros à Biblioteca Municipal de Aparecida de Goiânia.
19/08/13	Visita do sócio correspondente, Domingos Pacífico Castello Branco, residente no Rio de Janeiro.
23/08/13	Reunião com representantes das entidades: Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e UNIEvangélica para organizar o Seminário 80 Anos de Goiânia.
26/08/13	Reunião para organizar a publicação do livro “GOIÂNIA 80 anos de poesia”.
28/08/13	Realização da Oficina histórico-literária, no Centro de Educação de Período Integral Cecília Meireles, em Vila Brasília, Aparecida de Goiânia.
28/08/13	Reunião para elaboração do folder do Seminário “80 Anos de Goiânia”.
09/09/13	Reunião dos Pontos de Cultura: Memória da Gente – IHGG e da Associação de Amigos do Centro Livre de Artes.
10/09/13	Reunião das Instituições Culturais com o Governador Marconi Perillo, para agradecer o apoio cultural e financeiro recebido do Governo Estadual.
10/09/13	Reunião para organização do Seminário “80 anos de Goiânia”.
11/09//13	Solenidade de homenagem aos 75 anos do Jornal “O Popular” e 50 anos da “TV Anhanguera”, no auditório Augusto da Paixão Fleury Curado, do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Orador oficial: Ursulino Tavares Leão.
12/09/13	Reunião com o reitor da Universidade Federal de Goiás, professor Dr. Edward Madureira Brasil, para a possibilidade de ampliação do convênio de estágio supervisionado entre a UFG e o IHGG, para os cursos de História e Biblioteconomia.
13/09/13	Lançamento de livros na cidade de Ipameri, no Clube de Engenharia do Exército Nacional, com a presença do presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Geraldo Coelho Vaz e dos autores: Ubirajara Galli, Luis Alberto Queiroz e Antônio Lisboa.

13/09/13	Primeiro Encontro de Escritores Goianos promovido pela biblioteca “Ursulino Tavares Leão”, da cidade de Aparecida de Goiânia.
16/09/13	Visita do presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Patos da Paraíba, escritor José Mota Victor.
24/09/13	Seminário 80 anos de Goiânia – Mesa Redonda: Abordagem Cultural de Goiânia. Palestrantes e temas abordados: Alex Rats – <i>Trajatórias Afrogoianiense</i> . Eleuzenira Menezes – <i>Os Fluxos Migratórios para Goiânia</i> . Giovana Galvão Tavares – <i>Zoroastro Artiaga: o divulgador do sertão goiano (1930 – 1970)</i> . Martiniano José da Silva / <i>O Disfarçado Racismo Brasileiro</i> .
25/09/13	Visita do Professor Dr. Itami Campos, sócio titular do IHGG
02/10/13	Realização do Seminário “80 anos de Goiânia” - Mesa Redonda: Memória e Depoimentos.  Palestrantes e temas abordados: Antônio César Caldas Pinheiro– <i>A Criação da PUC</i> . Antônio Teixeira Neto - <i>O papel social da antiga Escola Técnica de Goiânia na formação de mão de obra técnica</i> . Itaney Campos - <i>A importância de Campinas para a construção de Goiânia</i> . Jadir Pessoa - <i>Lendo Goiânia com a Literatura</i> . Orlando Ferreira de Castro – <i>Criação da UFG</i> .
07/10/13	Visita de professores de Natal, Rio Grande do Norte: José Braz da Silva Leite, Genivaldo Rosa, Cleitom Giovani de Oliveira Castro.
10/10/13	Seminário “80 anos de Goiânia” – Mesa Redonda: Representação Literária.  Palestrantes e temas abordados: Aidenor Aires - <i>Contemporaneidade literária</i> . Bariani Ortencio - <i>Goiânia: Bonfim ou Campinas</i> . Coelho Vaz - <i>Literatura Goianiense</i> . Lena Castello Branco Ferreira de Freitas - <i>Goiânia: mitos e realidade</i> . Luiz Augusto Sampaio - <i>Primórdios de Goiânia, história curiosa e divertida da nova capital</i> .
18/10/13	Gravação de entrevista realizada pelo mestrando Weder Freitas, sobre vida e obra do sócio titular Horieste Gomes.

18/10/13	<p>Seminário “80 anos de Goiânia” Mesa Redonda: Repensando Goiânia.</p> <p>Palestrantes e temas abordados: Angelita Lima - <i>Uma leitura da cidade pelo Jornalismo Literário</i>. Brasigóis Felício - <i>Goiânia, caminhos e descaminhos da cidade vertiginosa</i>. Eguimar Felício Chaveiro - <i>Os Confins da Metrópole: sujeitos, objetos e fluxos</i>. Genilda D'arc Bernardes - <i>Repensando Goiânia: da construção aos dias atual</i>. Itami Campos - <i>Goiânia na política de Goiás</i>.</p>
23/10/13	Reunião com o coordenador do curso de História da Universidade Federal de Goiás e sócio titular, Noé Freire Sandes, sobre Convênio/estágio entre a UFG e o IHGG.
23/10/13	Visita da escritora Placidina Lemes Siqueira, membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.
01/11/13	Visita dos alunos da “Escola Arte Vida” do setor Marista, Goiânia, Goiás; na oportunidade o presidente fez doações de livros para a biblioteca da Escola.
07/11/13	Ato Cultural pela Memória, Verdade e Justiça – com apresentação do cantor/compositor Itamar Correia.
11/11/13	Gravação de entrevista com Agripino Dionísio Gualberto, para o projeto Memória Viva do Núcleo de Memória Audiovisual do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
23/11/13	Primeira Feira Cultural de Itumbiara (IFIC). Promoção da Faculdade Santa Rita de Cássia, com participação de diversos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.
26/11/13	Visita do escritor padre Ronaldo Manoel da Silva, da cidade Nerópolis.
26/11/13	Reunião para organização do projeto “Memória Viva do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás”.
26/11/13	Reunião do Ponto de Cultura Memória da Gente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

27/11/13	Sessão Solene de Posse dos escritores Desembargador Itaney Francisco Campos, Cadeira nº 8, patrono Luiz Antônio da Silva e Souza e do Historiador Dr. Jales Guedes Coelho Mendonça, cadeira nº 5, patrono Albatênio Caiado de Godoy. O discurso de saudação aos novos associados foi proferido pelo sócio titular Dr. Aidenor Aires.
30/11/13	Os escritores Ubirajara Galli e Geraldo Coelho Vaz viajaram à Brasília para receber a coleção de Jornal “IPAMERI JORNAL”, doação da viúva do diretor do referido jornal, Edésio Daher, professora Letícia Álvares Daher.
09/12/13	Reunião com representantes das instituições culturais para organização da Cantata de Natal.
19/12/13	Cantata de Natal, no auditório Augusto da Paixão Fleury Curado do IHGG, em parceria com a Academia Goiana de Letras, Academia Feminina Letras e Artes de Goiás e União Brasileira Escritores, seção de Goiás.

# SÓCIOS DO IHGG



## SÓCIOS DO IHGG

### Titulares

Cadeira nº 1

Patrono: Pedro Ludovico Teixeira

Titular: UBIRAJARA GALLI

Cadeira n. 2

Patrono: Maria Angélica do Couto Brandão

Titular: JUAREZ COSTA BARBOSA

Cadeira n. 3

Patrono: Francis Castenau

Titular: FRANCISCO ITAMI CAMPOS

Cadeira n. 4

Patrono: Guimarães Natal

Titular: EDUARDO JOSÉ REINATO

Cadeira n. 5

Patrono: Albatênio Caiado de Godoy

Titular: JALES GUEDES COELHO  
MENDONÇA

Cadeira n. 6

Patrono: Zoroastro Artiaga

Titular: RUY RODRIGUES DA SILVA

Cadeira n. 7

Patrono: Arlindo P. Cardoso

Titular: ELIZABETH ABREU CALDEIRA  
BRITO

Cadeira n. 8

Patrono: Luís Antônio da Silva e Souza

Titular: ITANEY FRANCISCO CAMPOS

Cadeira n.9

Patrono: Antônio Félix de Bulhões Jardim

Titular: FRANCISCO LUDOVICO DE  
ALMEIDA NETO

Cadeira n. 10

Patrono: Gelmires Reis

Titular: MOEMA DE CASTRO E SILVA  
OLIVAL

Cadeira n. 11

Patrono: Honestino Guimarães

Titular: IURI RINCON GODINHO

Cadeira n. 12

Patrono: Capistrano de Abreu

Titular: NELSON LOPES FIGUEIREDO

Cadeira n. 13

Patrono: Pe. Luiz Palacin Gomes

Titular: JOSÉ PEREIRA DE MARIA

Cadeira n. 14

Patrono: Joaquim Bonifácio de Siqueira

Titular: ANTÔNIO TEIXEIRA NETO

Cadeira n. 15

Patrono: Emmanuel Pohl

Titular: LUIZ AUGUSTO PARANHOS  
SAMPAIO

Cadeira n. 16

Patrono: Auguste de Saint-Hilaire

Titular: BRASIGÓIS FELÍCIO CARNEIRO

Cadeira n. 17

Patrono: Raimundo José da Cunha Matos

Titular: JADIR DE MORAES PESSOA

Cadeira n. 18

Patrono: Couto de Magalhães

Titular: MARTINIANO JOSÉ DA SILVA

Cadeira n. 19

Patrono: José Martins Pereira de Alencastre

Titular: HÉLIO MOREIRA

Cadeira n. 20

Patrono: Luiz Gonzaga de Faria

Titular: AIDENOR AIRES

Cadeira n. 21  
Patrono: José Lobo  
Titular: LUÍS ANTÔNIO ESTEVAM

Cadeira n. 22  
Patrono: Sebastião Pompeu de Pina  
Titular: AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO

Cadeira n. 23  
Patrono: Crispiniano Tavares  
Titular: MÁRIO RIBEIRO MARTINS

Cadeira n. 24  
Patrono: José Lopes Rodrigues  
Titular: NEY TELES DE PAULA

Cadeira n. 25  
Patrono: Luiz do Couto  
Titular: JOSÉ AMAURY DE MENEZES

Cadeira n. 26  
Patrono: Jarbas Jayme  
Titular: JACIRA ROSA PIRES

Cadeira n. 27  
Patrono: Manoel Onofre Andrade  
Titular: LEDONIAS FRANCO GARCIA

Cadeira n. 28  
Patrono: Bouyhan Helou  
Titular: EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO

Cadeira n. 29  
Patrono: Salomão de Vasconcelos  
Titular: HELOISA SELMA FERNANDES CAPEL

Cadeira n. 30  
Patrono: Clifford Evans  
Titular: ALTAIR SALES BARBOSA

Cadeira n. 31  
Patrono: Eurídice Natal e Silva  
Titular: MARIA NARCISA DE ABREU CORDEIRO PIRES

Cadeira n. 32  
Patrono: José Peixoto da Silveira  
Titular: JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA JÚNIOR

Cadeira n. 33  
Patrono: Antônio Americano do Brasil  
Titular: ROGÉRIO ARÉDIO FERREIRA

Cadeira n. 34  
Patrono: Amália Hermano Teixeira  
Titular: JOSÉ ÂNGELO RIZZO

Cadeira n. 35  
Patrono: Moisés Santana  
Titular: MARIA TEREZINHA CAMPOS SANTANA

Cadeira n. 36  
Patrono: Ricardo Paranhos  
Titular: NASR NAGIB FAYAD CHAUL

Cadeira n. 37  
Patrono: Luís Cruls  
Titular: HORIESTE GOMES

Cadeira n. 38  
Patrono: Henrique Silva  
Titular: GETÚLIO TARGINO LIMA

Cadeira n. 39  
Patrono: José Honorato de S. Silva  
Titular: LICÍNIO LEAL BARBOSA

Cadeira n. 40  
Patrono: Dom Emanuel Gomes de Oliveira  
Titular: ÁUREA CORDEIRO DE MENEZES

Cadeira n. 41  
Patrono: Maria Barbosa Reis  
Titular: ANTÔNIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO

Cadeira n. 42  
Patrono: Ministro Jorge Latour  
Titular: BINÔMIO DA COSTA LIMA

Cadeira n. 43  
Patrono: Cora Coralina  
Titular: MARIA DO ROSÁRIO  
CASSIMIRO

Cadeira n. 44  
Patrono: Francisco Tosi Colombina  
Titular: JOSÉ FERNANDES

Cadeira n. 45  
Patrono: Cândido Mariano Rondon  
Titular: HEITOR ROSA

Cadeira n. 46  
Patrono: Manoel Aires de Cazal  
Titular: WALDOMIRO BARIANI  
ORTÊNCIO

Cadeira n. 47  
Patrono: Regina Lacerda  
Vaga

Cadeira n. 48  
Patrono: Rosarita Fleury  
Vaga

Cadeira n. 49  
Patrono: Joaquim Teotônio Segurado  
Titular: ANA BRAGA

Cadeira n. 50  
Patrono: Gerson de Castro Costa  
Titular: NOÉ FREIRE SANDES

## SÓCIOS EMÉRITOS

Ático Vilas Boas  
Cristovam Francisco de Castilho  
Elder Camargo de Passos  
Geraldo Coelho Vaz  
José Mendonça Teles

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas  
Mari de Nazaré Baiocchi  
Maria Augusta Callado di Saloma Rodrigues  
Maria Augusta Sant'Anna de Moraes  
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva  
Ursulino Tavares Leão

## SÓCIOS CORRESPONDENTES

Adilson César  
Ana Maria de Almeida Camargo  
Andréa Luísa de Oliveira Teixeira  
Antolinda Baía Borges  
Antônio Oliveira Mello  
Arno Wehling  
Bráulio Nascimento  
Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado  
Carlos Gomes de Carvalho  
Carlos Granado Vieira de Castro  
Consuelo Pondé de Sena  
Cybelle Moreira de Ipanema  
Djalma Silva  
Domingos Pacífico Castello Branco Ferreira  
Dulce Madalena Rios Pedroso

Edmar Camilo Cotrim  
Esther Caldas Guimarães Bertoletti  
Filadelfo Borges de Lima  
Gilson Silva  
Gustavo Neiva Coelho  
Hilda Agnes Hübner Flores  
Iapery Soares de Araújo  
Itapuan Bôtto Targino  
Jayme Lustosa de Altavila  
João Alberto Novis Gomes Monteiro  
João Asmar  
José Faria Nunes  
Josemar Bezerra Raposo  
José Otávio de Arruda Mello  
José Luiz Bittencourt

Manoel Rodrigues Ferreira  
Marlene Gomes Velasco  
Maria Helena de Amorim Romacheli  
Mauro da Costa Lima  
Melquíades Pinto Paiva  
Oswaldo Rodrigues Póvoa  
Paulo Nunes Batista  
Ramir Curado  
Sônia Maria Ferreira  
Stella Leonardos

Terezy Fleury de Godoi  
Umbelina Frota  
Valdemes Ribeiro Menezes  
Valdon Varjão  
Vera Lopes Siqueira  
Yasmin Jamil Nadaf  
Yvan Avena  
Zélia dos Santos Diniz  
Zilda Pires da Silva  
Wellington Aguiar

### **SÓCIOS CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS**

Esteban Alvarado Vera  
Jaime Romanini Gainza

Manuel Valásquez Rojas  
Maria Esther Robledo  
Wellington Castillo Sánchez

### **SÓCIOS BENEMÉRITOS**

Humberto Crispim Borges

Gilberto Mendonça Teles

### **SÓCIOS HONORÁRIOS**

Antônio de Souza Almeida  
Armando Calheiros Acioli  
Eliezer Penna  
Ely Camargo  
Goiana Vieira da Anunciação  
Hélio Seixo de Brito Júnior  
Jofre Marcondes de Rezende  
Jônathas Silva  
Jorge de Moraes Jardim  
Kleber Adorno  
Leonardo Martins Normanha  
Lourival Louza Júnior

Luiz José Bittencourt  
Marconi Ferreira Perillo Júnior  
Maria Abadia Silva  
Milca Severino Pereira  
Nelson Patriota  
Pedro Paulo Montenegro  
Pedro Wilson Guimarães  
Terezinha Vieira dos Santos  
Vilmar de Silva Rocha  
Waldir Fernandes Madalena  
Waldyr Eduardo Aidar  
Walterdan Fernandes Madalena

# GALERIA DE FOTOS





*Presidente do IHGG Geraldo Coelho Vaz assina o Termo de Posse 15-04-13*



*Governador Marconi Perillo recebe homenagem na Sessão Magna dos 80 anos do IHGG - 8-11-12*



*Músicos Goiana Vieira da Anunciação e Vagner Rosa*



*Associados palestrantes no Seminário Formação de Goiás Contemporâneo - setembro-2012*



*Sócios e convidados na Posse da nova Diretoria 15-04-13*



*Palestrantes e convidados no Seminário 80 anos de Goiânia 24-09-13*



Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a PRONTO EDITORA GRÁFICA / KELPS, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável

Este livro foi impresso na oficina da PRONTO EDITORA  
GRÁFICA/ KELPS, no papel: Off-set 75g, composto na fonte  
Liberation Serif, corpo 11,5  
julho, 2015

---

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor